



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

WAIESER MATOS DE OLIVEIRA BASTOS

NEUROSE OBSESSIVA EM MULHERES

Fortaleza

2010

WAIESER MATOS DE OLIVEIRA BASTOS

NEUROSE OBSESSIVA EM MULHERES

Dissertação apresentada à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia

Orientadora: Prof. Dra. Laéria Bezerra Fontenele

Fortaleza

2010

Bastos, Waieser Matos de Oliveira.

Neurose obsessiva em mulheres / por Waieser Matos de Oliveira Bastos. – 2010.
92 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia) –
Universidade Federal do Ceará, 2010.

“Orientação: Prof. Dra. Laéria Bezerra Fontenele.”

1-Transtornos neuróticos – feminino. I- Título.

CDD – 155.633

WAIESER MATOS DE OLIVEIRA BASTOS

NEUROSE OBSESSIVA EM MULHERES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Laéria Bezerra Fontenele (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof. Dr. Sergio Scotti
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Osterne Nonato Maia Filho
Universidade de Fortaleza – UNIFOR

Àquele que me concede vitória.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pelo incentivo financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

Aos meus mestres que me interrogaram constantemente e por suas valiosas sugestões.

Aos colegas e parceiros do mestrado, pelos embates teóricos, críticas e reflexões.

Aos que acreditaram que seria possível realizar esse trabalho.

À Betty Fuks, pelo incentivo.

À Laéria Fontenele (Orientadora), pelo carinho e, principalmente, por me despertar nos momentos difíceis.

À Janaina e ao João Gabriel que seguraram a barra.

Aos meus pais que vibram em silêncio.

RESUMO

Esse trabalho de dissertação de mestrado visou realizar uma investigação bibliográfica na obra de Sigmund Freud e Jacques Lacan com o propósito de descrever e analisar o desenvolvimento dado por eles ao tema da neurose obsessiva em mulheres. Nele indagamos, ainda, acerca das possíveis relações entre o modo como se edificou o complexo de Édipo de uma mulher acometida de neurose obsessiva e os destinos de sua feminilidade. O nosso interesse é o de discutir as relações entre as condições estruturais que particularizam a neurose obsessiva em mulheres - a relação à castração, ao Outro, ao falo, ao desejo e ao gozo, no que este revela as particularidades da ação do supereu nessa neurose – e o problema da construção da feminilidade como saída para o Édipo feminino. A nossa metodologia de pesquisa foi eminentemente teórica, muito embora sempre correlacionada com a prática clínica na medida em que se fez valer do comentário de vários casos clínicos. Pesquisamos, na obra de Freud e de Lacan, os textos em que esses autores trataram de uma forma mais geral ou específica de nossa temática de pesquisa, o que nos permitiu demarcar a evolução da problemática acerca das relações entre neurose e sexualidade para, enfim, procuramos sistematizar as questões pertinentes às consequências da neurose obsessiva para a sexualidade feminina, notadamente no que diz respeito à conquista da feminilidade como condição apontada por Freud para a superação da inveja do pênis, e com isso, para que se observe em seu psiquismo a subjetivação da falta e a edificação de seu supereu. Outra constatação foi a de que as especificidades do Édipo feminino na neurose obsessiva impõem sérios obstáculos à sua resolução, o que observamos estar associado ao tipo de ligação pré-edípica entre a filha e a mãe, o que repercute na ação feroz do supereu.

Palavras-chave: Neurose obsessiva, sexualidade, complexo de Édipo, feminilidade

RESUMEN

Este trabajo de tesis tuvo como objetivo llevar a cabo una búsqueda bibliográfica sobre la obra de Sigmund Freud y Jacques Lacan con el fin de describir y analizar el desarrollo que prestan para el tema de la neurosis obsesiva en las mujeres. Tratamos también sobre la posible relación entre la forma cómo surgió el complejo de Edipo de una mujer afligida con la neurosis obsesiva y los destinos de su feminidad. Nuestro interés es discutir la relación entre las condiciones estructurales que distinguen a la neurosis obsesiva en las mujeres – la relación ante la castración, ante el Otro, para hablar, el deseo y el placer, ya que revela las peculiaridades de la acción del superyó en esta neurosis - y el problema de la construcción de la feminidad como salida para el Edipo femenino. Nuestra metodología de la investigación fue principalmente teórica, aunque siempre se correlaciona con la práctica clínica en la que se invoca por los comentarios de varios casos clínicos. Se realizaron búsquedas en las obras de Freud y Lacan, específicamente en los textos al cual estos autores tratan al tema de nuestra investigación de forma más general o específica, lo que nos permitió demarcar la evolución de la problemática acerca de la relación entre la neurosis y la sexualidad para en fin tratar de sistematizar las cuestiones pertinentes a las consecuencias de la neurosis obsesiva para la sexualidad femenina, especialmente respecto a la conquista de la feminidad como una condición señalada por Freud para superar la envidia del pene, y con eso, para que se pueda observar en su psiquismo la subjetivación de la falta y al surgimiento de su superyó. Otro hallazgo fue que las características específicas del Edipo femenino en la neurosis obsesiva imponen serios obstáculos para su resolución, lo que hemos observado que se asocia con el tipo de vínculo preedípica entre madre e hija, lo que afecta a la acción feroz del superyó.

Palabras llave: Neurosis obsesiva, sexualidad, complejo de Edipo, feminidad.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: OS PRIMÓRDIOS DO CONCEITO DE NEUROSE OBSESSIVA EM FREUD	16
1.1. O PRELÚDIO DAS OBSESSÕES EM FREUD	16
1.2. OS DESDOBRAMENTOS DA CLÍNICA	22
1.3. CONSIDERAÇÕES ACERCA DA FANTASIA DA DÍVIDA DO HOMEM DOS RATOS	24
1.4. O ASPECTO TÓPICO, DINÂMICO E ECONÔMICO DA DÍVIDA	26
1.5. UMA BREVE DISCUSSÃO CLÍNICA	28
CAPÍTULO 2: NEUROSE E SEXUALIDADE.....	31
2.1. NEUROSE E SEXUALIDADE EM FREUD.....	31
2.2. NEUROSE E SEXUALIDADE: DA FANTASIA À PULSÃO.....	41
2.3. NEUROSE E SEXUALIDADE FEMININA	45
2.4. OS TEMPOS SUBJETIVOS DA FANTASIA DE ESPANCAMENTO	48
CAPÍTULO 3: A NEUROSE OBSESSIVA EM MULHERES EM FREUD, LACAN E NA CONTEMPORANEIDADE.....	53
3.1. SEXUALIDADE FEMININA EM FREUD.....	53
3.2. O DESEJO HISTÉRICO E O DESEJO OBSESSIVO	58
3.3. A NEUROSE OBSESSIVA FEMININA EM FREUD	62
3.4. O (<i>GENUSS</i>) NA NEUROSE OBSESSIVA FEMININA.....	66
3.5. A NEUROSE OBSESSIVA DE MULHERES EM JACQUES LACAN.....	69
3.6. O PAI, SUA FUNÇÃO E A NEUROSE OBSESSIVA	75
3.7. A MULHER OBSESSIVA NA CLÍNICA PSICANALÍTICA CONTEMPORÂNEA.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88

INTRODUÇÃO

Despertarmos o nosso interesse para o tema da neurose obsessiva em mulheres quando do contato com alguns textos de autores contemporâneos que apontavam haver, se não uma maior incidência da neurose obsessiva em mulheres na contemporaneidade, pelo menos a presença de uma conduta de traços obsessivos nas mulheres contemporâneas (COSTA, 1995; CHEMAMA, 1995). Tal questão apontava para as relações entre as determinações históricas e sociais e seu entrecruzamento com a constituição subjetiva, levando a um debate polêmico acerca da existência ou não de novas formas de sintoma ou da ocorrência ou não de mudanças estruturais da subjetividade pelo mesmo motivo. No entanto, apesar de considerarmos a necessidade de um maior exame dessa questão, pareceu-nos haver, nesse debate, uma associação, mesmo que de forma não direta, entre neurose obsessiva e posição masculina, como se, na sociedade contemporânea, a citada maior incidência de mulheres obsessivas fosse correlativa a condutas e papéis sociais e produções discursivas masculinas por elas adotadas em função da nova condição que lograram ocupar na nossa cultura.

Sabemos que, embora Freud tenha feito, desde o início de sua trajetória, uma associação entre neurose e sexualidade, essa não diz respeito a uma analogia biunívoca entre um determinado tipo de neurose e um determinado sexo. Desde cedo, demonstrou que os tipos de neuroses não escolhem sexos ou o contrário, como também não há relações diretas entre a escolha do objeto e a escolha da neurose. No entanto, consideramos com ele que homens e mulheres vivenciam o Complexo de Édipo de forma diferente, sendo diversa, portanto, a relação do homem e da mulher com a castração e, também, com o falo. Tal perspectiva nos fez indagar acerca das implicações das especificidades do Édipo Feminino no que diz respeito à complexidade de seu desenlace na produção da neurose em mulheres, mais especificamente no que diz respeito à ocorrência da neurose obsessiva em mulheres. Ora, se Freud define que a resolução desse complexo na menina coincidiria com o desenvolvimento da feminilidade, e que a dificuldade em edificá-la estaria ligada ao fato de que nossa cultura lhe tem sido adversa, perguntamo-nos acerca das implicações da ocorrência da neurose

obsessiva em mulheres e a sua relação com os destinos do Édipo na menina e com o acesso à feminilidade.

Para dar conta dessa questão, bem como para contribuirmos indiretamente com o debate acerca da incidência contemporânea da neurose obsessiva em mulheres, consideramos ser necessário trabalhar vários níveis da questão, do mais geral ao mais particular, de modo a esclarecermos os seus fundamentos para então chegarmos ao esclarecimento de nossa questão. Com isso, partimos, em primeiro lugar, da genealogia da categoria da neurose obsessiva compulsiva na obra de Freud para, em seguida, discutirmos a relação entre neurose e sexualidade e, por último, a relação entre neurose obsessiva, situação edípica e sexualidade feminina.

Buscamos, nas obras de Freud e Lacan, as principais contribuições que nos ajudasse a trabalhar o nosso objeto de pesquisa. Nesse trajeto, observamos a riqueza de detalhes teóricos e clínicos deixados por esses dois psicanalistas, principalmente no que concerne ao tema da neurose obsessiva em mulheres e sua relação com a sexualidade feminina. Portanto, a investigação em torno do tema dessa pesquisa acenou para um ponto de vista até então pouco discutido em psicanálise, que é a alta incidência de traços neuróticos obsessivos em mulheres.

Desse modo, o viés diagnóstico de Sigmund Freud parece não ter se recusado em fazer descrições (mesmo fragmentárias) pontuais sobre a neurose obsessiva em mulheres, principalmente em uma época de grandes impasses sociais para o universo feminino. Mesmo narrando pequenos fragmentos clínicos sobre o tema aqui discutido, Freud não abriu mão de investigar e dar pleno desenvolvimento teórico/clínico a essa amostragem diagnóstica. Logo, foi a partir dos casos de neurose obsessiva em mulheres (FREUD, 1894 [1996], 1895 [1996]) que ele realizou os prelúdios teóricos em torno dessa entidade clínica que mais tarde denominaria de neurose obsessiva compulsiva.

Jacques Lacan também realizou importantes incursões no tema da neurose obsessiva em mulheres. Diferente de Freud, Lacan partiu do ponto de vista estrutural a fim de marcar a posição da mulher tornada neurótica obsessiva diante do Outro da lei e, principalmente, perante o significante fálico. Provocando discussões teóricas sobre o tema da neurose obsessiva a partir de casos clínicos de outros autores (BOUVET, FAIRBAIRN), Jacques Lacan localiza a posição subjetiva da neurótica diante dos impasses para com a construção da sexualidade feminina. Consequentemente, as problemáticas levantadas por esses psicanalistas em torno da neurose obsessiva feminina foram norteando as consequências teóricas imbricadas nessa pesquisa.

O préstimo acadêmico desse trabalho se especifica por promover para o discurso psicanalítico uma reflexão teórica sobre o referido tema, contribuindo, mesmo de forma pontual, para minorar a escassez de discussões em torno da neurose obsessiva em mulheres que leve em consideração as particularidades da feminilidade nesse tipo de mulher e sua relação com sua produção sintomática.

O principal objetivo de nossa pesquisa consistiu justamente em compreender a estrutura da neurose obsessiva em mulheres e suas consequências para pensar os destinos da sexualidade feminina e, a partir dessa questão, problematizar, com Freud e com Lacan, os questionamentos teórico-clínicos acerca da incidência de neurose obsessiva em mulheres. Desse modo, aspiramos mostrar, a partir dos objetivos da pesquisa, que o nó edípiano marca um encontro possível com a escolha da neurose para ambos os sexos. No entanto, a saída edípica para uma mulher tornada neurótica obsessiva tem importantes consequências para a construção da feminilidade dessas mulheres.

A metodologia adotada na pesquisa por nós empreendida foi eminentemente bibliográfica, muito embora tenha relação com a clínica psicanalítica, dada a referência constante a casos clínicos repertoriados por Freud e Lacan.

Elencamos abaixo os textos por nós retomados e analisados nos desdobramentos de nossa pesquisa, bem como as razões metodológicas que nortearam a respectiva seleção.

Com fins de investigar as problemáticas de pesquisa e suas particularidades quanto à neurose obsessiva em Freud, elencamos os textos “As Neuropsicoses de Defesa” (1894), e “Obsessões e fobias” (1895 [1996]), pois acreditamos que esses trabalhos inauguram a exegese da neurose obsessiva como entidade clínica.

Para os textos referentes à sexualidade, retomamos “A hereditariedade e a Etiologia das Neuroses” (1894), “Observações Adicionais sobre as Neuropsicoses de Defesa” (1896a 1896c [1996]), “A Sexualidade na Etiologia das Neuroses” (1898a [1996]), “Mecanismo Psíquico do esquecimento” (1898b [1996]), “Minhas Teses Sobre o Papel da Sexualidade na etiologia das Neuroses” (1905a [1996]), “Os Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade” (1905b [1996]), O Narcisismo (1914), entre outros, os quais nos serviram de norte para investigar as contribuições de Freud no que concerne à relação entre sexualidade e apresentação do sintoma na etiologia das neuroses.

Quanto à obra de Jacques Lacan, retomamos os Seminários IV “A Relação de Objeto” (1957) e o Seminário V “As Formações do Inconsciente” (1958), com o propósito de pesquisar a relação do neurótico obsessivo com a fantasia, com o desejo e com o sintoma. Como apoio teórico/clínico, rastreamos o Seminário II (1954 [1985]), “O Eu na Teoria de

Freud e na Técnica da Psicanálise”, o Seminário VIII “A Transferência” (1960-61) e o Seminário IX (1961-62 [1982]) “A Identificação” com fins de rever as discussões neles presentes sobre o tema da neurose obsessiva em mulheres. Enfim, abordamos os encaminhamentos feitos por Lacan quanto ao tema da sexualidade feminina a partir dos “Escritos” (1960 [1998]), nos quais ele descreve “As diretrizes para um Congresso Sobre a Sexualidade Feminina”, e no Seminário “Mais, ainda” (1972-73 [1985]), no qual o autor traz grande contribuição teórica para o tema da sexualidade.

No primeiro capítulo de nossa dissertação, tratamos de traçar o desenvolvimento do conceito de neurose obsessiva por Sigmund Freud. Nele, evidenciamos que os seus primeiros achados acerca desta neurose estiveram, em princípio, associados aos conceitos de defesa, afeto e representação. Observamos, ainda, quanto a isso, que o “eu” na neurose obsessiva visa burlar a relação entre o afeto e sua representação. Freud (1894 [1996]) levou em consideração a dimensão defensiva do “eu” na neurose obsessiva por ter percebido a incidência de uma força repulsiva que se contrapõe às representações intoleráveis ao “eu”. Essas questões demarcam a probabilidade de articular as representações obsessivas à vida erótica dos neuróticos. Portanto, o desenvolvimento desse trabalho culminou na produção de repostas possíveis a fim de acessarmos a relação entre o desejo, a culpa e o gozo neurótico. A partir dessas associações mais amplas, retiramos as consequências sintomáticas imbricadas na questão da neurose obsessiva em mulheres.

No segundo capítulo, buscamos fundamentar, a partir dos textos de Freud e de Jacques Lacan, o aspecto central da pesquisa, qual seja o de traçarmos as especificidades da constelação edípica da menina e compreender sua relação com a estrutura da neurose obsessiva e suas consequências para pensar os destinos da sexualidade feminina nessas mulheres. Para tanto, nossa rota teórica partiu dos textos pré-psicanalíticos: “Hereditariedade e a Etiologia das Neuroses” (1896a) [1996], e “A sexualidade na Etiologia das Neuroses” (1898a [1996]); portanto, trabalhos inaugurais de Freud, nos quais ele tratou das questões concernentes aos danos causados na construção da sexualidade humana. No texto, “A hereditariedade e a Etiologia das Neuroses”, Freud desvinculou a causa das neuroses das questões hereditárias. Para isso, ele passou a considerar a influência de aspectos subjetivos na vida dos neuróticos. Foi, no entanto, em “Observações adicionais sobre as Neuropsicoses de Defesa” (1896c [1996]) que ele abordou com mais precisão, a natureza e o mecanismo da neurose obsessiva à luz do desenvolvimento da sexualidade humana. Para Freud, naquele momento, a precocidade sexual ativa seria a consequência principal para a aferição etiológica da neurose obsessiva. Esses textos inaugurais fundamentaram a tese de Freud, em que ele

afirma (1896a) que abordou com mais precisão a natureza e o mecanismo da neurose obsessiva à luz dos eventos traumáticos das neuroses fato que ocorreriam antes da puberdade. No entanto, a sua irrupção adviria somente depois dela¹.

Com a finalidade de afunilarmos a nossa discussão em torno da neurose obsessiva em mulheres na produção desse capítulo (Neurose e Sexualidade), ocupamo-nos em problematizar os principais pontos de desenvolvimento do tema das neuroses e da sexualidade em Freud. Para isso, foi preciso a realização de cortes e costuras teóricas em torno da sua obra, principalmente por conta do estilo literário do autor, pois o que é dito antes por Freud pode ser ressignificado pelo que vem depois. O avanço mais significativo de Freud quanto à relação entre neurose e sexualidade se deu em “Minhas Teses Sobre o Papel da Sexualidade na Etiologia das Neuroses” (1905 [1996]). Nesse texto, ele abandona a teoria da sedução como causa central do trauma desencadeador da neurose e adota a tese do papel preponderante das fantasias sexuais infantis na edificação da realidade psíquica, bem como nos sintomas neuróticos. Essa virada teórica de Freud colocou no centro de suas discussões a implicação do sujeito com as questões da sexualidade. Essas conclusões estiveram amparadas em seu trabalho anterior, os “Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade” (1905b [1996]), no qual ele associou o conceito de sexualidade ao de pulsão. Sua tese central nesse texto é a de que “o sintoma é a atividade sexual do neurótico”.

Outro texto discutido nesse capítulo foi “Uma criança é Espancada” (1919 [1996]), no qual pudemos constatar que é exatamente por não sustentar uma posição desejante no Édipo que a menina entrará no segundo tempo da fantasia, na qual ela sairá da posição de sujeito que sustenta o seu desejo para uma posição de objeto, à medida que a menina recua diante daquilo que ela deseja. Como informa Lacan em seu Seminário V: “As Formações do Inconsciente” (1957-58 [1999]), é como precavida perante o objeto de seu desejo que uma mulher obsessiva se esvanece diante do desejo. Será a partir desse ponto de vista que sustentamos com Freud e com Lacan as especificidades das saídas edípicas de mulheres tornadas neuróticas obsessivas. Concluimos o nosso terceiro capítulo, trazendo para a discussão as problematizações de alguns autores contemporâneos acerca do tema, para retomarmos a relação entre o nosso propósito de pesquisa e as teses por eles defendidas. Em Freud (1933 [1996]), a inscrição da feminilidade na cultura advém pelo viés da maternidade. Para os autores contemporâneos, é a escolha sexual que separa a feminilidade da maternidade. Os

¹ No início de suas elaborações teóricas, Freud (1896) associou o trauma a uma experiência de sedução. Logo em seguida, Freud (1897) passou a se apoiar nas fantasias sexuais precoces, superando assim a teoria da sedução.

autores apresentam vários pontos de vista no sentido de assegurar a posição discursiva da mulher contemporânea na cultura atual, dentre esses a obsessivação das condutas femininas.

Para a confecção de nosso terceiro capítulo, realizamos um levantamento criterioso dos casos de neurose obsessiva descritos por Sigmund Freud e Jacques Lacan. Apesar de ter dado maior relevância ao caso clínico do “Homem dos Ratos” (1909 [1996]), Freud escreveu alguns casos de mulheres neuróticas obsessivas. A publicação desses fragmentos clínicos entre 1893 e 1894 revelou a honestidade clínica e o arrojo teórico de Freud perante uma sociedade moralista e hostil em relação às questões sexuais informadas por esse pesquisador. Nesse capítulo, adentramos às questões que apontaram para a relação entre a escolha da neurose e os impasses para com a construção da feminilidade, essencial ao objetivo de nossa pesquisa. As discussões de casos clínicos de neurose obsessiva em mulheres, publicadas por outros autores, mas que foram discutidos por Jacques Lacan, foram de grande relevância para essa pesquisa, pois possibilitaram que discutíssemos, a partir de Lacan, as especificidades sintomatológicas de mulheres tornadas neuróticas obsessivas e sua relação com o gozo fálico e o gozo Outro. Para Lacan, na neurose obsessiva o desejo do sujeito está hipotecado pela chancela materna. Essa hipoteca tem uma função estrutural para a economia psíquica do sujeito obsessivo: negar o próprio desejo em detrimento do desejo de não desejar o que o Outro deseja². Essa é uma das teses defendidas por Jacques Lacan no seminário V “As Formações do Inconsciente” (1957-1958 [1999]). Enfim, percebe-se que as problematizações de Freud sobre o tema da neurose obsessiva em mulheres se organizaram em torno das saídas edípicas e dos destinos da sexualidade feminina.

A conclusão de nossa pesquisa mostrou que Freud jamais associou a neurose obsessiva à masculinidade. A incidência de mulheres obsessivas na obra de Freud revelou que essa entidade clínica não deixou de estar vinculada à dimensão da sexualidade feminina. Desde os seus primeiros textos, Freud (1894 [1996]) se mostra contrário à ideia sexista de identificar a histeria ao feminino e a neurose obsessiva ao masculino. Os textos freudianos revelaram que as obsessões estão mais associadas aos conflitos com a ordem simbólica (representações). Desse modo, a conclusão dessa pesquisa informa que o Édipo feminino dialoga com a escolha da neurose a partir dos destinos que a mulher dá para a sua sexualidade. Enfim, neurose e sexualidade são os elementos principais do Édipo feminino.

² Lacan opera um desdobramento da figura da mãe em duas funções distintas e fundamentais: A maternagem e a função feminina. Será a partir desse desdobramento que Lacan faz uma compreensão da relação mãe/filha, levando a concluir que é quando a mãe não abdica de nenhuma dessas duas funções que se abrem para a filha, o caminho de sua própria feminilidade, distinta da de sua mãe.

CAPÍTULO I

1 Os Primórdios do Conceito de Neurose Obsessiva em Freud

1.1 O Prelúdio das Obsessões em Freud

Na discussão empreendida por Freud (1894[1996]) no texto “Neuropsicoses de Defesa”, é abordada a relação entre afeto e representação no sintoma neurótico em geral, especificamente na gênese das obsessões e na histeria. No caso das obsessões, o afeto permaneceria ligado às representações, no entanto, essas representações sofreriam seu enfraquecimento pela ação da defesa que forjaria a presença de uma falsa representação, a qual originaria as representações obsessivas. Nesse ensaio, observa-se a referência feita à vida erótica dos neuróticos. Percebendo a possibilidade de haver uma simultaneidade entre as representações incompatíveis (sexuais) e as representações obsessivas, Freud adentra no caráter oculto com que esses neuróticos experimentam a sua sexualidade.

Nessas descobertas, ainda não é possível localizar os elementos que redimensionariam a posição freudiana diante daquilo que viria a desenvolver em “Atos Obsessivos e Práticas religiosas” (1907a [1996]), no qual dá início ao desenvolvimento dos fundamentos que norteariam a elaboração da categoria nosográfica de nominada de neurose obsessiva compulsiva³ e de sua etiologia.

Aqui, Freud realiza o prelúdio daquilo que, posteriormente, construiria em sua metapsicologia no que diz respeito à neurose obsessiva. Em seu trabalho intitulado “Obsessões e Fobias” (1895 [1996]), empenhado em construir a etiologia das obsessões, afirma haver dois correspondentes encontrados em toda neurose desse tipo que estariam eminentemente associados: trata-se do par “afeto e representação”. No primeiro, “uma representação se impõe ao paciente, e no segundo, um estado emocional associa-se a esta representação” (FREUD, 1894 [1996], p.79). Nas fobias, o estado emocional é sempre de

³ O termo representações obsessivas foi introduzido por Krafft-Ebing em 1867, e a expressão neurose obsessiva, pelo próprio Freud, em correspondência a Fliess, em 1894.

angústia, ao passo que nas “obsessões verdadeiras”, outros estados emocionais, como a dúvida e a raiva, podem ocorrer, tanto quanto a angústia⁴.

Freud (1895 [1996]), no capítulo I de “Obsessões e Fobias”, demonstra que o afeto permanece inalterado nas obsessões, enquanto a representação associada ao afeto sofre vários deslocamentos, disjunção que determina o caráter metonímico presente nas obsessões. Para demonstrar seus progressos no entendimento desse tipo de neurose, Freud descreve alguns casos clínicos que servem para fundamentar seus achados acerca das obsessões. Nesse trabalho, Freud faz referência a vários casos clínicos, nos quais observa como o elemento original (representação) não foi substituído por outra ideia, mas pela presença de atos ou impulsos que serviam de medidas protetoras contra as ideias intoleráveis.

O que intrigou Freud, no citado texto, foi o tipo de resposta (compulsiva) que o paciente produz diante da impossibilidade de substituir uma representação por outra. Freud chega a afirmar que:

Embora os casos que enumerei mostrem graus variáveis de complexidade, têm em comum o seguinte: a representação original (incompatível) foi substituída por outra representação, a representação substituta. Nos casos que acrescento agora, a representação original foi substituída, mas não por outra representação, foi substituída por atos, ou impulsos que serviram originalmente como medidas de alívio ou procedimentos protetores, e que não lhes é adequado, mas que permaneceu inalterado e continuou a ser tão justificável quanto a sua origem (1895 [1996], p. 82).

Na discussão feita em “Obsessões e Fobias” (1895 [1996]), Freud descreve a obsessão de uma mulher que “via-se na obrigação de contar tábuas de assoalho, os degraus da escada, atos estes que praticara num ridículo estado de angústia. Ela começara a contar para desviar sua mente das representações obsessivas” (p.82).

Tentando afastar-se da tentação de seus pensamentos, sua paciente passava a contar os degraus da escada, já que essa estratégia era um recurso para ludibriar a representação que invadia seus pensamentos. Enquanto a quantidade de degraus tinha a função de lastrear a trama desejante, só restava para essa mulher multiplicar os representantes que ocultavam a tentação implicada na contagem. A multiplicação das tábuas do assoalho através de sua contagem fazia parte de sua estratégia imaginária para reduzir o intolerável ao tolerável. A fórmula usada pelo Homem dos Ratos⁵ (1909 [1996]), “tantos florins, tantos ratos” é uma equivalência que se refere à pluralização das contagens na neurose obsessiva. Parafraseando o

⁴ Na primeira tópica, Freud afirma que a representação intolerável ao eu é a causa da angústia. Na segunda tópica, ele muda de opinião e afirma que a angústia ativa a representação deslocando o afeto para uma representação substituta.

⁵ Caso clínico analisado por Sigmund Freud e publicado em 1909.

Homem dos Ratos, podemos sugerir que a mulher das contagens tentava emitir a seguinte frase: para tantas “tentações”, tantos degraus. Essa é a posição assumida por essa obsessiva diante de seu dilema.

Nesse caso clínico, Freud revela outra característica na etiologia das obsessões, na qual a representação substituta não é mais substituída por uma representação enfraquecida, e sim por atos e impulsos que servem de alívio contra as representações⁶. Essas descobertas clínicas vão fornecer os primeiros subsídios para a formulação posterior do conceito de neurose obsessiva.

No final do capítulo I de “Obsessões e Fobias” (1894), vemos Freud trabalhar em torno do mecanismo de deslocamento nas obsessões, para o qual faz a seguinte indagação: “Como se produz a substituição”? “Qual o seu motivo”? A fim de responder a esses questionamentos, afirma que as “substituições obsessivas podem ser consideradas como um ato de defesa do ego contra representações incompatíveis” (Freud, 1894[1996], p.84). Questionando-se sobre o estado emocional associado à representação obsessiva, indaga-se sobre a persistência do afeto e quais as razões de o mesmo não se dissipar, tal qual a representação. Percebendo que essa questão pode ser respondida a partir da teoria da gênese dos sintomas histéricos, Freud apenas advoga que o “próprio fato da substituição torna impossível o desaparecimento do afeto” (1884. [1996], p.84).

No artigo, “Atos Obsessivos e Práticas Religiosas” (1907, [1996]), observamos o paralelo que Freud faz entre a ritualização obsessiva e as práticas religiosas. Para articular o termo cerimonial aos atos obsessivos, Freud constrói uma nova entidade clínica denominada “Neurose Obsessiva”, na qual ratifica a presença de pequenas alterações cotidianas na vida do sujeito⁷ acometido por essa neurose.

Advogando que os cerimoniais são desprovidos de sentido para o próprio paciente, pois o mesmo não os julga dessa forma, é possível para Freud ratificar as razões da conduta obsessiva diante dos imperativos que comandam os atos obsessivos. Nessa passagem, é notória a impossibilidade de o sujeito se livrar do cerimonial, já que a atividade compulsiva provém de uma instância moral⁸, agente que põe o sujeito à mercê do sentimento de culpa,

⁶ Termo forjado por Freud para exprimir o que orienta o curso dos pensamentos, tanto conscientes como pré-conscientes.

⁷ O conceito de sujeito em psicanálise foi proposto por Lacan.

⁸ Segundo Sigmund Freud, o superego é o “herdeiro do Complexo de Édipo” (1925), este tem a função de zelar pelas regras morais. O termo foi introduzido por Freud em O ego e o id (1923), este se constitui das exigências e das interdições parentais. Em “Atos obsessivos e práticas religiosas” (1907), Freud ainda não construiu o conceito de superego, no entanto, já vislumbra a presença de uma consciência culposa.

pois uma ansiedade o espreita de maneira que só resta a obediência diante da severidade que a consciência moral lhe impõe.

Este texto elucidada que, na neurose obsessiva, a ansiedade se disfarça de guardião da punição. No entanto, é o sentimento de culpa que agencia a expectativa ansiosa, lógica obsessiva que visa subverter a trama pulsional pela via da inibição, a qual tem a função de paralisar as ações do sujeito diante da suspeita ansiosa de receber o castigo do agente moral. Para a religião, o mal agir do crente potencializa a purgação da falta moral através dos atos de penitência. Na neurose obsessiva, a falta moral é apenas enunciada pela sujeição do sujeito à instância julgadora, pois é a partir do desejo que a ansiedade libera o sentimento de culpa. Se na religião é o senhor das luzes que inibe o agir do crente diante do pecado, na neurose obsessiva, é o senhor das trevas que potencializa os atos obsessivos.

Nessa discussão em torno dos atos obsessivos e práticas religiosas (1907 [1996]), Freud desvelará o que irá ampliar em “Inibições, Sintoma e Angústia” (1925-26): que a inibição tem uma estrutura desejante, pois o caráter ansioso inerente às práticas obsessivas é apenas uma estratégia protetora contra esse fluxo desejante que Freud denominou de inconsciente. Afirma que “a ansiedade (Angst) tem inegável associação com a expectativa: é ansiedade por algo. Tem uma qualidade de indefinição e falta de objeto” (Freud, 1925-26, [1996] p. 160).

Discutindo sobre as proibições nessa neurose, Freud traz à baila outra função das atividades cerimoniais, que são compreendidas como verdadeiros rituais para realizar uma determinada ação, elemento que desvenda a função da procrastinação obsessiva. Se, para agir, é preciso obter uma autorização, essa ordem só se faz possível pela tramitação de práticas obsessivas idênticas aos rituais religiosos, nos quais o sacrifício é o artifício usado para obter o perdão. Logo, se o crente se sacrifica para o Outro⁹ da religião, o obsessivo se anula para o desejo, já que é a partir do desejo inconsciente que a culpa obsessiva opera.

No sexto parágrafo de “Atos Obsessivos e Práticas Religiosas” (1907), Freud aborda o caráter privado das compulsões obsessivas, nas quais o sujeito acometido por essa enfermidade procura resguardar suas práticas do olhar do espectador social. À vista do caráter oculto da neurose obsessiva, Freud faz a comparação com os ritos religiosos, pois essas práticas são realizações públicas que diferem da neurose obsessiva, que são constituídas de atos privados. Para os obsessivos, esses atos passam despercebidos até o momento em que

⁹ O “Outro” para Jacques Lacan se representa de varias formas na cultura: Outro da linguagem, Outro onipotente, o Outro suposto saber, etc.

deixam de ser executados no nível privado e transitam na esfera pública, fato que iguala a obsessão às práticas religiosas.

Desta forma, Freud conclui que a neurose obsessiva é uma caricatura dos cerimoniais religiosos e retoma o dispositivo analítico para explicar o verdadeiro sentido dos atos obsessivos. Nesse momento de sua discussão, apresenta vários casos de sua clínica, pois é a partir destes casos que Freud revela o que está por trás dos atos obsessivos. No segundo caso deste mesmo artigo, descreve com detalhes o relato de uma paciente obsessiva que vivia separada do marido, na qual “via-se sob a compulsão de deixar intacta a melhor porção de tudo aquilo que comia, só aproveitando as beiradas de uma fatia de carne assada” (Freud. 1907[1996], p.111).

Tentando decifrar a origem do sintoma de sua paciente, Freud afirma que a recusa “surgiu no dia seguinte àquele em que se recusara a ter relações maritais com o marido”, e acrescenta, “isto é após ter renunciado ao melhor”. (1907[1996], p.112). Sentenciada a sentar-se em uma determinada poltrona da casa, significante da fidelidade ao marido, essa obsessiva produz a seguinte frase: “É tão difícil nos separarmos de alguma coisa (um marido, uma cadeira) a quem nos fixamos” (p.112).

A ambivalência dessa mulher obsessiva se revela na oposição entre a melhor porção do pedaço de carne e a cadeira na qual a paciente esteve fixada. Enquanto a fatia de carne representa a castração diante da concupiscência inerente ao desejo, é com o ritual de se sentar à cadeira que essa paciente freudiana cria para si uma medida protetora para impor limite ao desejo sexual. A fixidez na poltrona se tornou o representante da impossibilidade do marido em sustentar uma posição viril no dia de núpcias. Portanto, a impotência do marido é representada através do ritual de sentar-se na cadeira e levantar-se constantemente.

Outro ritual bastante intrigante ocorria no momento em que essa mulher “saía correndo do seu quarto em direção a uma mesa de centro, arrumava a toalha dessa mesa de uma determinada forma e, tocando a sineta, chamava a criada, fazia com que esta se aproximasse da mesa e a despedia após incumbi-la de alguma tarefa sem importância” (Freud. 1907, [1996], p.112).

Para Freud, esse ritual obsessivo era uma maneira de fazer a criada perceber a toalha manchada, que representava a noite de núpcias não consumada em razão da impotência do marido. Esse episódio nupcial se deu em um hotel local, no entanto, com receio de notarem a impotência do marido, essa mulher tratou de lograr a cena sexual manchando o lençol com tinta vermelha, fato que desencadeou o ritual obsessivo diante da criada. Nesse caso clínico, o

que se observa é que os rituais obsessivos se organizaram em torno do fracasso sexual do marido, fato ocorrido na noite de núpcias.

As medidas protetoras usadas com a serviçal tinham a intenção de estabelecer a potência do marido, já que a sua compulsão visava assegurar o brio fálico de seu homem. Nesse caso clínico, Freud enfatiza que o deslocamento das atividades obsessivas para as compulsivas é inerente ao fracasso no inconsciente das medidas protetoras proporcionadas pelo eu. Afirma Freud:

Assim, os atos cerimoniais e obsessivos surgem, em parte como uma proteção contra a tentação e, em parte, como proteção contra o mal esperado. Essas medidas de proteção logo parecem tornar-se insuficientes contra a tentação, surgindo então proibições, cuja finalidade é manter a distância as situações que podem originar tentações (1907. [1996], p.115).

A apresentação desse caso de neurose obsessiva em mulheres reforça o lugar que a interpretação ocupa na análise freudiana, uma vez que, para Freud, todo ato obsessivo promove uma remissão ao sexual. Durante essa discussão, é possível afirmar que, na obsessão, a consciência culpada é lugar de tentação e ansiedade, portanto, os atos obsessivos e as práticas religiosas são, em parte, proteções contra a tentação, argumentos retirados da própria clínica freudiana.

No texto “Caráter e Erotismo Anal” (1908, [1996]), são expostos pontos sólidos que vão revelando o erotismo anal dos obsessivos e sua relação com o que é denominado por Freud como “conexão orgânica”, que denota uma combinação de traços de caráter (ordem, parcimônia e obstinação) conectados ao comportamento da região (retal) e que reproduzem comportamentos inerentes ao quadro etiológico da neurose obsessiva. A fineza teórica com que Freud trata as questões anais revela o cuidado que o pesquisador teve com as questões da sexualidade.

Com o intento de reproduzir fielmente a significação dos traços de caráter desse tipo clínico, Freud argumenta que o sujeito ordeiro é aquele que revela esmero e escrúpulo no cumprimento de pequenos deveres; a parcimônia acena para o caráter avaro do obsessivo, o qual Freud articula à retenção das fezes, e, por último, finaliza a sua exposição mostrando que os traços de caráter obsessivo revelam que a obstinação é cumprida em sua radicalidade, já que a rebeldia, a vingança e a cólera dão um colorido especial aos traços de caráter incrustados no erotismo anal (Freud, 1908[1996]).

Parece que o interesse principal de Freud nesse momento foi tentar desvendar o que há de mais obscuro na representação obsessiva. Para isso, toma como ponto de partida para sua problematização a hipótese de que os traços de caráter apresentados estão relacionados com o desaparecimento do erotismo anal, no qual afirma que “como não há resquícios dessas fraquezas e idiossincrasias após o término de suas infâncias, devemos concluir que no decurso do seu desenvolvimento a zona erógena perdeu sua significação erógena” (FREUD, 1908 [1996], p.160).

Para justificar suas hipóteses, Freud argumenta que as primeiras manifestações da puberdade, a qual denomina “período de latência”, são primordiais para o desenvolvimento de comportamentos como a vergonha, a repugnância e a moralidade, que são compreendidas como verdadeiras formações reativas contra as forças pulsionais e que servem como “diques para opor-se às atividades posteriores dos instintos sexuais” (p.160). Apoiado nessa argumentação teórica, conclui que os componentes do “instinto anal se tornarão inúteis para fins sexuais” (p.161), recurso metapsicológico que o faz afirmar que os traços de caráter (ordem, parcimônia, e obstinação) são provenientes do efeito sublimatório em relação ao erotismo anal.

Essas afirmações freudianas são prontamente sustentadas com uma detalhada nota de rodapé. No entanto, contra-argumenta sobre os possíveis escândalos passíveis de serem argumentados por certos leitores. No final dessa discussão, Freud (1908[1996], p.162) contrapõe a sublimação à formação reativa afirmando que “a limpeza, a ordem e a fidedignidade” dão a impressão de pertencerem a seu oposto, sendo “a formação reativa um recurso contra um interesse pela imundice perturbadora que não deveria pertencer ao corpo”.

1.2. Os Desdobramentos da Clínica

Ao publicar “Notas Sobre Um Caso de Neurose Obsessiva”, (1909, [1996]), Freud traz à baila o caso do “Homem dos Ratos” (1909), pois será a partir desse relato clínico que o tema da neurose obsessiva ganhará relevância. Nessa discussão, não temos a intenção de esgotar os argumentos do caso clínico, o que seria impossível. No entanto, trabalharemos os avanços feitos por Freud em torno da neurose obsessiva e seus desdobramentos metapsicológicos.

Nesse texto, é notável o amadurecimento freudiano em torno da neurose obsessiva, pois no prelúdio de suas investigações se observa que Freud faz referência às obsessões e às compulsões, tudo isso gerenciado pela tríade: recalque, afeto e representação. Em “Notas sobre um Caso de Neurose Obsessiva” (1909, [1996]), observa-se Freud se apropriando da trama

inconsciente do Homem dos Ratos com fins de construir suas hipóteses metapsicológicas, pois será a partir do desenrolar das fantasias de Ernest (Homem dos Ratos) que Freud construirá definitivamente a categoria nosográfica de neurose obsessiva compulsiva, que consistiria em uma contribuição de grande peso para a história da psicopatologia.

Esse paciente obsessivo revelava sintomas que davam um colorido inefável ao que Freud já havia observado sobre o tema. Apesar da complexidade do caso, este girava em torno do tema da morte, da dívida, do ódio ao pai e, basicamente, da sua relação com a sexualidade. Esses elementos forjam um turbilhão de sintomas que se desencadeiam na construção de uma fantasia de morte em relação a duas pessoas que ele amara: seu pai e uma dama a quem se afeiçoara.

Em toda sua discussão sobre o tema, percebem-se os avanços em relação aos textos pré-psicanalíticos¹⁰, visto que, em cada descrição, se vê a presença de elementos que ajudam Freud a compor a gênese da neurose obsessiva. O que fica claro em sua atitude metodológica são os desdobramentos metapsicológicos e a evolução do pensamento freudiano.

Em suas indagações clínicas sobre o caso do “Homem dos Ratos”, Freud percebe que os elementos trazidos por seu paciente o ajudaram a concluir que,

Era uma neurose obsessiva completa, não faltando elemento essencial algum, e ao mesmo tempo o núcleo e o protótipo do distúrbio posterior, um organismo elementar, digamos, cujo estudo poderia, sozinho, capacitar-nos a obter um apanhado da complicada organização de sua subsequente enfermidade. (1909. p. 146).

Aqui, Freud confirma a gênese da neurose obsessiva a partir dos contrastes recolhidos das palavras de seu paciente, as quais são confirmadas pelas montagens cênicas que o mesmo fazia, já que estas eram estratégias defensivas para se livrar de pensamentos eróticos suspensos pela ideia de que, caso houvesse persistência nos mesmos, algo poderia acontecer a seu pai e à dama.

Reportando-se ao que já havia percebido em “Atos Obsessivos e Práticas Religiosas”, Freud (1907 [1996]) vê remontar o núcleo sintomático em torno do desejo de seu paciente em ver “mulheres nuas”. No entanto, esse desejo era acompanhado pelo medo obsessivo de que alguém deveria morrer se ele persistisse no mesmo: “Se tenho esse desejo de ver uma mulher

¹⁰ Neuropsicoses de Defesa (1893) e Obsessões e Fobias (1894) – Compreendemos por textos pré-psicanalíticos aqueles que foram descritos antes de 1900. Aqui se marca a ruptura entre a neurologia descrita no Projeto (1895) e a psicanálise, principalmente a partir dos capítulos VI e VII de “Interpretação dos Sonhos” (1900). Entendemos também que o Projeto (1895) foi uma espécie de preâmbulo que marcou todo um desenvolvimento em torno da metapsicologia freudiana.

despida, meu pai deverá fatalmente morrer” (FREUD, 1907 [1996], p.147). Essa superstição era seguida de impulsos e medidas protetoras com fins de evitar o mal iminente.

A contribuição freudiana em torno dessa entidade clínica revela a coragem que Freud teve de afastar o diagnóstico psicanalítico das meras descrições fenomenológicas divulgadas pela psiquiatria da época. Ao se apoiar nas fantasias de seu paciente, Freud ressalta que sua estratégia clínica se diferencia da simples descrição de sintomas, pois, no texto descrito em “Obsessões e Fobias” (1894), já se observa o deslocamento freudiano em relação à nosografia psiquiátrica, a qual se vê prisioneira da fenomenologia dos sintomas.

Assim, a fantasia na clínica psicanalítica se tornou um argumento metapsicológico de valor conceitual, pois sua inclusão serviu como um divisor de águas que fez com que Freud abandonasse a teoria do trauma e a técnica hipnótica. Enfim, o trabalho de Freud em torno da neurose obsessiva elevou o diagnóstico clínico para além da descrição fenomenológica, fato que justifica a nova posição do psicanalista na direção do tratamento.

O conceito de fantasia na obra de Freud se tornou uma referência epistemológica em razão do posicionamento clínico que a psicanálise ocupa na análise do sintoma, pois foi a partir da análise da fantasia que se realizou um corte epistemológico entre a clínica psicanalítica e a clínica psiquiátrica.

1.3. Considerações Acerca da Fantasia da Dívida do Homem dos Ratos

Discorrer sobre a fantasia da dívida do Homem dos Ratos é, acima de tudo, um trabalho que envolve a realização da leitura do caso em toda a sua extensão. Com isso, pretendemos revelar a importância que Freud deu aos aspectos metodológicos envolvidos nas suas construções metapsicológicas.

A produção desse tema tem a função de reafirmar a preocupação de Freud em formular uma discussão que levasse em conta os efeitos do inconsciente na economia psíquica. Para isso, procurou eliminar a obscuridade que a fantasia obsessiva lhe revelava, pois foi através dos elementos fantasmáticos que ele pôde observar os sentidos presente na trama que o Homem dos Ratos forjava. Nesse estudo, consideram-se as três perspectivas metapsicológicas: a dinâmica, a tópica, e a econômica, que ultrapassam a simples descrição de sintomas. Se, para Freud, a fantasia é o elemento que singulariza o percurso do sujeito na transferência, só podemos aferir essa particularidade através da palavra do paciente.

Nesse caso, faremos uma imersão na história desse caso clínico a fim de abstrairmos os dados metapsicológicos e os supostos desdobramentos que a clínica da neurose obsessiva

assinala. Nosso percurso encaminhar-se-á pela tentativa de investigar e analisar as possibilidades que a fantasia da dívida¹¹ aponta. O caso clínico do “Homem dos Ratos” (1909, [1996]) é o resultado de um percurso teórico que teve início em 1894¹². Foi a partir dessa discussão que Freud iniciou a demarcação dessa entidade clínica denominada “neurose obsessiva”.

Neste estudo, faremos considerações sobre os elementos que sustentam a construção da fantasia da dívida mediante os conflitos inerentes a esta. O caso ganha notoriedade pela riqueza dos contrastes, dos quais destacamos a estrutura quaternária da trama tecida: o capitão cruel, a dama do correio postal, o amigo credor e o pai são os elementos principais para a composição da fantasia.

Particularmente, trabalharemos o caso do “Homem dos Ratos” a partir dos tempos subjetivos que estruturam a trama. Para isso é imprescindível fazermos um recorte na história do caso clínico e apresentarmos as hipóteses que amarram a construção da mesma. Nesse caso, o que se segue gira em torno da dívida, do suplício dos ratos¹³ e dos deslocamentos que o paciente faz para refinar o saldo negativo do pai.

Como sabemos, o pai do paciente fora um suboficial que fazia de sua casa uma *extensão* do regimento. O fato de reduzir o filho a um subordinado inconsequente colaborou para o desencadeamento de sua ambivalência afetiva. Por um lado, a fantasia de morte em relação ao genitor parecia provir desse episódio experimentado durante a infância, no entanto, seu pai já havia morrido.

Idealizado e ao mesmo tempo odiado, o pai ganha notoriedade na trama em razão de uma dívida de jogo contraída e paga com o dinheiro do regimento. Esta foi saldada por meio de um empréstimo feito a um amigo, porém, nunca conseguiu quitá-la, pois o credor sumira. Na impossibilidade de efetuar o pagamento ao credor que era amigo do pai, o paciente se esforça em saldá-la através da fantasia obsessiva.

¹¹ A fantasia do Homem dos Ratos se articula a uma dívida contraída pelo paciente durante sua estada no *front* de guerra. Para Freud, o paciente procrastinou inconscientemente o pagamento da dívida com fins de se livrar de pensamentos sobre a morte do pai.

¹² A partir de “Neuropsicoses de defesa”, Freud passou a investigar a etiologia das obsessões. Em suas cartas a Fliess, Freud já postulava sobre o tema da neurose obsessiva.

¹³ Havia certo capitão (Cap. Menezek) no regimento que praticara atos de tortura com os inimigos de guerra. Esse mesmo capitão havia feito o relato para o paciente em questão sobre um castigo de guerra em que era introduzido no ânus do opositor de guerra um rato para que o mesmo delatasse as ações do inimigo. Esse relato passou a assolar os pensamentos do Homem dos Ratos, pois estes consistiam da ideia de que a tortura poderia ser realizada com as pessoas que ele mais amara, no caso, o próprio pai e uma dama a qual se afeiçoara. Diante desse relato feito para o próprio Freud pelo paciente, o mesmo relatou que, se realizasse o pagamento a quem de direito, o castigo poderia acontecer com o pai e com a dama.

A construção da fantasia da dívida deriva de dois instantes principais: a perda dos óculos e a história do suplício dos ratos. Durante o serviço, o tenente Ernest Lehrs participou de uma manobra militar que o fizera perder seu acessório ótico. A fim de resolver o problema, telegrafou para seu médico e solicitou outro acessório por via postal, que deveria ser pago no ato da entrega. No instante em que fazia o pedido, certo capitão se aproximou e lhe fez o relato de um castigo bastante usado no leste, que consiste na introdução de ratos no ânus do opositor de guerra.

Intrigado com a crueldade do capitão, pois não aceitava esse tipo de conduta, o tenente passou a ser dominado por pensamentos em que algo estaria acontecendo a alguém que amava. Durante uma entrevista clínica com Freud, o paciente relatou com muito pesar que algo de ruim poderia estar acontecendo com seu pai e com uma dama pela qual nutria apreço. Questionado por Freud, o mesmo afirmou que o suplício dos ratos poderia acontecer ao pai e à dama se o mesmo insistisse em fazer o pagamento à senhora da caixa postal.

Sabendo a quem deveria reembolsar o dinheiro, pois a dama da caixa postal já havia pagado a conta, o paciente postergou esse fato e dirigiu ao capitão cruel o destino do reembolso. Recebendo a ordem do capitão para enviar o dinheiro ao tenente A, o paciente deu início ao deslocamento da sua dívida e, por extensão, ao saldo negativo do pai.

No instante em que recebe a ordem do pagamento, um pensamento lhe invade. Se pagar ao tenente A, algo acontecerá à dama e ao pai. A problemática surge no instante em que o sujeito tenta pagar a dívida paterna subtraindo a sua. Nesse caso, é em razão da procrastinação da dívida do pai que o paciente obtura a verdade sobre a quem pagar a própria dívida. Outra questão relevante da história surge a partir da ambivalência afetiva que assola o paciente. Esses elementos da trama são adicionados à sua vida por meio da identificação deste com a história do pai, que escolheu uma dama rica em detrimento de uma mulher desejada, porém pobre. Contraindo uma dupla dívida com a mulher e com o amigo, o pai passou a gerenciar a vida afetiva do filho.

A genealogia do caso clínico revela que o genitor sempre ocupou uma posição idealizada para o filho. Até as escolhas do paciente se pautavam nos direcionamentos que o pai lhe destinava, principalmente entre ter que escolher entre uma dama rica (moça da caixa postal) ou uma pobre (empregada da pensão), elementos que compõem a identificação com o desejo paterno. O próprio pai teve que fazer escolhas amorosas idênticas a do filho (Homem dos Ratos) e optou por uma dama rica, que o enobreceu socialmente. Esses elementos subjetivos da história do pai são de suma importância na dinâmica do caso, pois a dívida do

“Homem dos Ratos” ganha relevância em razão da identificação com a história subjetiva do pai e, principalmente, no que diz respeito à conta não saldada com o amigo do regimento.

1.4. O Aspecto Tópico, Dinâmico e Econômico da Dívida

No sentido de articular a leitura da fantasia da dívida do homem dos ratos com a perspectiva metapsicológica, trabalharemos o caso clínico a partir dos desdobramentos dinâmico, econômico e tópico. Para isso, retomaremos o que foi descrito numa tentativa de disponibilizar outros apontamentos clínicos.

A fantasia da dívida pode ser compreendida a partir de várias vertentes. Uma delas é o destino afetivo com que o paciente investia sua economia psíquica. Nesse ponto, percebe-se que o paciente se identificou com os conflitos do pai. A identificação se deu a partir da ambivalência afetiva, pois tanto o seu pai quanto o próprio Homem dos Ratos vivenciaram o drama de ter que fazer uma escolha amorosa (a dama rica ou dama pobre).

Essa problemática girava em torno da voz imperativa do pai, que demarcava topologicamente a força de sua divisão. Se as palavras do capitão cruel delimitavam o pagamento da dívida, era a partir da voz do pai que o paciente determinava sua preferência afetiva. A luta antagônica entre consciência moral e os desejos inconscientes aponta os espaços topológicos da trama.

Os conflitos do Homem Ratos mostravam que o efeito da voz paterna era considerado uma intrusão no sentido de uma invasão geradora de conflitos que denotam a inibição egóica do Homem dos Ratos. A problemática da vociferação paterna, que se amalgamava ao roteiro da fantasia do Homem dos Ratos se articulava a partir de dois episódios vivenciados por seu pai: a dívida com o amigo do regimento e a escolha de uma mulher rica em detrimento de uma pobre, a qual o pai amava. Portanto, apostamos que foi a ação anterior do pai que orientou a escolha afetiva do Homem dos Ratos. Situado entre duas damas (uma rica e uma pobre), o Homem dos Ratos procrastina a sua escolha afetiva à medida que as palavras do pai tinham a função de regular na patologia a quantidade de investimento libidinal do paciente de Freud.

Em “As pulsões e seus Destinos” (1915), Freud afirmara que há, na economia psíquica, movimentos que fazem referência à gramática ativa, passiva e reflexiva, os quais estão associados a destinos pulsionais variáveis. Para Freud (1915 [1996]), na neurose obsessiva, “o desejo de torturar transforma-se em autotortura e autopunição, não em masoquismo”. A partícula “se” da voz reflexiva média revela que, na neurose obsessiva, o

sujeito “se” tortura a partir do agenciamento da própria fantasia. Freud confirma que “a voz ativa muda, não para a passiva, mas para a voz reflexiva média” (p. 133).

À medida que fantasiava o castigo, retornava sobre si o desejo de cortar a própria garganta com uma navalha. A inversão da pulsão em seu contrário, ocorrida nesse acontecimento, baliza a presença da consciência culpada. A articulação entre pulsão e fantasia são pontos que desvendam a atividade e a passividade dos investimentos pulsionais. Seria impraticável pensar uma metapsicologia sem levar em conta a intensidade, os investimentos e os contrainvestimentos que essa fantasia produzia.

A descrição em torno da força do recalque no episódio do pagamento da dívida abriu novas perspectivas para localizar as noções de quantidade e qualidade das pulsões. A libido investida nesse episódio decantou o aumento e diminuição do *quantum* de energia psíquica. Os deslocamentos topológicos da dívida eram recursos imaginários que serviam de barreira para drenar os impactos da crueldade que assaltavam os pensamentos do jovem tenente. Esse expediente defensivo usado pelo eu permitiria que novas representações pudessem se articular no inconsciente.

O efeito dessa trama inconsciente compreende uma organização lógica das recordações psíquicas vivenciadas na sua infância. Essas lembranças operam uma descontinuidade cronológica que implica processos associativos que se deslocam do inconsciente ao pré-consciente e que podem vir a se tornar conscientes. Aqui, observamos que o pagamento da dívida sofreu um deslocamento no sentido de que o paciente destinou inconscientemente o pagamento do acessório para o tenente “A”¹⁴.

1.5. Uma Breve Discussão Clínica

Essa questão, inerente às suas escolhas afetivas e aos deslocamentos da dívida, aponta para o lugar em que esse neurótico ocupou no romance familiar. À medida que tenta fazer da fantasia uma possibilidade de avalizar o saldo negativo do pai, o Homem dos Ratos faz da história do suplício a garantia do deslocamento da dívida. Tudo isso agenciado pela estrutura quaternária que compõe a fantasia: o pai, a dama, o amigo e o cruel capitão.

O momento crucial desse caso clínico se deu a partir do encontro traumático com o Capitão Cruel¹⁵. Foi a partir do relato da tortura realizado no leste contado por esse capitão

¹⁴ Um suposto tenente do regimento.

¹⁵ Capitão do regimento bastante conhecido por usar práticas cruéis a fim de fazer o inimigo de guerra confessar sob tortura. Esse capitão parece incorporar a figura do grande Outro para o Homem dos Ratos. A tortura consiste

que o Homem dos Ratos passou a ser obsedado pela ideia do castigo. O próprio Freud percebeu esse descontentamento no rosto de seu paciente, pois, ao ouvir o relato da tortura dos ratos contado por seu paciente, interpretou como “uma face de horror ao prazer todo seu do qual ele mesmo não estava ciente”. Aqui Freud se refere à expressão fisionômica de seu paciente durante o atendimento clínico.

Nessa entrevista, o paciente afirmou que, “naquele momento atravessou minha mente, como um relâmpago, a ideia de que isso estava acontecendo a uma pessoa que me era muito cara” (FREUD, 1909 [1996], p. 150). O enunciado revela que o suplício dos ratos poderia ter como destino a dama e seu pai. A hipótese interpretativa de Freud, no final do caso, mostrou que esses elementos fantasmáticos faziam parte das estratégias obsessivas para punir o pai e a dama, pois sua fantasia se nutria dos episódios conflituosos vivenciados na infância.

Sua divisão subjetiva ressurgiu no instante em que o próprio tenente “A” lhe afirmou que não poderia receber a quantia, já que não tinha nada a ver com isso. Aprisionado pela sua fantasia, só restou ao neurótico a produção de uma sintomatologia característica dessa neurose. É nesse momento que o pai retorna como morto¹⁶, pois este lhe subtrai a possibilidade de fazer da dívida uma saída para seus impasses. A cena em que ele está despido diante do espelho à espera do pai morto retrata esse episódio.

A trama que sustentou a fantasia da dívida teve uma função para Ernest¹⁷, pois foi a partir de sua posição subjetiva em relação a essa fantasia que ele tentou fazer a correção da falta paterna. Durante a tentativa de saldar seu débito, um pensamento lhe invade: se eu pagar a dívida, o meu pai morre e a dama sofrerá o castigo. Eis os conflitos desse paciente. Paralisado por sua fantasia, só restou ao paciente de Freud reverter a situação mediante a justificativa obsessiva de procrastinar o pagamento a quem de direito. Se pagar a conta para o tenente “A”, o seu pai morre. Se não pagar, o suplício dos ratos acontecerá à dama. Eis o drama que assola seus pensamentos.

Essa discussão em torno da fantasia da dívida do Homem dos Ratos visou aferir os impactos da trama obsessiva na produção de sintomas. Pensar a etiologia das obsessões sem levar em conta o entrelaçamento entre sintoma e fantasia constitui-se um erro metodológico quando se deseja discuti-los a partir da perspectiva metapsicológica. A história do caso, publicada em 1909, ainda possibilita a discussão em torno do tema. A eloquência com que

em introduzir pequenos ratos no reto do prisioneiro de guerra a fim de fazê-lo confessar as suas estratégias de guerra.

¹⁶ O Homem dos Ratos tinha a impressão de que seu pai, já morto, poderia surgir a qualquer momento como um fantasma.

¹⁷ O verdadeiro nome do Homem dos Ratos.

Freud forja seus argumentos se cruza numa trama de conceitos que norteiam o papel exercido por cada elemento da história.

A estrutura quaternária em que os protagonistas se apresentam é ponto de ancoragem que demarca as diversas possibilidades que o sintoma usa para se amalgamar com a fantasia. Dois momentos da trama são cruciais para a construção da mesma: a dívida e o conto do suplício dos ratos. Tentamos trabalhar esses dois episódios em toda a sua extensão, pois averiguamos os desdobramentos da narrativa do capitão cruel acerca do suplício dos ratos, fato que fez com que o paciente prolongasse o pagamento da dívida. Questões como essas apontam para o crédito que Freud depositou nas fantasias, principalmente para o enredo que sustenta a dinâmica da trama inconsciente.

Consideramos, pois, que foi a partir das descobertas em torno da relação entre o sintoma e a fantasia que se tornou possível o estabelecimento do sentido das obsessões e das estratégias que os obsessivos usam para inviabilizar o confronto com o próprio desejo.

CAPÍTULO II

2 Neurose e Sexualidade

2.1. Neurose e Sexualidade em Freud.

Em “A hereditariedade e a etiologia das neuroses” (1896a [1996]), Freud faz objeções contundentes ao fator hereditário como aquele capaz de explicar a constituição da etiologia das neuroses. Tecendo relações entre a hereditariedade e os distúrbios adquiridos, Freud (1896a), passa a especular acerca dos aspectos subjetivos implícitos na etiologia neurótica.

Nesse trabalho, ele confirma que:

Desde que, tanto na patogênese neurótica quanto em qualquer outra área, não se pode falar em acaso, deve-se admitir que não é a hereditariedade que rege a escolha do distúrbio nervoso específico a ser desenvolvido no membro predisposto de uma família, mas que há motivos para se suspeitar da existência de outras influências etiológicas de natureza menos específica dessa ou daquela afecção nervosa” (FREUD, 1896a, [1996], p. 145).

Na citação acima, Freud problematiza a presença de outras influências etiológicas na constituição da neurose. No citado texto, ainda não estava presente o conceito de inconsciente, no entanto, Freud já passava a vislumbrar importantes aspectos psíquicos não conscientes nas afecções neuróticas. Sustentando que foi obrigado a fazer uma inovação nosográfica, Freud situou a histeria e a neurose obsessiva como distúrbios distintos e independentes um do outro.

Ao observar a diferença desses dois tipos clínicos, Freud aponta para duas direções: há variações no modo de apresentação dos sintomas nas afecções neuróticas e, mesmo a despeito de haver seres humanos neuróticos que têm algo em comum, há em cada um deles a marca de uma singularidade relativa ao retorno do recaiado que os particulariza e dá a tônica do sentido diferencial e do modo como se constrói o sintoma neurótico para cada um deles. Distinguir o sintoma do neurótico é o passo mais importante dessa discussão, sobretudo se tomarmos a fantasia como referência.

Para dar consistência às suas descobertas, Freud (1896[1996], p.146), confirma que as influências etiológicas são “diferentes entre si tanto em importância quanto na maneira como se relacionam com o efeito que produzem”. Deslocando a causa das neuroses dos aspectos hereditários, Freud se encaminha para destacar a influência de fatores subjetivos e históricos em sua inovação nosográfica.

Na parte II do artigo “A hereditariedade e a etiologia das neuroses”, Freud (1896, [1996]) faz as seguintes indagações:

Quais são então, as causas específicas das neuroses? Haverá uma só causa ou várias? E será que é possível estabelecer uma relação etiológica constante entre uma dada causa e um dado efeito neurótico, de tal modo que cada uma das grandes neuroses possa ser atribuída a uma etiologia especial? (p.148).

Visando atribuir uma relação etiológica entre a causa e o efeito neurótico, Freud sustenta a tese de que os impasses com a sexualidade são a fonte principal dos distúrbios neuróticos. Nesse instante de sua pesquisa, informa que esses achados são denominados de “distúrbios da economia do sistema nervoso” (p. 148). Essa expressão sutil e vaga adotada por Freud em 1896 teve a função de mostrar, por uma via econômica, as relações entre sexualidade e neurose.

Para ampliar sua discussão realizada no trabalho “Hereditariedade e a Etiologia das Neuroses”, Freud (1896, [1996]) utilizará o texto “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa” (1896c). Será a partir desses dois trabalhos conjuntos, escritos no mesmo ano, que Freud irá promover um diálogo entre as problemáticas apresentadas em suas pesquisas, as quais serão imprescindíveis para dar encaminhamento às suas questões de partida quanto à neurose e sua relação com a sexualidade.

Na discussão feita em “Observações adicionais Sobre as Neuropsicoses de Defesa” (1896b, [1996]), Freud aborda a natureza e o mecanismo da neurose obsessiva, pois será nesse trabalho que chegará a afirmar que as experiências sexuais da primeira infância têm, na etiologia da neurose obsessiva, a mesma importância que na histeria. Aqui, na neurose obsessiva, “não se trata mais de passividade sexual (histeria), mas de atos de agressão praticados com prazer e de participação prazerosa, em atos sexuais, ou seja, trata-se de atividade sexual” (Freud. 1896b, [1996], p. 168). E esse fato é referenciado no texto “Observações Adicionais Sobre as Neuropsicoses de Defesa” (1896c). Ali, Freud passa a associar à histeria e à neurose obsessiva fatos relacionados com as experiências sexuais vividas em idade precoce.

As investigações freudianas feitas em “A Hereditariedade e a Etiologia das Neuroses” (1896^a [1996] p.151) permitiram-lhe afirmar que “uma experiência sexual passiva antes da puberdade, eis, portanto, a etiologia específica da histeria”.

O que aí é apresentado por Freud visa revelar que um evento sexual precoce, anterior à puberdade, contribuirá para configurar o destino da neurose a partir de uma ação vivida no presente, pois é uma segunda experiência que confere uma ação traumática à primeira. Para o autor, essa lembrança atua como se fosse um agente contemporâneo. “O que acontece é, por assim dizer, a ação póstuma de um trauma sexual” (FREUD, 1896a [1996], p. 152).

No final de “A hereditariedade e a etiologia das neuroses”, Freud faz um paralelo entre neurose obsessiva e histeria, pois conclui que a primeira emerge da mesma causa específica (evento sexual precoce). No entanto, confirma que na neurose obsessiva o sujeito ocupa uma posição ativa e prazerosa na experiência.

Para isso, Freud (1896a [1996], p.154) observa que nas obsessões há apenas uma diferença capital, ou seja, “na neurose obsessiva, trata-se, por outro lado, de um evento que proporcionou prazer de um ato de agressão inspirado no desejo ou de um ato de participação nas relações acompanhadas de gozo”. Se, na neurose obsessiva, o sujeito sente prazer na atividade sexual, na histeria, há a predominância de desprazer em ocupar uma posição passiva.

Diante dessas questões até aqui apresentadas, Freud (1896a) acrescenta que, nas obsessões, as autorecriminações dirigidas pelo sujeito contra si mesmo são inerentes à antecipação das atividades sexuais precoces vividas antes da puberdade. A precocidade sexual ativa seria a origem principal para a construção etiológica da neurose obsessiva.

Freud finaliza esse trabalho concluindo que está convencido de que apenas a hereditariedade nervosa é incapaz de explicar as psiconeuroses. Diz ele:

Creio que mesmo que a decisão quanto ao desenvolvimento de uma das duas neuroses, histeria ou obsessões, em determinado caso, não provém da hereditariedade, mas de uma característica especial do evento sexual na tenra infância (FREUD, 1896a [1996], p. 155).

Nessa constatação, também se remete ao problema da escolha da neurose desenvolvido no artigo “Observações Adicionais sobre as neuropsicoses de Defesa” (1896c). Se no trabalho, “A hereditariedade e a etiologia das neuroses” (1896a), ele sustenta sua tese a partir do conceito de defesa (recalque), será a partir de “Observações Adicionais Sobre as Neuropsicoses de Defesa” (1896c) que ele ampliará suas questões em torno da neurose

obsessiva, principalmente a partir do seu trabalho para desenvolver os conceitos de isolamento e anulação retroativa, sintomas bastante comuns na neurose obsessiva.

A problemática de partida presente nessa discussão se dá a partir da ideia de que o evento traumático das neuroses ocorreria antes da puberdade. No entanto, a sua irrupção adviria somente depois dela. Apesar de Freud aferir em uma nota de pé de página seu erro conceitual sobre as seduções sexuais precoces como fator etiológico da neurose, observamos que ele próprio não deixou de levar em conta os aspectos subjetivos dessas experiências, principalmente em seu diálogo privado com Fliess. Assim, foi a partir desses diálogos teóricos expressos nas cartas dirigidas a Fliess que Freud passou a conjecturar a existência da sexualidade infantil e do futuro complexo de Édipo.

Se as teses freudianas provocaram, no discurso médico e jurídico, uma subversão quanto aos aspectos degenerativos da sexualidade apontados por aquele discurso, mesmo assim, podemos perceber que, no princípio, Freud se equivocou ao apoiar a sexualidade infantil nos conceitos de trauma e sedução.

Nesse caso, foi preciso que Freud repensasse suas questões a partir de novas evidências clínicas para, em outro momento, dar prosseguimento ao desenvolvimento da pesquisa acerca dos efeitos do erotismo sexual na configuração etiológica das neuroses.

Em “A sexualidade na Etiologia das Neuroses”, Freud (1898 [1996], p. 251) inicia seu texto advertindo que suas pesquisas o levaram a reconhecer que “todos os casos de doença neurótica são encontradas em fatores emergentes da vida sexual”. A construção desse trabalho se deu no atravessamento de sua própria autoanálise, que se iniciou no verão de 1897. Logo, devemos observar que, na ocasião da escrita desse ensaio, Freud já havia abandonado a teoria traumática da etiologia das neuroses. No entanto, havia despertado para a descoberta do complexo de Édipo (carta 71) e, principalmente, para o desenvolvimento da sexualidade infantil (carta 75).

Na carta 71 (1897a), enviada a Fliess, Freud valoriza as fantasias sexuais precoces, apoiando-se na experiência do auditório grego que participa subjetivamente da tragédia *Oedipus Rex*¹⁸. Freud afirma que:

Cada pessoa da plateia foi, um dia, em germe ou na fantasia, exatamente um Édipo como esse, e cada qual recua, horrorizada, diante da realização do sonho aqui transposta para a realidade, como toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do seu atual (FREUD, 1897a, [1996], p. 316).

¹⁸ Nessa carta enviada a Fliess, Freud relata um sonho e o associa à tragédia grega de Sófocles.

Podemos observar, ainda na carta 71, a tentativa de Freud em situar, a partir dos traços mnêmicos - resultantes dos restos perceptivos das experiências vividas na mais tenra infância - a possibilidade de essas cenas serem ab-reagidas através dos efeitos posteriores idênticos ao teatro trágico de Sófocles. A intenção de Freud, nessa ocasião, foi mostrar que a sexualidade infantil é atravessada por desejos recalcados. Quanto a isso, na carta 75 (1897b, p. 319), Freud afirmará que:

Devemos supor que, na infância, a liberação da sexualidade ainda não é tão localizada como o é posteriormente, de modo que as zonas (e talvez também toda a superfície do corpo) que depois são abandonadas também provocam algo análogo à liberação posterior da sexualidade.

No início do texto “A sexualidade e a etiologia das neuroses” (1898), Freud tratará de questões pertinentes ao trabalho clínico com os pacientes. Nele, sua preocupação inicial consiste em mostrar um trabalho consistente que dê veracidade à sua teoria da “etiologia sexual das neuroses”. Freud argumenta que não lhe parece prematuro advertir aos profissionais quanto aos fatos e aos benefícios que os médicos podem extrair de suas pesquisas sobre a etiologia das neuroses. Até aqui, podemos perceber que há toda uma barreira a ser ultrapassada por Freud, principalmente no que concerne ao lugar transferencial ocupado pelo médico, sobretudo no que diz respeito à transferência de saber sobre a sexualidade enunciada por seus pacientes. Quanto a essa problemática, Freud (1898 [1996], p. 252) lembra que:

O médico, segundo ouço dizer, não têm o direito de se intrometer nos segredos sexuais de seus pacientes, nem de ferir grosseiramente seu recato com interrogatórios desse tipo. Sua mão inábil só conseguirá arruinar a felicidade da família, ofender a inocência dos jovens e usurpar a autoridade dos pais; e no que concerne aos adultos, ele passará a partilhar de conhecimentos incômodos e destruirá suas próprias relações com os pacientes. A conclusão, portanto, é que é seu dever ético manter-se afastado de toda a questão sexual.

No que tange a essas questões, é notória a posição de Freud diante da pedagogia médica que trata as questões da sexualidade sob os auspícios de uma moral sexual civilizada. Quanto a isso, Freud faz uma interrogação: “Será que estamos vivendo na Turquia, perguntaria um marido, onde tudo o que uma mulher doente pode mostrar ao médico é seu braço através de um buraco na parede?” (FREUD, 1898, [1996], p.252).

Levando em conta a relação entre o médico e seu paciente, Freud dá pleno desenvolvimento a uma categoria de maior importância para a psicanálise: a transferência.

Quanto a isso, Freud já aponta para as relações de submissão e controle com as quais o saber médico tratava as questões referentes à sexualidade feminina.

Para confirmar o discurso repressivo veiculado pela sociedade vienense, Freud (1898 [1996] p. 252) afirma que “em épocas anteriores à mesma objeção pôde ser feita ao uso de anestésicos, que privam o paciente de sua consciência e do exercício de sua vontade, deixando a critério do médico se e quando ele os recuperará”. Neste texto, além de denunciar o caráter repressivo que se exercia sobre a sexualidade, Freud advoga que esse discurso pode causar danos irreversíveis à vida sexual dos neuróticos.

Quanto a isso, adverte que:

[...] após um autoexame honesto, sentir que não possui o tato, a seriedade e a discrição necessária para interrogar pacientes neuróticos, e se estiver ciente de que as revelações de caráter sexual provocarem arrepios e lascívia, em vez de interesse científico, ele estará certo em evitar o tópico da etiologia das neuroses” (1898 [1996], p. 252).

Freud encerra esta citação advertindo que, se o médico não estiver apto a ouvir questões concernentes à sexualidade alheia, abstenha-se, então, de tratar pacientes nervosas. Aqui, parece anunciar o lugar transferencial ocupado pelo médico no que concerne aos aspectos subjetivos do paciente neurótico. Dessa forma, suas recomendações possibilitam mostrar, para aquele que deseja tratar das questões sexuais de seus pacientes:

[...] que “seria vantajoso que as pessoas doentes tivessem maior conhecimento da segurança com que o médico está agora em condições de interpretar suas queixas neuróticas e de inferir delas a etiologia sexual atuante” (FREUD, 1898 [1996] p. 254).

Na argumentação acima citada, Freud tenta mostrar as relações causais entre a sexualidade e as neuroses, e, principalmente, revelar o quanto é possível ao analista operar sob transferência e, assim, avançar sobre o saber recalçado da sexualidade humana. Para atestar a veracidade desse saber, afirma que:

[...] os acontecimentos e influências que estão na raiz de toda psicose, pertencem, não ao momento atual, mas a uma época da vida há muito passada, que é, por assim dizer, pré-histórica, a época da primeira infância; e eis por que o paciente também nada sabe deles (FREUD, 1898 [1996], p. 255).

Se nas primeiras páginas desse escrito Freud tratou de questões socioculturais e transferências concernentes à sexualidade, logo será a partir das páginas seguintes desse texto que o autor apresentará os impasses inerentes à etiologia sexual das neuroses.

A fim de elucidar os contrastes presentes na etiologia das neuroses, Freud divide-as em neurastenia e psicose. Na primeira, destaca que há uma etiologia em que os fatores que contribuem para o adoecimento são experiências vividas no presente, ou seja, causas atuais. Já na segunda, a etiologia tem por base as experiências vividas na mais tenra infância. A intenção freudiana até aqui foi tentar mostrar as diferenças etiológicas existentes entre a histeria e a neurose obsessiva. No entanto, no que concerne a natureza etiológica dessas neuroses, a sexualidade é considerada o ponto de aproximação entre elas. O que interessa em ambos os casos são as marcas mnêmicas deixadas pela inscrição da sexualidade no psiquismo humano e sua associação com a etiologia das neuroses.

Dando continuidade a sua investigação acerca da sexualidade infantil e do complexo de Édipo, Freud, cada vez com mais precisão, faz a aproximação entre neurose e sexualidade.

A preocupação de Freud foi, em primeiro lugar, a de realizar uma descrição sintomatológica presente nas neuroses. Afirma ele: “depois de diagnosticar com segurança um caso de neurose neurastênica e classificar seus sintomas corretamente, estamos em condições de traduzir a sintomatologia em etiologia; e podemos então, confiantemente, solicitar do paciente a confirmação de nossas suspeitas” (FREUD, 1898b, [1996], p. 256).

Se Freud buscou, na etiologia das neuroses, a confirmação do papel da sexualidade na implicação neurótica, mais do que isso refutou a relação da hereditariedade com as afecções atuais: “A neurastenia (em ambas as suas formas), é uma dessas afecções que qualquer um pode facilmente adquirir sem ter nenhuma tara hereditária” (FREUD, 1898a, [1996], p. 258).

Ao longo de suas investigações, Freud passa a observar os efeitos do processo civilizador na incidência das neuroses. Opõe-se aos médicos que sustentavam a ideia de excesso de trabalho e da agitação da vida moderna no conto geral da aquisição das neuroses, Freud afirma que ninguém se torna neurótico apenas por excesso de trabalho ou agitação.

Para Freud, não é a agitação da vida moderna que determina a etiologia das neuroses, mas inversamente, essas surgem em decorrência da negligência flagrante que a sociedade impõe à vida sexual do sujeito. Mas por que Freud buscou a etiologia das neuroses na sexualidade? A investigação freudiana revelou que o melhor remédio para a dor psíquica e para os males da sexualidade é o erotismo, e concluiu que foi por causa do abandono ou excesso da via sexual que o sujeito se tornou neurótico. No artigo “Moral Sexual e Doença

Nervosa Moderna” (1908b), Freud faz um contraponto entre duas categorias: sexualidade e cultura. Afirma que,

Não é arriscado supor que sob o regime de uma moral sexual civilizada a saúde e a eficiência dos indivíduos estejam sujeito a danos, e que tais prejuízos causados pelos sacrifícios que lhes são exigidos terminem por atingir um grau tão elevado, que indiretamente cheguem a colocar também em perigo os objetivos culturais (FREUD. 1908, [1996], p.169).

Nesse trabalho, Freud faz referencia às condutas antissexuais perpetradas pelas modalidades eróticas da vida moderna. Ao mostrar que a “Moral Sexual Civilizada” traz consequências graves para o desenvolvimento da sexualidade humana, Freud mostrou o avesso da *normatização do sexual*. “Refiro-me ao aumento, imputável a essa moral, da doença nervosa moderna, isto é, da doença nervosa que se difundiu rapidamente na sociedade contemporânea” (FREUD. 1908b, p. 170). Mostrando que as exigências da vida moderna impõem renúncias a sexualidade, Freud menciona que “além das exigências da vida, foram sem dúvida os sentimentos familiares derivados do *erotismo* que levaram o homem a fazer essa renúncia, que tem progressivamente aumentado com a evolução da civilização” (1908b, p. 173). Para ele, portanto, a renúncia ao erotismo carrega consigo os embaraços para com a construção da sexualidade.

Se reportando ao malthusianismo¹⁹ dos médicos e a dieta contra as formas ditas degenerativas da vida sexual, Freud afrontou o saber médico que ignorou os efeitos da repressão sexual. Nessa discussão realizada em “A Sexualidade e a Etiologia das Neuroses” (1898a), Freud afirma que “podemos considerar a civilização como também responsável pela difusão da neurastenia” (1898a, [1996], p.264). Nesse trabalho, Freud já denunciara os efeitos do processo civilizador.

Nesse trabalho, Freud (1898a), chega a propor que se crie um espaço perante a opinião pública para discutir sobre os problemas da vida sexual moderna. Vaticinando que há trabalho suficiente para se fazer durante “cem anos”, Freud adentra o século XX mostrando os efeitos da repressão sexual. Com isso, portanto, ele mostra que a “nossa civilização terá que aprender a conviver com as reivindicações de nossa sexualidade” (FREUD, 1898a, [1996], p.264).

No final do referido texto, Freud mostra que a sexualidade é velada, pois há um esforço da civilização em evitar reconhecer a existência de uma ampla atividade sexual durante a infância. Conclui sua discussão afirmando que “*a natureza adiada do efeito e o*

¹⁹ O malthusianismo era uma teoria usada para reduzir e controlar o número de nascimentos de cada população.

estado infantil do aparelho sexual e do instrumento mental é a decorrência principal das psiconeuroses” (FREUD, 1898a [1996], p.267).

A fim de tentar responder à questão freudiana sobre o lugar da sexualidade na etiologia das neuroses, propomos ilustrar essa ligação com a experiência de Freud que se deu a partir do esquecimento de um nome próprio. Nesse trabalho denominado “Mecanismo Psíquico do Esquecimento” (1898b, [1996]), Freud desvela os efeitos do esquecimento na atenuação da vivência da morte e da perda da sexualidade. A descrição freudiana de uma experiência que se deu durante uma visita à Costa do Adriático, em setembro de 1898, mostrou os efeitos do recalque no esquecimento e a relação do esquecimento com a memória.

Aqui Freud desvenda como uma representação recalçada pode ser substituída por uma falsa representação a qual tem por função velar algo que se apresenta para o sujeito como uma representação impedida de ser recordada. Esta experiência de Freud se deu durante uma viagem de trem em que conversava com um desconhecido e sugeria que fosse visitar *Orvieta*, para lá contemplar os afrescos do fim do mundo e do juízo final pintados na capela da cidade. O lapso de linguagem freudiano se deu no instante em que tentará lembrar o nome próprio do artista que tinha produzido aquela obra de arte. No lugar do verdadeiro nome do artista, produtor da obra, Freud lembrou-se dos seguintes nomes: *Botticelli e Boltraffio*. Foi através do encontro com um italiano culto que Freud veio lembrar do nome do artista, pois foi este italiano quem havia dito que o nome do autor da obra se chamava *Signorelli*.

Foi exatamente nesse momento que Freud passou a associar o motivo da amnésia, ou o suposto esquecimento da representação recalçada. Nesse caso, Freud (1898b, [1996], p.277) faz a seguinte indagação: “Que influência me teria levado a esquecer o nome *Signorelli*, que me era tão familiar e que se grava tão facilmente na memória?”, “E que caminhos teriam levado a sua substituição por *Botticelli e Boltraffio*?”.

Para Freud, pouco antes de chegar ao diálogo sobre os afrescos, estivera contando ao companheiro de viagem, a conversa que teve com outro amigo de viagem, em que o mesmo relatara sobre o comportamento do povo turco a respeito da morte. “Se um médico tem que informar a um pai de família que um dos parentes está à morte, a resposta é: *Herr* (senhor), que se há de fazer?” (FREUD, 1898b [1996], P.277).

O próprio Freud, tentando investigar a causa desse esquecimento, informou que, ao relembrar essas histórias de sua viagem a *Herzegovina*, suprimiu o motivo do diálogo com o viajante no qual abordava o tema da sexualidade.

O assunto sobre os temas da morte e sexualidade foi recalçado sob a forma do esquecimento do nome próprio do pintor de nome *Signorelli*. Para Freud o esquecimento ou o

suposto recalque, se realizara através do trabalho de associação entre os nomes substitutos (*Boltraffio e Boticelli*), nomes próprios que se articulavam com a notícia do suicídio de um de seus pacientes por causa de uma perturbação sexual incurável.

O próprio Freud tratou de fazer um esquema bastante interessante a fim de mostrar os deslocamentos operados pelo recalque do nome próprio. Do recalque do nome *Signorelli*, as letras “*elli*” se associaram ao nome lembrado por Freud denominado *Botticelli*. As regiões visitadas durante a viagem chamavam-se *Herzegovina* e *Bosnia* que também se associaram aos nomes *Botticelli* e *Boltraffio*. O desfecho dessa história se dá pela associação com o nome *Herzegovina* que se liga com a resignação do povo turco diante da morte.

“*Herr*, que se há de fazer?” (FREUD, 1898b [1996], P.277). Essa frase significa (pelo menos na associação que Freud faz), a resignação diante do médico que comunica para a família do enfermo as condições do paciente. Para Freud (1898 b,) “*Herr*” é a representação da morte e da sexualidade. Nesse texto, Freud faz a seguinte indagação. “A influência que tornara o nome *Signorelli* inacessível à memória, ou, como costume dizer, aquilo que o recalcaria, só podia proceder da história que eu havia suprimido sobre o valor atribuído à morte e ao gozo sexual” (p.278).

Freud trabalha os conceitos de condensação e deslocamento na Interpretação dos Sonhos. Nesse texto, Freud (1900 [1996]) distingue vários tipos de condensação. Temos o exemplo da condensação por omissão. O sonho da “monografia botânica” ilustra o mecanismo da condensação. Os conteúdos manifestos aparecem determinados, à medida que esses determinantes remetessem a conteúdos latentes. Em Lacan a metáfora (condensação) é uma substituição significativa, ou seja, um significante por outro. Em “A Interpretação dos Sonhos” (1900) Freud mostra que os materiais oníricos nem sempre são condensados. No deslocamento, o conteúdo manifesto se apresenta desviado quanto ao sentido. Trata-se de um deslocamento de valores que irá introduzir um sentido. Esse ponto de vista evidenciado por Freud revela que, no deslocamento, o conteúdo latente tornou-se conteúdo manifesto. Para Lacan, o processo metonímico (deslocamento) visa tão somente representar o todo pela parte.

Enfim, o próprio Freud deixa bem claro o motivo do recalque. Trata-se da notícia do suicídio de um de seus pacientes por causa de uma perturbação sexual. “Recordei-me então de que essas representações recalçadas nunca me haviam absorvido mais do que algumas semanas antes, depois de ter recebido certa notícia” (FREUD. 1898b, [1996], p. 279).

No trabalho intitulado “Minhas Teses Sobre o Papel da Sexualidade na Etiologia das Neuroses” (1905 [1996]), Freud acrescenta seus avanços nos modos de conceber as hipóteses

de relação entre sexualidade e neurose. Nesse texto, ele defende a tese de que na “vida sexual normal, a neurose é impossível” (p.260). Aqui, no decorrer de suas análises quanto ao lugar da sedução sexual na constituição das neuroses, Freud se posicionou de forma contrária ao que havia dito em textos passados.

Se, no início de suas construções teóricas, Freud acreditava em suas neuróticas, principalmente quanto ao lugar da sedução na constituição do trauma, agora ele passa a rever esse posicionamento em prol do surgimento das fantasias sexuais, à luz da sexualidade infantil. Aqui, podemos observar que Freud retoma sua discussão com toda força. Se, no texto “A hereditariedade na etiologia das neuroses” (1896a), Freud se vê num impasse com a sua teoria da sedução e do trauma, agora ele operará uma virada radical que se dá através da inclusão do conceito de fantasia e sua relação com a sexualidade.

Para isso, conclui que “esclarecido esse ponto, caiu por terra à insistência no elemento traumático presente nas vivências infantis, restando o entendimento de que a atividade sexual infantil prescreve o rumo a ser tomado pela vida sexual posterior após a maturidade” (FREUD, 1905a,[1996], p.261).

Se a problemática das fantasias só eram hipotetizadas por Freud através de seu dialogo privado com Fliess (carta 69), agora será a partir da relação entre as lembranças recalçadas da infância e a produção das fantasias, que Freud se apoiará para produzir o entendimento das causas etiológicas das neuroses. Nessa Carta 69, Freud faz duas indagações: “Não acredito mais nas minhas neuróticas” (FREUD, 1896, [1996], p.309); e logo em seguida afirma que “será que essa dúvida simplesmente representa um episódio prenunciador de um novo conhecimento”?(p. 310). Indicando, com isso, um novo caminho a percorrer no que diz respeito à relação entre neurose e sexualidade, no qual o conceito de fantasia seria fundamental.

2.2 Neurose e Sexualidade: da Fantasia à Pulsão

Os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” se dividem em três grandes temas: as aberrações sexuais; a sexualidade infantil e as transformações da puberdade. Não é nossa intenção abordar todas as questões trabalhadas por Freud (1905b [1996]) nesses ensaios, no entanto propomos apenas retirar desse trabalho os elementos que configuram a relação entre neurose e sexualidade. Bem no início desse ensaio, Freud critica a opinião popular que reduz a sexualidade ao seu caráter reprodutivo.

No primeiro capítulo dos “Três Ensaio”, Freud (1905b [1996]) trata basicamente de duas questões cruciais: a inversão sexual no homossexualismo e o problema da degeneração. O que fica implícito na discussão freudiana sobre essa questão é a relação entre a degeneração sexual e o problema do homossexualismo. Para discutir essas questões, Freud retoma as discussões de I. Bloch, nas quais se afirma que os pontos de vistas patológicos da sexualidade foram deslocados em direção aos aspectos antropológicos da sexualidade. Essa tese se sustenta a partir da ideia de que a bissexualidade era culturalmente socializável pelas civilizações antigas, principalmente para garantir os laços de fraternidade e familiaridade entre as tribos civilizadas.

Se I. Bloch, citado por Freud, tentou retirar o acento patológico atribuído ao homossexualismo, utilizando-se de recursos antropológicos, porém, foi com Freud que se inaugurou um novo ponto de vista para a sexualidade dos neuróticos, que teve como diferencial a inclusão do conceito de pulsão como categoria psicanalítica que seria responsável pela sexualidade humana, e, com isso, novas questões teóricas surgiriam para a ampliação da relação entre neurose e sexualidade.

Incluindo o conceito de pulsão na teoria psicanalítica, Freud desnaturalizou a fonte da pulsão e relançou novas perspectivas teóricas para a compreensão da relação entre neurose, sexualidade, perversão e degeneração. Nesse caso, o conceito de pulsão representou uma ruptura radical com a concepção normalizante da moral sexual civilizada. Tal ruptura incidirá, sobretudo, no âmbito da sexualidade feminina.

A leitura Freudiana acerca da sexualidade dos seres humanos mostrou que diferentemente da medicina e do discurso jurídico, as transgressões sexuais são manifestações que, para serem entendidas, devem remontar ao modo de funcionamento da sexualidade infantil, considerada por Freud como “perverso polimorfo”, pois a sexualidade é marcada pelo desenvolvimento pré-genital e pelo autoerotismo.

Na discussão sobre “A pulsão sexual nos neuróticos” desenvolvida nos “Três Ensaio”, Freud (1905b [1996]) se utiliza do conceito de recalque para desvendar os efeitos do recalque das pulsões sexuais. Afirmando que “os sintomas são a atividade sexual dos doentes”, Freud (1905b[1996], p. 155) dá mais precisão à função das defesas (recalque) nos processos neuróticos. Logo, é em “Resultados da Psicanálise”, também descritos nos “Três Ensaio”, que Freud (1905b[1996]) chega a afirmar que “verificou-se por esse caminho que os sintomas representam um substituto de aspirações que extraem sua força da fonte da pulsão sexual” (p. 156). Para Freud, seria o antagonismo entre as pulsões sexuais e sua renúncia que viabilizariam a fuga para o sintoma. Anunciando que no sintoma há “uma necessidade sexual

desmedida e uma excessiva renúncia ao sexual” (p.156), ele revela, com isso, os contrastes entre as reivindicações da sexualidade e o caráter opositor dos sintomas neuróticos.

Freud confirma que “entre a premência da pulsão e o antagonismo da renúncia ao sexual situa-se a saída para a doença, que não soluciona o conflito, mas procura escapar a ele pela transformação das aspirações libidinosas em sintomas” (Freud. 1905b, [1996], p. 156). O que Freud tentou nos mostrar foi que o sintoma é a atividade sexual do neurótico, sendo, no entanto, também aquilo que o faz sofrer.

Tomando como ponto de partida o que há de desviante na pulsão sexual, Freud tenta empreender diferenças conceituais entre neurose e perversão através das diferentes posições ocupada pelos pacientes em suas fantasias. Essa discussão realizada no final do capítulo I dos “Três Ensaio” (1905b) demonstrou que a “neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão” (Freud. 1905b, [1996], p. 157), principalmente por haver, por parte do neurótico um recuo drástico diante das solicitações da sexualidade. Com isso, Freud enuncia que “*é bem possível, de fato, que a disposição constitucional desses doentes contenha além de um grau desmedido de recalçamento sexual e de uma intensidade hiperpotente de pulsão sexual, uma tendência incomum à perversão no sentido mais lato*” (1905b, [1996], p. 161).

Finalizando o capítulo I dos “Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade”, Freud (1905 [1996]) sugere que os neuróticos preservam nas manifestações de sua sexualidade adulta traços da sexualidade infantil, principalmente por haver, no núcleo da pulsão, uma derivação perversa em todos os seres humanos, se considerarmos a desnaturalização sofrida pela sexualidade humana dada a sua inserção na cultura.

No capítulo II, intitulado “A Sexualidade Infantil”, Freud discute de modo contundente, o desenvolvimento infantil da sexualidade humana, alertando para o fato de que “*um estudo aprofundado das manifestações sexuais da infância provavelmente nos revelaria os traços essenciais da pulsão sexual, desvendaria a sua evolução e nos permitiria ver como se compõe a partir de diversas fontes*” (FREUD, 1905b, [1996], p.165). O que ele propõe nesse parágrafo nos mostra o quanto é equívoca a correlação entre a etiologia das neuroses e os fatores hereditários.

Tais considerações foram fundamentais no sentido de promover a reversão dos impasses provocados pela ortopedia sexual tão presente no discurso médico da época. Para tal, foram fundamentais as teses acerca da prevalência de um infantilismo na sexualidade dos neuróticos, bem como o esboço do que viria a ser depois o conceito de recalçamento, tal como poderemos atestar na seguinte indagação por parte de Freud. “mas quais são as forças que

efetuam esse recalçamento das impressões infantis? Quem solucionasse esse enigma teria também esclarecido a amnésia histérica” (FREUD, 1905b, [1996], p. 165).

Logo, será pelo viés do recalçamento que Freud incluirá o conceito de fantasia como o eixo de articulação entre os acontecimentos sexuais infantis e seus efeitos experimentados na puberdade. A fantasia, para Freud, servirá como uma ponte entre o fator concernido nas cenas de sedução para o neurótico e o evento que ocasionou o trauma. O avanço de Freud se dá através das mudanças de coordenadas teóricas. Se nos textos anteriores aos Três Ensaios (1905b), Freud se apoiou na teoria do trauma e da sedução para dar conta do papel da sexualidade na etiologia das neuroses, agora será a partir da relação entre pulsão, recalçamento e fantasia que Freud desenvolverá novos discernimentos teóricos para a ampliação existente entre neurose e sexualidade, incluindo então o conceito de realidade psíquica.

No Capítulo II, intitulado “A investigação sexual infantil”, dos Três Ensaios (1905), Freud situa o lugar da fantasia no esclarecimento sexual das crianças feito pelos adultos. Para isso, afirma que “o primeiro problema de que, ela se ocupa, em consonância com essa história do despertar da pulsão de saber, não é a questão da diferença sexual, e sim do enigma de onde vêm os bebês?” (1905b, [1996], p. 183)

No início do terceiro capítulo de seu “Três Ensaios” (1905b), Freud aborda a passagem que vai da infância à puberdade até a fase fálica. Se, na infância, o predomínio da pulsão sexual é autoerótica, será na puberdade que o sujeito fará o encontro com o seu objeto sexual externo. Para Freud, “a normalidade da vida sexual só é assegurada pela exata convergência das duas correntes dirigidas ao objeto sexual e à meta sexual: a ternura e a sensual”. (p.196)

No item “A Teoria da Libido” (1905b), Freud antecipa as propostas desenvolvidas no texto sobre o Narcisismo de 1914. Em uma passagem desenvolvida no final dos “Três Ensaios” (1905b), Freud afirma que estabeleceu “o conceito de libido como uma força quantitativamente variável que poderia medir os processos e transformações ocorrentes no âmbito da excitação sexual” (1905b, [1996], p. 205).

No final de seus “Três Ensaios” (1905b), Freud especula sobre as características masculinas e femininas inerente à sexualidade. Ao afirmar que, para a menina, a tendência ao recalçamento sexual tem maior relevância, Freud deixa claro que as manifestações autoeróticas nas meninas, principalmente no que toca os seus modos de satisfação masturbatórias, contribuem para a afirmação freudiana da natureza masculina da libido, uma vez que nas fantasias das meninas o clitóris é equivalente ao pênis.

Para Freud, a sexualidade feminina é atravessada por uma onda de recalçamento que atinge a excitabilidade do clitóris, logo, é notório que será a partir do trânsito que vai do erotismo clitoridiano ao genital que residem os principais determinantes da propensão das mulheres à neurose: “Esses determinantes, portanto, estão intimamente relacionados com a natureza da feminilidade” (Freud. 1905b, [1996], p. 209).

Quando Freud afirma que o aparecimento da feminilidade surge após uma onda de recalçamento que atinge o clitóris e que a vagina é um órgão que demarca o aparecimento do erotismo na mulher, o que ele quer afirmar com essa questão? Que só há uma libido: a masculina²⁰.

O percurso freudiano, até aqui, parece nos encaminhar para a existência de especificidades que marcam a sexualidade feminina e a determinação da neurose em mulheres. Portanto, trataremos de percorrer as trilhas deixadas por Freud, principalmente através dos textos sobre o complexo de Édipo no que diz respeito aos destinos da feminilidade, da relação com o falo e principalmente para com a constituição do superego em mulheres. Não devemos deixar de afirmar que a organização dos “Três Ensaio Sobre a Teoria da sexualidade” (1905b) serviu para mostrar que Freud separou a sexualidade da dimensão anatômica e da defesa da complementaridade entre os sexos. O conceito de pulsão sexual indicou que a sexualidade é multifacetada e não restrita à genitalidade, mostrando com isso que a obtenção de sua satisfação pode se dar a partir dos mais variados objetos, distinguindo-se assim da estereotipia da sexualidade animal.

2.3 Neurose e Sexualidade Feminina

Em “A organização genital infantil: (Uma interpolação na teoria da sexualidade)”, Freud (1923, [1996]) diz ter o intuito de corrigir alguns problemas teóricos no que diz respeito às questões que envolvem a organização da libido infantil. Sua intenção, nos diz ele, é a de “reparar uma negligência desse tipo no campo do desenvolvimento sexual infantil” (p. 157).

²⁰ No texto sobre o Narcisismo (1914), Freud ressalta a incidência do narcisismo para o desenvolvimento sexual humano. Para Freud, a atitude de tratar o próprio corpo como objeto sexual deriva da relação erótica que o narcisista tem com o corpo. Assim a vida erótica se resume às carícias sexuais autoeróticas. Para Freud o autoerotismo serve a finalidade da auto-preservação. Nesse texto, Freud afirma que o primeiro objeto de amor para a criança é a mãe. Em seguida Freud afirma que o amor objetal é essencialmente masculino. Reportando-se às meninas, afirma que “já o tipo feminino mais freqüentemente encontrado, provavelmente o mais puro e o mais verdadeiro, o mesmo não ocorre” (Freud. 1914. p. 95). Nesse texto, Freud comunica que as mulheres mais belas desenvolvem um autocontentamento com si mesma, o que garante um amor objetal por si mesma.

Sua questão de partida envolvia o acesso à feminilidade como consequência dos desdobramentos do complexo de Édipo na menina.

Tratava-se, nesse momento, não apenas de lançar luzes para o entendimento desse acesso, mas também de identificar quais os percalços existentes para trilhar o caminho rumo ao “continente negro²¹”.

Ambas as questões estavam vinculadas à sua prática clínica com a neurose, e ambas são igualmente fundamentais para a compreensão da relação entre neurose e sexualidade feminina. Nesse texto, assume a necessidade de avançar quanto à compreensão das especificidades do complexo de Édipo na menina, uma vez que suas teorizações anteriores tinham, por parâmetro, o complexo de Édipo do menino.

Bem no início de sua discussão acerca da organização genital infantil, Freud afirma que “na infância a primazia dos genitais só foi efetuada muito incompletamente” (1923, [1996], p. 158). Reformulando essa questão, passa a confirmar que a vida sexual das crianças e dos adultos “vai muito além e não se limita unicamente ao surgimento da escolha objetal” (p.158).

Demonstra, com isso, outro aspecto que o complexo de Édipo presentifica: a descoberta, tanto pelo menino quanto pela menina, da diferença sexual. A assimilação psíquica desse aspecto seria, portanto, outra complexa tarefa do referido complexo. A experiência clínica de Freud o fez perceber a diferença com que meninos e meninas se depararam quanto a essa assimilação, pois, uma vez que a descoberta da diferença sexual se apóia na percepção dos órgãos genitais e que no psiquismo infantil havia a pressuposição de que todos eram iguais, tal contestação presentifica para ambos a falta.

Freud passa a abordar a importância do conceito de falo como sendo aquilo que representa a diferença e que, no imaginário infantil, é equiparado ao pênis. Sua ausência na menina introduz a equação que fará equivaler à ausência de pênis à castração.

Tratando, pois, de demonstrar a primazia do falo no que diz respeito à representação psíquica da diferença, Freud dá pleno desenvolvimento à primazia dos órgãos genitais. Constata, então, que se havia no psiquismo infantil uma simetria do masculino com o feminino estabelecida por meio da relação pênis /clitóris, que servia à alegação da diferença sexual, o que agora estabelece é que há uma dissimetria operada pelo falo. Para Freud, essa diferença “consiste no fato de, para ambos os sexos entra em consideração apenas um órgão genital: o masculino. (FREUD, 1923, [1996], p.158)

²¹ Freud fez referência a esse termo ao explorar as obscuridades da sexualidade feminina. Perante as dificuldades encontradas em responder à questão do “que quer uma mulher? Freud enuncia essa frase enigmática.

No decorrer de seus apontamentos em “A organização genital infantil”, Freud (1923, [1996]), aborda a maneira pela qual o menino denega a falta de um apêndice genital no corpo da menina. Segundo ele, para o menino, a princípio, o clitóris é equiparado ao pênis, não havendo até aqui o reconhecimento da diferença sexual. No entanto, ao perceber essa falta na genitália feminina, Freud informa que os meninos levam em consideração a premissa universal de que todos teriam que ter um pênis, e a partir dessa ideia constrói uma teoria com base em sua fantasia de que *“o pênis é pequeno e ficará maior dentro em pouco, e depois lentamente chegam à conclusão emocionalmente significativa de que, afinal de contas, o pênis pelo menos estivera lá, antes, e fora retirado depois”* (FREUD, 1923, [1996], p. 159).

Para Freud, a falta desse apêndice na menina, que agora foi observado pelo menino, será vista como resultado de uma castração. Logo o menino cai em si, e supõe que a castração pode incidir sobre seu próprio órgão. A possibilidade da castração pode agora atingir não só as meninas, mas também, aos meninos. Será somente na puberdade que haverá no psiquismo a inscrição da polaridade sexual entre o feminino e o masculino, isso através da referência do masculino à atividade sexual e posse do pênis, enquanto que, para a menina, a referência à passividade e à vagina como órgão valorizado e lugar de abrigo do pênis.

Em “Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos”, Freud (1925, [1996]) discute detidamente sobre a sexualidade feminina a partir do complexo de castração. Segundo ele, “nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração” (p.285). Nesse trabalho, Freud retoma quase tudo que já foi dito sobre a sexualidade feminina, além de não negar as dificuldades inerentes ao esclarecimento do continente obscuro inerente à sexualidade feminina. Visando elucidar os aspectos singulares que constituem o surgimento do complexo de Édipo no menino e na menina, Freud retorna à discussão sobre as “diferenças na relação entre seus complexos de castração e de Édipo e suas divergências na construção do superego” (p.276).

No decorrer desse trabalho, Freud afirma que a falta de pênis nas mulheres é compreendida por elas, “como uma punição pessoal para si mesma (...)”, (1925, [1996] p.282). Logo é no nível da fantasia inconsciente descrita em “Uma Criança é Espancada” (1919 [1996]), que será possível a Freud adentrar na fantasia neurótica como fundamento da estruturação do superego e do complexo de Édipo feminino.

Nesse caso, será com a intenção de investigar as questões levantadas por Freud que faremos uma imersão no texto de 1919, pois acreditamos que, nesse trabalho, o autor trata de forma mais categórica os argumentos desenvolvidos no trabalho “Consequências Anatômicas

da Distinção Entre os Sexos” (1925), no qual articula a fase fálica ao complexo de Édipo e de castração. Para Freud, a fantasia de espancamento é compreendida como uma cicatriz decorrente do complexo de Édipo, a qual denominou de “o núcleo das neuroses”.

Freud (1919 [1996]), no desenvolvimento do texto “Uma Criança é Espancada”, afirmou que esse trabalho deveria tratar de uma pesquisa sobre o masoquismo, no entanto, algum tempo depois, afirmou para Ferenczi que se tratava de um trabalho que discutia sobre a gênese das perversões nas fantasias neuróticas. No início da discussão por ele empreendida sobre os três tempos da fantasia, tratou de abordar os impasses de uma menina que visa angariar o amor paterno infligindo dor a um suposto rival. Para construir essa reflexão, aproximamo-nos dos tempos subjetivos implicados na construção da fantasia de flagelação.

Num segundo instante, propomos realizar uma discussão a partir das vozes gramaticais que aparecem na fantasia: passiva, ativa e reflexiva, já que essas culminam nos destinos pulsionais inerentes à construção das cenas.

Alguns aspectos clínicos referentes ao caso do “Homem dos Ratos”, mais especificamente os que se referem às barbaridades atualizadas pela narrativa do suplício dos ratos, serão por nós retomados por acreditarmos serem úteis para nossas discussões acerca da relação entre a neurose e o complexo de Édipo na menina. Portanto, passamos a investigar o tema da fantasia em Freud, sobretudo através dos traços perversos da fantasia de espancamento.

2.4 Os tempos Subjetivos da Fantasia de Espancamento

Retomando o tema da flagelação do rival, abordaremos a fantasia obsessiva pelo viés da fantasia de espancamento. Para tanto, orientamo-nos a partir da leitura do artigo “Uma Criança é Espancada” (1919) de Sigmund Freud. As questões que serão apontadas a partir desse texto têm a função de discutir o tema da fantasia a partir dos tempos subjetivos assinalados por Freud.

No início do artigo, Freud afirma que “a fantasia tem sentimentos de prazer relacionados com ela e, por causa deles, o paciente reproduziu-a em inúmeras ocasiões, no passado, ou pode até mesmo ainda continuar a fazê-lo” (FREUD, 1986. [1919] p.195). Observamos com isso que, o estado de prazer, proporcionado pela fantasia, pode alcançar características de uma obsessão, no entanto, o sentimento de culpa se impõe contra essa atividade fantasiosa. Nesse trabalho, tomamos como ponto de partida, as atividades escolares

que ocorrem no sexto ano de vida de uma menina, já que segundo Freud (1919) é nessa época que as meninas revivem as fantasias de espancamento.

Espancar, ser espancada e se deixar espancar, revelam os três tempos da fantasia de espancamento. A conjunção dos tempos gramaticais inerentes à fantasia expõe as posições subjetivas do agente da trama. Se, no primeiro tempo, o sujeito ocupa uma posição ativa, no segundo, ocupará uma posição passiva. Diante dos fatos clínicos por ele observados, Freud indaga se estaríamos diante de uma posição masoquista ou sádica, mas descarta ambas as possibilidades, pois na referida fantasia, a criança não ocupa o lugar de agente da tortura.

O primeiro tempo da fantasia se inicia na voz ativa: “Uma criança é espancada”. A especificidade desse ato se origina do desejo infantil de capturar o amor do pai infligindo dor (pelo menos na fantasia) à outra criança que é igual e rival na dialética do desejo²². Se o âmago dessa história se inicia através da fustigação do outro, é exatamente por isso que as posições subjetivas se alteraram. Aqui o agente da fantasia sai da posição de sujeito para ocupar o lugar de objeto, pois é o agente da fantasia quem sofrerá o castigo.

No segundo tempo da fantasia a criança que é torturada é o próprio agente da fantasia. Para Freud, a inversão no tempo da fantasia é decorrente do sentimento de culpa que acossa o sujeito, logo é na mudança de posição que o mesmo se vê torturado pelo amor paterno. Se para se sentir amado pelo pai é preciso que o rival se submeta ao castigo, é exatamente por isso que a neurótica se culpa.

Freud chega a afirmar que,

Se o componente sexual que se soltou prematuramente é o sádico, podemos esperar, com base no conhecimento derivado de outras fontes, que a sua subsequente repressão resultará numa inclinação para a neurose obsessiva (1919 [1996], p.198).

Observando as obscuridades inerentes à fantasia de espancamento, Freud aponta para duas questões importantíssimas. No início, confirma que não se trata de masoquismo por parte do agente da fantasia, pois a criança espancada é um rival imaginário. Logo em seguida, afirma que o torturador não é a criança. Supondo que seja o pai, afirma que não se trata de sadismo. Em seguida, confirma que ocorrem transformações profundas no tempo da fantasia, ou seja, a criança espancada é o próprio sujeito da fantasia e advoga que essa cena é esquecida, sendo considerada como “uma construção em análise” (p.201).

²² Quando Freud afirma que o agente espancador não é a criança da fantasia, ele apenas está confirmando o caráter neurótico da fantasia de flagelação, pois, nessa descrição, Freud apenas ressalta o desejo imaginário da criança em ser amada e ao mesmo tempo ser repelida por esse amor.

Se desejo espancar, sou espancada. Vociferação que sidera a consciência da menina. Até aqui, Freud trabalha a fantasia no singular, logo, é no terceiro tempo que a analisa no plural: “crianças são espancadas, inclusive eu” (p.201). Na fantasia da menina, é o gênero masculino quem sofre os espancamentos e humilhações. Entretanto, a fantasia conjuga três tempos pulsionais através da voz reflexiva. O segundo e terceiro tempo da fantasia são correlatos ao retorno da voz moral sobre a própria pessoa. Agora, no terceiro tempo da fantasia as crianças espancadas se definem por uma especificidade sexual.

A entrada na ordem fálica, inerente aos meninos, implica para a menina, uma identificação com o pai. Para a menina a intenção de espancar o rival decorre de sua cicatriz edípica na qual a menina se vê vítima. Em Freud, “a fantasia de espancamento e outras fixações perversas análogas também seriam apenas resíduos do complexo de Édipo, cicatrizes, por assim dizer...” (1919, p.208). Nessa fantasia, o desejo de ser amada e desejada pelo pai decorre da diferença entre ter (ser amada) e não ter (ser odiada) o falo.

Em decorrência dessa posição subjetiva, a menina constrói pela via da fantasia de espancamento uma saída para marcar a construção de um lugar subjetivo na lógica edípica. Para Freud “a ideia de o pai batendo nessa odiosa criança é, portanto, agradável, independente de ter sido realmente visto agindo assim. Significa: o meu pai não ama essa criança, ama apenas a mim” (1919 [1996], p. 202). Portanto, diferenciamos a partir de Freud, o desejo de espancamento da menina em relação ao rival. Na neurose, o caráter perverso da fantasia ressalta o lugar que o agente ocupa na construção das cenas fantasmáticas.

Lacan, no Seminário “A Relação de Objeto” (1957, [1995]), revela que o suplício da fantasia de espancamento expõe a disjunção entre desejo e gozo, já que ser amado ou odiado pelo pai demarca duas posições subjetivas na fantasia. Uma em que se é objeto e outra em que se é sujeito. Ser amado pelo Outro infligindo dor ao rival é a condição de se fazer sujeito, logo é reduzindo o concorrente à condição de objeto que me solidarizo com a possibilidade de ser amado pelo pai. No terceiro tempo da fantasia, há o excedente da operação de espancamento, onde todos são reduzidos a objetos pelo agente da tortura. O último tempo dessa fantasia ensina que ser o objeto do Outro é a garantia que dá ao desejo a imersão no gozo.

Se, no primeiro tempo, o sujeito é puro olhar, no segundo, é pura voz. Nesse caso, os dois primeiros tempos da fantasia, implicam dois momentos pulsionais em que as bordas do corpo são afetadas por destinos erógenos variáveis. O flagelo do rival e conseqüentemente seu próprio espancamento revela as vias perversas do desejo. Ver, sendo visto, é o elemento que conjuga os três tempos da fantasia de espancamento. A lógica dessa fantasia é a garantia do circuito pulsional, pois os tempos gramaticais implicados nesse drama são fieis às categorias:

ativa, passiva e reflexiva. A voz imperativa que sidera o agente da fantasia revela a experiência subjetiva da menina, já que ela se sente acossada pela presença do supereu (Lacan, 1957, [1995]).

A discussão realizada em torno da fantasia de espancamento nos ajudou a rever as estratégias que a menina usava para dissimular o desejo de espancar o rival. A especificidade dessa fantasia descrita por Freud, em 1919, serviu para ampliarmos a relação existente entre fantasia, desejo e gozo. Se, no primeiro tempo, o desejo de ver o flagelo do rival é uma tentativa de capturar a condolência do pai, é no segundo tempo que a culpa opera a virada subjetiva, já que a menina é ejetada do amor paterno. No primeiro momento, o amor do pai é condicionado pelo desejo de espancar o adversário, no segundo, é a moralidade que dá ao desejo a possibilidade de aceder ao gozo.

A surra no outro nos parece eminentemente simbólica, pois a menina pretende alcançar o amor paterno por uma via fantasmática em que predomina processos de idealização. O retorno do espancamento sobre si operada no segundo tempo é inerente à presença simbólica da lei paterna. Por fim é na ambivalência entre amar e odiar que o sujeito da fantasia pode ultrapassar os limites do desejo em direção ao gozo culposos (LACAN, 1957). Logo, a discussão freudiana sobre os “Três tempos da Fantasia” (1919) nos parece, em princípio, uma via de acesso para localizarmos, como se especifica a relação da menina como o falo, com o supereu e principalmente para o entendimento da determinação da neurose obsessiva quando da sua ocorrência em mulheres.

Retomando o texto “A dissolução do complexo de Édipo” (1924), propomos pensá-lo, à luz do texto “uma criança é espancada”. (1919). Nesse trabalho, Freud tratará da dissolução do complexo de Édipo. No entanto, nos ater-nos-emos apenas às questões do Édipo feminino com fins de circunscrever a saída da trama edípica e quais os percalços na constituição da neurose obsessiva.

No Édipo, conforme as palavras de Freud, “a menina gosta de considerar-se como aquilo que seu pai ama acima de tudo, porém chega à ocasião em que tem de sofrer por parte dele uma dura punição e é atirada para fora de seu paraíso ingênuo” (1924, [1996], p. 193).

Nessa afirmação, fica claro que Freud está se apoiando no texto de 1919, pois Freud trata de localizar a fantasia feminina de espancamento à luz do complexo de Édipo e de castração. O que fica implícito nessa argumentação freudiana quanto ao Édipo é que a ausência anatômica do pênis nas meninas servirá como inscrição simbólica da castração para os meninos. Logo, a menina porta uma falta que situará o Édipo feminino, para além do Édipo masculino.

Para Freud, o final do complexo de Édipo masculino ocorrerá através do abandono das catexias objetais em direção à mãe, as quais serão substituídas pelas identificações com o pai. “A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal” (FREUD, 1924, [1996], p. 196).

Em Freud, essas observações capacitam-no a articular a organização fálica com o complexo de Édipo, a ameaça de castração e a formação do superego. Diante de novas descobertas, Freud se interroga. “Como se realiza o desenvolvimento correspondente nas meninas?” (1924, p. 197). Essa indagação freudiana nos remete para a nossa questão de partida, que trata de investigar como ocorre a constituição do superego, a relação com o falo e os destinos da feminilidade em mulheres de estrutura neurótica obsessiva.

A fim de dar conta de suas questões quanto ao Édipo feminino, Freud confirma a existência de um período de latência, uma organização fálica, um complexo de Édipo e supostamente um superego feminino. Com o desejo de desvelar “o que quer uma mulher”, Freud faz uma afirmação, um tanto enigmática: “a anatomia é o destino” (1924, p. 197). Com isso, Freud reafirma o complexo de masculinidade existente no Édipo feminino. Esclarece que, “por algum tempo ainda, consola-se com a expectativa de que mais tarde, quando ficar mais velha, adquirirá um apêndice tão grande quanto o do menino”. “Aqui, o complexo de masculinidade das mulheres se ramifica” (FREUD, 1924, [1996], p. 198).

Quanto ao superego feminino, Freud supõe que por razão do complexo de castração não causar temor na menina, “cai também um motivo poderoso para o estabelecimento de um superego e para a interrupção da organização genital infantil” (1924, p.198). No seu entendimento, o complexo de castração da menina não incide na perda de um apêndice anatômico, mas na possibilidade de perder o amor do pai. Logo, é em termos de uma equação simbólica que o Édipo feminino se esclarecerá para Freud. Nessa equação, o que interessa para a menina é o desejo de receber do pai um filho, o qual se fará o representante de uma compensação imaginária do membro que falta em seu aparelho genital.

Propomos avançar mais, ainda, a partir dos textos “A Sexualidade Feminina (1932) e com o texto sobre a “Feminilidade” (1933), no qual tentaremos localizar os avanços freudianos quanto às saídas possíveis para o Édipo feminino.

CAPÍTULO III

3. A Neurose Obsessiva em Mulheres em Freud, Lacan e na Contemporaneidade

3.1. Sexualidade Feminina em Freud

Buscar uma orientação teórico/clínico na obra de Freud nos parece apropriado, principalmente quando visamos encontrar correlações possíveis entre a compreensão freudiana das neuroses e suas relações com a sexualidade feminina. A partir da conexão teórica entre esses dois aspectos abordaremos os pontos que tocam em questões relevantes para o prosseguimento de nosso trabalho. Nesse caso, propomos aprofundar a relação entre neurose e sexualidade feminina, dando prosseguimento ao entendimento da constituição do superego na mulher, a relação entre a escolha da neurose e a ascensão à feminilidade.

Enfim, problematizaremos as diferenças e as reais dificuldades de acesso à feminilidade a partir da neurose de mulheres obsessivas, para então entender as questões referentes à clínica e à cultura contemporânea no que diz respeito às suas relações com as possibilidades de construção da feminilidade, uma vez que, para Freud, a construção de um lugar na cultura é algo de fundamental importância, uma vez que a cultura é regida pela referência fálica. No trabalho “Sexualidade Feminina” (1932, [1996]), observa-se que Freud dará ênfase à duração na relação pré-edípica da menina com a mãe. Essa observação é uma ampliação das descobertas realizadas em “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” (1925), na qual Freud se queixava das obscuridades inerentes à sexualidade feminina.

Quanto à isso, logo no início do primeiro capítulo de “Sexualidade Feminina” (1932), Freud problematiza duas questões de fundamental importância. A primeira delas aponta para a passagem da sexualidade clitoridiana (via recalque) para a genital (vagina); a segunda questão ressalta a troca de objeto que a menina deve fazer para se situar no Édipo. Num primeiro momento, Freud observa que o Édipo feminino está eminentemente ligado a esses dois fatores.

Segundo Freud,

O primeiro foi o de que onde a ligação da mulher com o pai era particularmente intensa, a análise mostrava que essa ligação fora precedida por uma fase de ligação exclusiva à mãe, igualmente intensa e apaixonada. Com exceção da mudança de seu objeto amoroso, a segunda fase mal acrescentara algum aspecto novo à sua vida erótica. Sua relação primária com a mãe fora construída de maneira rica e multifacetada. O segundo fato ensinou-me que a duração dessa ligação também fora grandemente subestimada (1932, [1996], p. 233).

Freud, no início do capítulo I, orientou-se em um aspecto do qual ele não tinha se dado conta inicialmente, mas que se revelara em sua clínica, ou seja, “de certo número de mulheres permanecerem detidas em sua relação original com a mãe e nunca alcançarem uma verdadeira mudança em direção aos homens” (FREUD, 1923, [1996] p. 234). Aqui Freud se remete ao período pré-edipiano das meninas com suas mães, elemento chave que norteará para ele as origens das “fixações e repressões” inerentes ao supereu feminino.

Nesse período (pré-edipiano), o pai é para a menina um rival causador de problemas entre a menina e seu objeto de amor. Essa descoberta é tomada por uma surpresa, já que Freud não havia se dado conta dessa fase primitiva (pré-edipiana) entre mãe e filha. Aqui Freud abandona qualquer relação de reciprocidade entre o Édipo feminino e o masculino.

No final desse capítulo, Freud associa a fase pré-edipiana da menina articulando-a ao desejo devorador da mãe que toma a menina como objeto de “múltiplas restrições impostas no decorrer do treinamento e do cuidado corporal...” (FREUD, 1932, [1996], p. 235). No início desse trabalho, são esclarecidas as bases conceituais que serão determinantes para as especificidades apontadas por Freud para a assimilação do conceito de supereu feminino.

Referindo-se ao trânsito entre o erotismo clitoridiano (análogo ao órgão masculino) e o vaginal, Freud afirma haver duas fases sexuais suplementares para as meninas. A primeira ocorre através da erotização clitoridiana, a qual é denominada por Freud de viril e máscula; a segunda, nomeada de vaginal, que garante para a menina a conquista da feminilidade. Freud deixa claro que a mudança em seu próprio sexo, opera uma mudança na escolha do sexo do objeto externo. O que fica implícito nessa discussão é o caráter suplementar que Freud dará ao Édipo e à sexualidade feminina, devido ao fato de que outro caminho além daquele que partilha com o Édipo dos meninos, terá que ser trilhado para a resolução do seu próprio complexo.

No entender de Freud,

Há um processo de transição de uma fase para outra, do qual nada existe de análogo no homem. Outra complicação origina-se do fato de o clitóris, com seu caráter viril, continuar a funcionar na vida sexual feminina posterior, de maneira muito variável e que certamente ainda não é satisfatoriamente entendida (1932, [1996], p. 236).

Afirmando que o complexo de castração na menina não garante ao superego se tornar o guardião da lei, Freud propõe três saídas para o Édipo feminino. Na primeira saída edípica, há uma revolta por parte da menina, o que a situa como vítima do outro materno, fato que só faz aumentar sua insatisfação em relação ao erotismo clitoridiano, e supostamente a faz abandonar sua atividade fálica e seus supostos investimentos sexuais. Aqui, Freud parece propor uma saída histórica para os percalços edípicos. Para Freud, (1932) a mulher histórica aferra-se ao congelamento de sua sexualidade, bem como à errância de tomar o desejo de outra mulher como isca para o próprio desejo (a relação entre Dora e a senhora K).²³

A segunda saída para o Édipo feminino se dá através da postura desafiadora diante da ameaça de perder sua masculinidade. Para Freud, “esse complexo de masculinidade nas mulheres pode também resultar numa escolha de objeto homossexual manifesta” (p. 238), o que caracteriza uma saída perversa, tal qual revelada no caso da “jovem homossexual”, descrita em “A psicogênese de um Caso de Homossexualismo Numa Mulher” (1920).

A terceira implicação edípica para que a mulher possa ascender à feminilidade é o encontro com o objeto paterno, o que garante outra via de saída para o Édipo feminino. Se o encontro com tal objeto é o que garante um lugar para a feminilidade na cultura, nem por isso é possível circunscrever o lugar do Édipo feminino na civilização. O próprio Freud nomeou de “continente negro” o fato de que há algo de irrepresentável no que diz respeito ao sexo feminino.

No que diz respeito ao que há de sem sentido na assimilação psíquica do sexo feminino, há “certos tipos de mulheres” (RIBEIRO, 2001), ditas obsessivas, que insistem em representar o irrepresentável do continente obscuro da sexualidade feminina. Se a mulher histórica se faz de vítima e denuncia sua falta através da insatisfação clitoridiana (fálica), logo, será a mulher obsessiva que iniciará todo um cortejo para inscrever o falo como objeto obturador de sua falta. As três saídas do Édipo feminino forjadas por Freud no texto sobre a sexualidade feminina apontam para as diversas saídas do Édipo feminino.

Portanto, no segundo capítulo de “A Sexualidade Feminina” (1932), Freud problematiza a ligação duradoura da menina com a mãe (fase pré-edípica). Para isso afirma que “muitos fenômenos da vida sexual feminina, que não foram devidamente compreendidos antes, podem ser integralmente explicados por essa fase” (FREUD, 1932 [1996], p. 238). A fim de sustentar suas ideias, Freud confirma que muitos relacionamentos conjugais de “certos

²³ Nesse trabalho publicado em 1905, Freud aponta as agruras do desejo de sua paciente histórica (Dora) em relação à senhora “K”. Tomar posse do desejo de uma mulher desejada pelo próprio pai é um dos recursos usados por Dora para sustentar o próprio desejo.

tipos de mulheres” (Ribeiro, 2001), são idênticos aos dramas de relacionamentos vividos entre a menina e a mãe. Tal nos mostra uma passagem de uma observação feita por Freud acerca do tratamento de uma paciente acometida de neurose obsessiva compulsiva:

“O marido de tal mulher destinava-se a ser o herdeiro do relacionamento dela com a mãe” (FREUD, 1932, [1996], p. 239). Outro ponto relevante nas investigações freudianas quanto à experiência pré-edipiana entre a mãe e a filha se dá no início e após a puberdade. Na puberdade, a mãe se torna a guardiã da castidade da filha, o que facilita a regressão para as regras morais pré-edipianas (supereu) perpetradas pela mãe durante a fase (clitoridiana) e por conseqüência a instalação da ambivalência afetiva entre ambas. Freud finaliza esse capítulo afirmando que “é característico dos neuróticos obsessivos que, em seus relacionamentos objetivos, o amor e o ódio se contrabalançam mutuamente” (p. 243).

Freud inicia o terceiro capítulo de “A Sexualidade Feminina” (1932), interrogando-se quanto aos objetivos sexuais da menina durante a fase de ligação como a mãe. Para Freud, “os objetivos sexuais da menina em relação à mãe são tanto ativos quanto passivos e determinados pelas fases libidinais através das quais a criança passa” (1932 [1996], p. 244). O aprofundamento teórico de Freud revela que a menina manifesta inclinações sádicas e fálicas em relação à mãe. Nesse texto, Freud chega a afirmar que analisou desejos agressivos de meninas em relação às mães, e que tais desejos são provenientes da repressão precoce experimentada na fase pré-edipiana, fato que justifica o desejo de morte em relação à genitora.

A problematização de Freud quanto à sexualidade feminina e o advento do supereu em mulheres são retirados de sua própria experiência clínica. Para incluir a presença de um supereu arcaico, feroz e obscuro, Freud afirma que “o caminho para o desenvolvimento da feminilidade está agora aberto à menina, *até onde não se ache restrito pelos remanescentes da ligação pré-edipiana à mãe, ligação que superou*” (1932, [1996], p. 247). Aqui Freud parece nos advertir para a experiência arcaica (pré-edipiana) da menina com a mãe, a qual pode interferir de forma devastadora na construção de sua feminilidade.

Freud finaliza esse trabalho afirmando que o trabalho de Abraham (1921) sobre o complexo de castração na mulher ainda não foi superado, no entanto, ressalta que o mesmo não levou em conta a relação mãe e filha na fase pré-edipiana. Enaltecendo a pesquisa de Jeane Lampl de Groot (1927), Freud aponta para o valor que é dado por essa autora a fase pré-edipiana, onde a atividade fálica da menina para com a mãe é reconhecida através da ambivalência afetiva (amor/ódio).

Em “A Feminilidade” (1933, [1996]), Freud volta a problematizar a relação pré-edípica da menina com sua mãe, a qual se apresenta sob a forma de ambivalência afetiva, ou seja, “a partir disso, são completamente ambivalentes, possuindo tanto uma natureza carinhosa, como hostil ou agressiva” (FREUD, 1933, p.120). A citação de Freud, tratada nesse parágrafo, visa tão somente mostrar que o sedutor não é o pai, mas a mãe pré-edípica. No decorrer dessa discussão, Freud coloca a seguinte questão: “Orientaremos, agora nosso interesse no sentido de saber unicamente que coisa põe fim a essa poderosa vinculação da menina à sua mãe” (FREUD, 1933, p.122).

O que Freud ressalta nessa discussão é que o suposto afastamento da menina em relação à mãe desencadeia um estado afetivo de rancor e ódio, onde a hostilidade advém como decorrente da falta de compensação em sua genitália. No decorrer do texto sobre a feminilidade (1933), Freud comenta que a menina “sente que foi destronada, espoliada, prejudicada em seus direitos, nutre um ódio ciumento em relação ao novo bebê e desenvolve ressentimento contra a mãe infiel, o que muitas vezes se expressa em desagradável mudança de conduta” (FREUD, 1933 [1996], p. 123).

No avançar de suas indagações, Freud propõe três saídas para o Édipo feminino: uma que conduz à neurose, ou inibição sexual; outra que aponta para o complexo de masculinidade, e por fim a (maternidade) que baliza a ascensão da menina à feminilidade. Para a primeira vertente, Freud informa que a neurose resulta da renúncia à satisfação clitoridiana, na qual a menina se vê fixada. O repúdio à mãe tem como consequência o congelamento da própria sexualidade.

Quanto a esta questão Freud comenta que,

Seu amor próprio é modificado pela comparação com o equipamento muito superior do menino e, em consequência, renúncia à satisfação masturbatória derivada do clitóris, repudia seu amor pela mãe e ao mesmo tempo, não raro reprime uma boa parte de suas inclinações sexuais em geral. Seu afastamento da mãe, sem dúvida, não se dá de uma só vez, pois, no início, a menina considera sua castração como um infortúnio individual, e somente aos poucos estende-a a outras mulheres e por fim, também à mãe (1933, [1996], p. 126).

Para trabalhar as especificidades da saída da menina do Complexo de Édipo – no que tange ao tornar-se mulher -, Freud propõe a seguinte equação: ao eleger o pai como portador das insígnias fálicas, a menina recebe o aporte fálico através de um filho suposto que receberia do pai (pênis = falo = bebê). Referindo-se ao complexo de masculinidade como uma segunda saída edípica para uma menina, Freud afirma que a mesma “apega-se a sua atividade

clitoridiana e refugia-se numa identificação com sua mãe fálica ou com seu pai” (1933 [1996], p. 120). Na conclusão desse trabalho, Freud sugere que “se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes” (1933 [1996], p. 134)

3.2. O Desejo Histérico e o Desejo Obsessivo

A propósito das saídas possíveis para o Édipo feminino, tanto a mulher tornada neurótica obsessiva quanto a mulher tornada neurótica histérica revelam as suas particularidades. No caso Dora²⁴ (1905c), observa-se o desdobramento do desejo histérico em relação ao Édipo. Inflamada de desejos por tudo que capturava o desejo paterno, essa histérica passa a rivalizar com aquela que se apresenta como mulher desejada por seu pai.

Esse caso clínico publicado em 1905 demonstra as consequências do desejo histérico em relação ao objeto fálico. O contraditório do desejo histérico se apresenta através do véu da insatisfação. É como desejada que a histérica passa a tornar-se desejante. Se algo vacila por parte daquele que a deseja, ela prontamente responde com a sua bela indiferença em relação a seu desejo. É preciso que alguém lhe dê provas de seu desejo em relação a ela.

No início, o próprio Freud não se dera conta de localizar a função do desejo histérico. Capturada pela força desejante da amante do pai, Dora passa a cobrar de seu genitor o afastamento imediato da amizade com a Sra. K²⁵. “Mais tarde, sempre que Dora repreendia o pai por causa da Sra. K, ele costumava dizer que não podia entender sua hostilidade e que, ao contrário, seus filhos tinham todas as razões para serem gratos a ela” (FREUD. 1905c, [1997], p.38).

A intriga requintada a que as histéricas se entregam tem como objeto aquilo que anima seu desejo. A palha seca que incendiou o desejo da paciente de Freud não foi a Sra. K, como bem pensava Freud. A condição de mulher (Sra. K) que sustentava seu desejo em uma cultura puritana e moralista foi a chave que despertou em Dora o desejo de possuir aquele desejo portado pela Sra. K. Era preciso que Dora pedisse para que seu pai acabasse com aquele romance, pois, em todo caso, ela não suportaria tamanha identificação desejante. A gratidão

²⁴ Fragmento da Análise de Um Caso de Histeria (1905c, [1996])

²⁵ A Sra. K. foi para Dora um ícone de sua Época. Desejada e ao mesmo tempo odiada, a Sra. K. passou a ser para a paciente de Freud aquela que detinha o enigma da feminilidade.

devidamente cobrada pelo pai de Dora em relação à senhora K nos parece bastante relevante, pois foi através desta mulher desejável que Dora vislumbrou as portas da feminilidade.

Segundo Lacan,

Dora se interroga: o que é uma mulher? E é na medida em que a Sra. K. encarna a função feminina como tal que ela é, para Dora, a representação daquilo em que esta se projeta como sendo a questão. Dora está no caminho da relação dual com a Sra. K., ou melhor, a Sra. K. é aquilo que é amado para além de Dora, e é por isso que Dora se sente, ela própria, interessada nessa posição. A Sra. K. realiza aquilo que ela, Dora não pode nem saber nem conhecer por essa situação em que não encontra onde se alojar (1956, [1995], p.144).

O embaraço da mulher histérica em relação a seu desejo advém de sua estrutura. Na histeria, é através da passagem do ser ao ter o falo que se configura sua posição estrutural na dialética edipiana. A figura do pai privador frustra a menina da apropriação do atributo fálico do qual se estima desprovida. É na medida em que o pai se inscreve no desejo da mãe que se impõe para a menina a saída da dimensão do ser o falo para a mãe. Uma vez removida da posição fálica é possível aceder ao registro da castração. Para a menina é pela via amorosa que o complexo de castração se instala, uma vez que perder o amor do pai equivale a deixar de ser o falo. Logo é nesse registro que o pai passa da categoria imaginária à simbólica.

Para Lacan,

A experiência analítica nos prova que o pai, como aquele que priva a mãe do objeto de seu desejo, a saber, o objeto fálico, desempenha um papel absolutamente essencial, não direi nas perversões, mas em qualquer neurose e em todo o desenrolar, por mais fácil e mais normal que seja, do complexo de Édipo (1958, [1999] p. 190).

É no jogo do ser ao ter o falo que podemos situar a problemática da histeria. Se o pai carrega consigo atributos que deslocam o desejo da mãe em sua direção, logo é por que este, o pai, é portador do falo. Nesse caso, é na posição de pai privador do falo materno que a histérica vê o pai, portanto, no registro imaginário. O drama histórico surge no instante em que há por parte do pai certa vacilação em relação ao suporte fálico. O cerco histórico consiste nesse dar a prova no qual a histérica investe toda sua economia desejante.

No caso Dora (1905), é possível conferir as manobras que essa paciente faz a fim de sustentar a impotência do pai através dos arranjos que essa histérica propicia para que o pai passe a se encontrar com a Sra. K. Engajar seu desejo no desejo paterno é uma das fórmulas que a histérica usa para mostrar quem detém o atributo fálico. Nessa lógica, a mulher histérica

se identifica com o desejo da mulher desejada por achar que esta pode dar alguma solução ao enigma de seu desejo.

Essa atribuição que as históricas determinam ao outro, contribui para que esse tipo clínico possa elevar por identificação qualquer sujeito ao estatuto de grandioso. O teatro histórico se acentua quando o entronado não responde à altura de seu domínio. Daí advém a máxima: “Sua majestade reina, mas não governa”. A Sra. K era para Dora uma espécie de agalma. Ela era portadora do brilho que incendiava o desejo paterno. Porém, Dora não suportava que seu pai adorasse aquela mulher de forma tão contundente, ou seja, para além dela mesma. Estes aspectos denotam as manobras que Dora usava para elevar e ao mesmo tempo abater aquela que era objeto de seu desejo. Enfim, é como provocadora dos atributos fálicos no outro que uma mulher histórica apresenta seus préstimos reivindicatórios.

No texto, “Intervenções Sobre Transferência” (1951) publicado nos “Escritos” (1998), Lacan aborda o caso Dora. Nesse artigo, Lacan (1951) aponta a posição subjetiva de Dora diante das solitudes que o Sr. K. destina para Dora. Para Lacan, Dora é oferecida ao Sr. K. pelo próprio pai. “Mas, o cúmulo é que, desse modo, ela é oferecida sem defesa às investidas do Sr. K., para as quais seu pai fecha os olhos, tornando-a com isso objeto de uma troca odiosa” (LACAN. 1959 [1998], p. 217). O drama de Dora se acentua quanto o próprio Freud interpreta que é ela, Dora, que agencia toda trama amorosa do pai com a Sra. K. Foi logo após essa interpretação, feita por Freud, que Dora abandonou o tratamento.

Se a histórica precisa de um mestre para reinar sobre ela e logo em seguida abatê-lo, a mulher obsessiva, diferente da mulher histórica, encarna a escrava do mestre, pois só assim ela pode subtrair-se de seu desejo. É como mortificado que uma mulher obsessiva apresenta seu desejo. Essa questão da mortificação do desejo advém da falta de implicação subjetiva. É essa implicação que a obsessiva evita a todo custo.

Levada a uma condição privilegiada no desejo materno, a menina é situada como o falo que falta à mãe. Na neurose obsessiva, essa posição advém de várias condições específicas, dentre elas; a preferência. Conforme Joel Dor, “descobre-se sempre na história dos obsessivos a menção a uma criança que teria sido a preferida pela mãe, ou que, pelo menos, pôde num dado momento, sentir-se privilegiada junto a ela” (1994, p. 99).

Embaraçada por esse investimento precoce advindo do desejo materno, a neurótica é assolada por um anseio que a submete à condição de ter que responder à altura de sua posição. Portanto, é por não encontrar no pai a função preponderante para seu desejo que uma mãe submete à criança a condição de suplente da insígnia paterna.

Para haver significação do desejo materno é preciso que a mãe encontre na figura paterna uma vaga para seu desejo. A predeterminação do desejo materno em relação ao pai é o ponto de Arquimedes para que o sujeito ultrapasse a posição de suplência a esse desejo inscrito na lógica edipiana.

Na passagem do ter (desejo/amor objetual) ao ser (desejante/identificação), a mãe deve se apresentar como dependente do desejo paterno, cabendo a este sustentar esse lugar simbólico no desejo materno. É através da mensagem materna em relação ao poderio fálico do pai que uma criança pode escapar da posição de suplente do desejo materno. Se algo não se inscrever de maneira satisfatória é possível que a criança seja instalada imaginariamente no dispositivo de suplência do desejo da mãe. Eis um dos pontos principais para a configuração obsessiva.

Em “As Neuropsicoses de Defesa” (1894), Freud faz um pequeno relato clínico do caso de uma paciente que se isolara do convívio social. Essa paciente adorava frequentar as festas locais, no entanto, quando pressentia alguma possibilidade de desejar algum homem que estivera no salão de festa, prontamente ela sentia a necessidade de urinar.

Na discussão do caso clínico, Freud chega a afirmar que “pouco a pouco, essa fobia a deixara completamente incapaz de se divertir ou de frequentar a sociedade. Só se sentia bem ao saber que havia um toalete próximo e acessível, que ela poderia atingir discretamente” (1894. [1996], p. 62).

A conclusão à qual Freud chegou, revela que;

Um exame detalhado mostrou que a necessidade ocorrera primeiramente nas seguintes circunstâncias: no salão de concerto, um cavalheiro ao qual ela não era indiferente tomara assento não longe dela. A moça começou a pensar nele e a imaginar-se sentada a seu lado, como sua esposa (FREUD. 1894, [1996], p. 62).

Impedida por seu sintoma de frequentar os salões da cidade, a jovem em questão revelou a Freud as razões do isolamento social. A anulação retroativa dessa jovem paciente se expressa no instante em que ela desejara transformar aquele cavalheiro em seu suposto marido. Desejar e, ao mesmo tempo, anular esse desejo é uma das especificidades do sintoma obsessivo, por isso a necessidade da paciente em percorrer o salão e contornar o desejo que assolara seus pensamentos através do ato ejaculatório. O ritual obsessivo praticado pela jovem era o recurso que ela usara para continuar a evitar o próprio desejo e impedir a demanda amorosa.

Reduzindo o desejo à necessidade do ato de urinar, essa obsessiva não consegue separar o desejo da necessidade, o que inviabiliza o agenciamento da demanda amorosa por

parte do parceiro. Da impossibilidade de articular uma demanda que viabilize uma oferta desejante, as mulheres obsessivas são comandadas pelo imperativo da servidão. É como escrava que a obsessiva deseja.

Enquanto a histérica procura um mestre para destituí-lo, a mulher obsessiva trabalha arduamente para que o mestre permaneça intacto na sua posição. Evitando se confrontar com a própria falta, a obsessiva neutraliza o desejo, impedindo que alguém a deseje.

Como afirma Lacan, “ora, a ilusão, a fantasia mesma que está ao alcance do obsessivo é, afinal de contas que o Outro como tal consinta em seu desejo” (1957. [1999], p.429).

3.3 A Neurose Obsessiva Feminina Em Freud

Um dos grandes traços de Freud como psicanalista comprometido com a transmissão do saber psicanalítico era a sua honestidade teórica e sua coragem em expor tanto seus dados clínicos quanto as suas dificuldades e, até mesmo, erros cometidos nas conduções dos tratamentos efetuados com os neuróticos. Graças a toda uma casuística clínica presente em todo o seu percurso, que ora se apresenta por meio de fragmentos com vinhetas clínicas e ora comparecem como descrições mais exaustivas de casos, temos uma grande riqueza de dados que nos permite voltar a nossa atenção a eles com o intuito de deles retirar elementos relevantes para a pesquisa. Em nosso caso, faremos uso dos relatos de casos clínicos de mulheres afetadas pela presença de sintomas neuróticos que, articulados a outros fatores estruturais, foram por ele diagnosticados como neuróticas obsessivas.

Já no início de sua trajetória clínica definida após os seus estudos com Charcot (1894), Freud entra em contato com a cena histérica. Os referidos casos de neurose obsessiva em mulheres são objetos de sua descrição, muito embora sejam ofuscados, ou despercebidos pelos grandes casos de histeria que chamavam a atenção dos clínicos, dada a sua grande incidência nos hospitais psiquiátricos da época, como se observava na Salpêtrière, onde Freud pode ter acesso através das aulas e apresentações de doentes empreendidas por Charcot.

Freud, desde o início de seu trabalho clínico, mostrava-se contrário às tendências teóricas da época que associava a histeria ao feminino e a neurose obsessiva ao masculino. A clínica freudiana transcende o gênero. Não há em Freud simetria entre masculino (obsessão) e feminino (histeria) que dê garantias da escolha da neurose pela via da identidade sexual. Portanto, Freud já anunciara que o inconsciente desconsidera a anatomia.

Em 1894, Freud detalhou muito bem a incidência de neurose obsessiva em mulheres. Apesar de dar relevância ao caso do “Homem dos Ratos” (1909), observa-se que, na obra de

Freud, há casos de neurose obsessiva em mulheres que garantem a presença dessa neurose em meio à alta incidência de histeria. Essa é por si só uma questão a se considerar nessa pesquisa. Portanto, Freud nos mostra que o inconsciente é sexual e que a escolha da neurose está associada ao nó edípiano. Não há, portanto, em Freud, nenhum registro que revele uma simetria entre neurose obsessiva para homens e histeria para mulheres e muito menos diferença sintomatológica entre neurose obsessiva entre mulheres e homens. A diferença está na saída do Édipo.

Na parte II de “As Neuropsicoses de Defesa” (1894, [1996]), Freud informa que em todos os casos de neurose obsessiva que analisou, “era a vida sexual do sujeito que havia despertado um afeto aflitivo, precisamente da mesma natureza do ligado à sua obsessão” (p. 59). Nessa discussão, Freud confirma que as representações sexuais são atenuadas por defesas obsessivas que deslocam grandes somas de afeto para representações mais toleráveis. Por isso ele acredita que “o afeto de que o eu sofre permanece como antes, inalterado e não diminuído, com a única diferença de que a representação incompatível é abafada e isolada na memória” (Freud. 1894, [1996], p.61).

Para confirmar seus apontamentos, Freud lança mão de seus casos clínicos onde abordará o caso de uma jovem paciente que sofria de autorrecriações obsessivas. Essa jovem era leitora assídua das páginas policiais de um jornal local. Ela tinha sempre a impressão de ser a culpada pelos noticiários publicados pelo jornal da época. Certa vez, ao ler sobre a falsificação de moedas, perguntara-se se não tinha sido ela a autora do ato transgressor. O crime em questão era acompanhado pelas constantes acusações a que essa mulher se devotara.

Para Freud (1894, [1996]), a falsificação de moedas, pela qual se culpava a jovem, era uma tentativa de desarticular um pensamento sexual doloroso que invadia suas ideias. Conforme Freud, “quando lia alguma coisa nos jornais sobre falsificadores de moedas, ocorria-lhe a ideia de que também produzia dinheiro falso” (p.61). A incidência de culpabilidade da jovem foi aumentando a ponto de Freud afirmar que a “subjugação do eu” (p.62) provinha de elementos sexuais. Freud informa que a culpa de sua paciente era decorrente de “sensações voluptuosas causal, ela se deixara induzir por uma amiga a se masturbar, e praticara a masturbação durante anos, inteiramente consciente de sua má ação, que era acompanhada das mais violentas, embora inúteis, autorrecriações” (FREUD, 1894. [1996], p. 62).

Para ludibriar sua má ação, a jovem mulher resolveu tomar das páginas policiais as representações que lhe aprouvesse, já que essas notícias de jornal eram os recursos defensivos

que ela usara para deslocar o desejo sexual em direção ao ato culposo. Na discussão, Freud (1894) revela que, na neurose obsessiva, o desejo está associado ao sexual. Logo, Freud comunica que “o afeto da obsessão, em outras palavras, parece-lhe estar desalojado ou transposto, e se tiver aceitado o que se disse nestas páginas, ele poderá, em diversos casos de obsessões, retraduzi-las em termos sexuais” (FREUD, 1894. [1996], p. 60).

No texto sobre a “Sexualidade Feminina” (1931), Freud faz referência à atividade fálica da menina em idade precoce. Reportando-se à masturbação do clitóris, Freud trabalha as consequências dessa atividade prazerosa para o futuro da feminilidade e suas implicações para com a neurose obsessiva em mulheres. Para Freud, a proibição cultural da masturbação é equivalente à censura que a mãe impõe para que a menina abandone essa atividade.

Ao rebelar-se contra essa proibição, a menina traz consigo toda ambivalência (amor/ódio) contida no embargo materno. Freud confirma que a insistência por parte da menina nesse tipo de satisfação passa a abrir caminho rumo ao complexo de masculinidade, pois “seu ressentimento por ser impedida de uma atividade sexual livre desempenha grande papel em seu desligamento com a mãe”. (FREUD, 1895, [1996], p. 240).

Em alguns casos, essa separação pode revelar a depreciação da menina para com a sua mãe, pois coube à mãe trazê-la ao mundo sem o atributo fálico. “Seja como for, ao final dessa primeira fase de ligação com a mãe, emerge, como motivo mais forte para a menina se afastar dela, a censura por a mãe não lhe ter dado um pênis apropriado, isto é, tê-la trazido ao mundo como mulher (FREUD, 1931, [1996], p. 242).

Em “Obsessões e Fobias” (1895), Freud relata o caso de uma moça que exibia um ódio incontrolável pelos empregados de sua casa. A origem desse afeto foi mapeada por Freud através da análise que ele conduziu com essa jovem paciente. A jovem moça nutria um amor incontestável pela mãe, o que a situava como a preferida dela, pois esta última destinava o seu amor materno para essa filha querida. Para Freud, o ódio de sua paciente em relação aos empregados da casa advinha de uma cena de amor em que a filha flagrara a mãe com um homem. Desalojada do lugar de objeto do desejo materno, essa jovem tratou de isolar a cena amorosa em que vira a mãe com outra pessoa. Para se livrar da ambivalência amor/ódio em relação à genitora, a paciente de Freud tratou de recalcar a cena amorosa a fim de deslocar o afeto odioso em relação à mãe para os empregados da casa.

Freud constatou que,

Essa moça fora testemunha involuntária de uma cena de amor em que sua mãe tomara parte. Escondera o rosto, tapara os ouvidos e fizera o máximo para esquecer

a cena, pois ela repugnava e teria tornado impossível sua permanência com a mãe, a quem ela amava ternamente (FREUD, 1894, [1996], p. 81).

Para Freud, o drama da paciente se deu no momento em que a mesma se percebera ejetada do lugar narcísico em que o amor materno a alojou. Em Freud (1922[1996]), o tema do ciúme está associado ao deslocamento da condição de portador absoluto do amor do parceiro. Nessa ocasião, comunica que o ciúme está ligado àquilo que o enciumado não tem, mas que o outro, o rival, apresenta possuir. A mulher histérica conhece muito bem a arte de provocar ciúme no parceiro para que este possa lhe confiar a corte.

No caso Dora, Freud (1905c) revelara os percalços de sua paciente em relação à dama (Sra. K) que seu pai amava. Quanto a essa questão, Lachaud (2001, p. 37) informa que “em outras palavras, quando uma mulher nos fala de sua rivalidade com outra mulher, como analistas temos boas razões para pensar, através dessa rivalidade proclamada, que ela interroga, pelo viés da outra mulher, o que está acontecendo com a sua feminilidade?”

Para Lachaud (2001) o ciúme é vivenciado através da sensação de abandono que os neuróticos vivenciam. Esse caso clínico descrito por Freud (1895 [1996]) mostra que o ciúme na neurose obsessiva está articulado ao desejo de se perpetuar como uma criança que deve ser amada e desejada pela mãe.

Para Denise Lauchaud,

O obsessivo vive esse sentimento sob o modo do abandono. Do outro que o trai, frequentemente, ele nada quer ver ou ouvir. Assim que consente em sair de sua voluntária ignorância, ele oferece o espetáculo da criança perdida; perde a mãe, seu primeiríssimo objeto de amor” (LAUCHAD, 2001, p. 46).

Em “Alguns Mecanismos Neuróticos no Ciúme, na Paranoia e no Homossexualismo” Freud (1922[1996]), conclui que o ciúme está ligado ao sofrimento de deixar de ser o objeto amado. O ciúme concorrencial dos obsessivos enunciado por ele nesse texto revela que o desejo de obter o que lhe falta está associado a sua dificuldade em significar para o parceiro amoroso as condições de seu próprio desejo. Nesse caso, a ambivalência entre amor e ódio, comum na neurose obsessiva, é um símile da vivência edipiana de ser e ter sido inflado pelo desejo materno. Freud (1931 [1996], p. 243) atesta que “é característico dos obsessivos que, em seus relacionamentos objetivos, o amor e o ódio se contrabalançam mutuamente”.

3.4. O (*Genuss*) na Neurose Obsessiva Feminina.

Dando prosseguimento a análise do caso da mulher que inviabilizava o desejo pela necessidade de urinar, observa-se que no trabalho “Neuropsicoses de Defesas” Freud (1894 [1996]), expõe o caso de “uma moça que sofria de um pavor de ser dominada pela necessidade de urinar e de ser incapaz de evitar molhar-se, desde a ocasião em que uma necessidade desse tipo de fato a obrigara a sair de um salão de concerto durante a apresentação” (p. 62). A restrição que o sintoma impunha a essa jovem esteve associada ao desejo sexual. Conforme Freud (1904 [1996], p. 62), “em sua vida corriqueira, ela era tão pudica que experimentava intenso horror por qualquer coisa relacionada a sexo e não podia contemplar a ideia de vir a casar-se um dia”. Logo, essa restrição norteou toda a construção de sua sintomatologia obsessiva.

Havia uma circunstância que revelava o momento crucial em que esta paciente sentia a necessidade de urinar. Essa jovem era frequentadora assídua dos salões de festa da cidade. Certa noite, num salão de concerto a moça sentou-se em um lugar propício aos flertes. Foi quando avistou um jovem que sentado perto de sua mesa, despertou o desejo de ser desposada pelo cavalheiro. “A moça começou a pensar nele e a imaginar-se sentada a seu lado, como sua esposa” (Freud, 1894, [1996], p. 62).

No momento em que se imaginava como aquela que despertava no pretenso jovem um desejo erótico associado às delícias do casamento, aí se instalara a renúncia que a privara do devaneio sexual. No lugar do desejo sexual, adveio a necessidade de urinar. A interpretação de Freud mostrou que incontinência urinária de sua paciente estava ligada ao desejo de assumir uma atitude feminina e ir às vias de fatos com o jovem cavalheiro. Freud (1894 [1996], p. 62) relata que a jovem “ficou muito aterrorizada pela sensação sexual, pois tomara a resolução interna de combater aquela preferência específica”. Precavida em relação ao desejo sexual, essa paciente de Freud passou a isolar-se em sua casa, pois ali a necessidade de urinar cessara.

Antes mesmo de deslocar o desejo sexual para o ato de urinar, a jovem passou a ritualizar a sua ida aos banheiros. Em um teatro local se sentiu atraída por um homem, no entanto, tratou de anular esse afeto pela via da incontinência. O ritual obsessivo de ir ao banheiro toda vez que desejava um homem decantou o embargo que a interdição impunha.

Esse impasse é para Freud (1933 [1996]) a raiz da problemática neurótica. O autor (p.134) afirma; “mas não se esqueçam de que estive apenas descrevendo as mulheres na medida em que sua natureza é determinada por sua função sexual”.

Se o desenvolvimento da feminilidade se realiza pelos enlaces com a sexualidade, quais os desdobramentos que a neurose obsessiva impõe à sexualidade feminina?

No “Manuscrito K”, Freud 1896b [1996]) indica o sintoma primário dessa neurose de defesa: escrupulosidade do pensamento.

Os fragmentos de neurose obsessiva em mulheres, enfatizados até aqui, revelam que essa neurose se destaca como uma espécie de defesa contra qualquer tentativa de aproximação do sujeito em relação ao seu desejo. Portanto, não se trata de defender-se de alguém que desperta seu desejo. Para Lachaud (2007, p. 31), “não é defesa contra o outro, mas contra o gozo do Outro²⁶”

Que consequência se pode retirar da experiência freudiana com a neurose obsessiva em mulheres? É a partir das consequências entre o desejo e o gozo que a neurose obsessiva apresenta suas incidências clínicas. A penhora do desejo parece impulsionar o neurótico em direção ao mais além do prazer. Confiscar o desejo para não se implicar com o objeto desejado é uma das funções do embargo obsessivo.

As mulheres obsessivas que Freud (1894 [1996]) analisou estão sempre às voltas com as questões do desejo e do gozo. Logo, o desejo investido no objeto só serve para fazer esse tipo clínico gozar do embargo, pois o deleite do objeto está confiscado, o desejo é sempre objeto de interdição.

Em “Totem e Tabu” (1913b, [1996], p.81), Freud afirma que “em primeiro lugar, descobrimos que um dos aspectos do caráter dos neuróticos obsessivos é uma escrupulosa conscienciosidade que é um sintoma reagido contra a tentação a espreitar no inconsciente”. Freud deixa claro que o obsessivo é doutrinado por uma conscienciosidade que tem por função espreitar o desejo inconsciente.

Os fragmentos clínicos de neurose obsessiva em mulheres descritos por Freud mostram que o Édipo feminino também é um mito que faz referência à perda e ganho de gozo. No texto “Totem e Tabu”, Freud (1913b [1996]) sustenta essa premissa, principalmente a partir do mito totêmico. Nesse texto, a mulher é gozada e ao mesmo tempo objeto de interdito sexual.

Ainda no citado trabalho, Freud diferencia o tabu da neurose obsessiva. No tabu, a punição recai sobre aquele que violou as regras morais. Na neurose obsessiva, a violação da lei recai sempre sobre a pessoa que o neurótico ama. Freud (1913b, [1996], p.85) finaliza a

²⁶ O conceito de gozo é uma categoria de Jacques Lacan. No entanto, Freud, no caso clínico do “Homem dos Ratos” (1909) faz um comentário sobre a face de horror de seu paciente que relatara sobre o suplício dos ratos. Freud cita nesse trabalho (1909) a palavra “Genuss” que em alemão significa “gozo”, no entanto, parece que Freud não se refere ao desenvolvimento que Lacan deu a esse conceito.

lição II de “Totem e Tabu” afirmando que “o fato que é característico da neurose é a preponderância dos elementos sexuais sobre os elementos sociais”.

No trabalho, “Atos Obsessivos e Práticas Religiosas” (1907), Freud descreve um fragmento clínico referente ao caso de uma paciente mulher que ritualizava o coito sexual interrompido no dia de núpcias pela impotência do marido. Essa jovem paciente apresentava um ritual compulsivo que consistia em sair correndo do quarto em direção a uma mesa e a partir desse local, tocava uma sineta a fim de que a serviçal (arrumadeira) pudesse ver uma mancha avermelhada no tapete que visava mostrar que o ato sexual fora consumado de fato.

Na descrição desse fragmento clínico, Freud informa que,

Na noite de núpcias o marido sofrera um percalço bastante comum: vira-se impotente. Durante a noite ele correrá várias vezes de seu quarto para o dela, em renovadas tentativas de obter sucesso. Pela manhã, com vergonha da arrumadeira do hotel que fazia as camas, derramou o conteúdo de um vidro de tinta vermelha no lençol, mas de forma tão canhestra que o manchou num local pouco adequado aos seus propósitos. Portanto, com seu ato obsessivo ela representava a noite de núpcias (FREUD, 1913[1996], p. 112).

Esse caso clínico descrito por Freud mostrou que a estratégia compulsiva de sua paciente serviu para indicar a sua posição subjetiva diante do olhar da Outra mulher (a serviçal) que foi chamada para testemunhar os seus impasses para com o gozo sexual.

Quanto a isso, Freud anuncia que,

Como característica curiosa e menosprezável da neurose obsessiva, que seus cerimoniais se prendem aos atos menores da vida cotidiana e se expressam através de restrições e regulamentações tolas em conexão com eles. Só compreendemos esse singular aspecto do quadro clínico quando percebermos que o mecanismo do deslocamento psíquico, por mim descoberto inicialmente na construção de sonhos, domina os processos mentais da neurose obsessiva (1907, [1996], p. 115).

No texto, “A disposição à Neurose Obsessiva” Freud (1913a [1996]), relata o caso de uma jovem esposa que se tornara infeliz por conta do fracasso sexual do marido. Antes de abordar o caso clínico propriamente dito, Freud comunica que “a neurose obsessiva não constituía outra reação ao mesmo trauma que primeiramente provocara a histeria de ansiedade, era uma reação a uma segunda experiência, que havia apagado completamente a primeira” (p. 343).

Para Freud (1913 [1996]), a paciente em questão “queria ter filhos” e planejava tê-los com o suposto marido. A impotência do esposo marcara toda a sintomatologia da jovem mulher. Conforme o psicanalista vienense, a jovem “queria ter filhos, por motivos baseados

numa fixação infantil de seus desejos, e adoeceu quando soube que era impossível tê-los do marido que era o único objeto de seu amor” (1913 [1996], p. 343).

Diante das dificuldades surgidas pelo problema sexual do marido, a jovem construiu um ritual de lavagens e “limpeza escrupulosas” com fins de criar medidas protetoras para se resguardar dos seus impasses com a sexualidade: “Sua dificuldade sexual foi obrigada a encontrar expressão nestas formas, após sua vida genital ter perdido todo o valor devido à impotência do único homem que lhe poderia importar (Freud. 1913 [1996], p. 344).

Segundo Freud (1913[1996]), a vida sexual de sua paciente se construiu a partir de “fantasias de espancamento” (p.345). A supressão dessas fantasias sexuais deu origem a exacerbação da moralidade, sem qualquer despertar das volúpias sexuais femininas. O ponto chave desse caso clínico se deu no momento em que a vida genital da paciente perde seu valor erótico, principalmente porque seu homem fracassa diante dos anseios sexuais de sua mulher.

3.5. A Neurose obsessiva de mulheres em Jacques Lacan

Jacques Lacan abordou o tema da Neurose Obsessiva feminina em pelo menos três Seminários: “O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise” (1954-55); “As Formações do Inconsciente” (1957-58) e no Seminário “A Transferência” (1960-61). Diferentemente de Freud que direcionou suas pesquisas sobre a neurose obsessiva a partir de dados colhidos de sua própria clínica, Jacques Lacan, nos citados seminários, privilegia o comentário do tema a partir de casos clínicos conduzidos e teorizados por outros psicanalistas. No seu quinto Seminário, “As Formações do Inconsciente”, Lacan (1957-58 [1999], p.460) afirma que “não dispomos de tantas análises assim da neurose obsessiva na mulher”.

No capítulo XXI do Seminário “O eu na Teoria de Freud e da Psicanálise” (1954-55), Lacan retoma o caso clínico de Fairbairn, publicado em 1931. Com o subtítulo de “Sósia”, trata ele de discutir a relação do neurótico obsessivo com seu próprio eu. “Se o obsessivo se mortifica não é porque, mais do que outro neurótico, apega-se ao seu eu, o qual carrega em si o desapossamento e a morte imaginária” (Lacan, 1954-55[1985], p. 336).

Lacan (1954-55[1985]) observa, então, que a “eu-eracia” obsessiva não advém de uma atitude introspectiva inerente a seu tipo clínico. Nesta neurose, o eu é regulado pela incidência de certa objetualização de si mesmo. Ao evitar o próprio desejo, o obsessivo se recolhe no umbral do seu narcisismo. Na neurose obsessiva o desejo está hipotecado pela chancela materna. Essa hipoteca tem uma função estrutural na sua economia psíquica: negar o

próprio desejo em favor do desejo de não desejar o que o Outro deseja. Diferente da histérica que deseja um desejo para sustentar o seu, a obsessiva marca seu desejo a partir de um desejo impossível.

No Seminário “As Formações do Inconsciente”, Lacan (1957-58[1999]) conclui que “o obsessivo resolve a questão do esvaecimento de seu desejo fazendo dele um desejo proibido. Faz com que ele seja sustentado pelo Outro, precisamente pela proibição do Outro” (p. 427). Eis a estratégia obsessiva que oferece obstáculos clínicos à condução do tratamento dessa neurose.

Em seu comentário realizado no Seminário II, Lacan (1954-55[1985], p.336) informa que “a incidência mortal do eu acha-se nele levado ao máximo” O estado de mortificação do desejo, a qual se refere Lacan, denota a magnitude do automartírio do neurótico obsessivo.

Jacques Lacan adentra o caso de Fairbairn descrito no capítulo XXI do Seminário II afirmando que “não se trata de um obsessivo, porém de uma mulher que tem uma anomalia genital real, ela tem uma vaginazinha de nada, e que se respeitou, ela é virgem, e a esta vaginazinha de nada não corresponde nenhum útero” (LACAN, 1954-1955[1985]. P.339).

A apresentação desse caso mostra que a paciente renunciara de suas atividades femininas e que orientou seus afazeres para o magistério. Quanto mais ela se exigia como mestra, mais ainda ela era “tiranizada por seus escrúpulos” (LACAN, 1954-1955[1985], p. 340). Para Lacan, o erro diagnóstico de Fairbairn (Psicose Maníaco-Depressiva), se deu em razão das constantes crises de euforia e depressão, o que o fez se equivocar na construção diagnóstica. Lacan (1954-1955[1985]) radicalizou o diagnóstico de Fairbairn afirmando que “uma das molas secretas dos fracassos dos tratamentos de obsessivos é a ideia que, por detrás da neurose obsessiva, há uma psicose latente” (p.342).

Para Lacan (1954-1955[1985]), a neurose obsessiva está associada à presença de um eu fortificado pela ação das defesas obsessivas. Quanto a esta fortificação egóica, Lacan informa no Seminário I que, “desde a origem, desde as primeiras pesquisas de Freud, a resistência está ligada à noção de ego” (p.33).

Afinal, a discussão proposta por Lacan, a partir do capítulo XXI do supracitado Seminário, serviu para esclarecer que, na neurose obsessiva, o desejo se organiza em torno de uma impossibilidade. Qual? O de tomar o desejo do Outro como fosse o seu, e assim, negar esse Outro enquanto inconsciência.

No congresso sobre a sexualidade feminina, Lacan sinaliza que,

Quanto a esse mesmo ponto, convém indagar se a mediação fálica drena tudo o que pode se manifestar de pulsional na mulher, notadamente toda a corrente do instinto

materno. Por que não dizer aqui que o fato de que tudo o que é analisável é sexual não implica que tudo o que é sexual seja acessível à análise? (1960 [1998], p.739).

Esse transpassamento de gozo inerente às mulheres obsessivas se apresenta através da presença de desejos infanticidas, das constantes passagens ao ato (suicídio) e principalmente através dos traços melancólicos. Segundo Ribeiro (2001, p. 116), “a clínica, no entanto, nos mostra que algumas mulheres obsessivas, no fundo do poço de sua dor, chegam a tentar o suicídio, provocam graves acidentes por ato falho e se condenam à morte em vida, não se cuidando e abandonando-se como mulheres”.

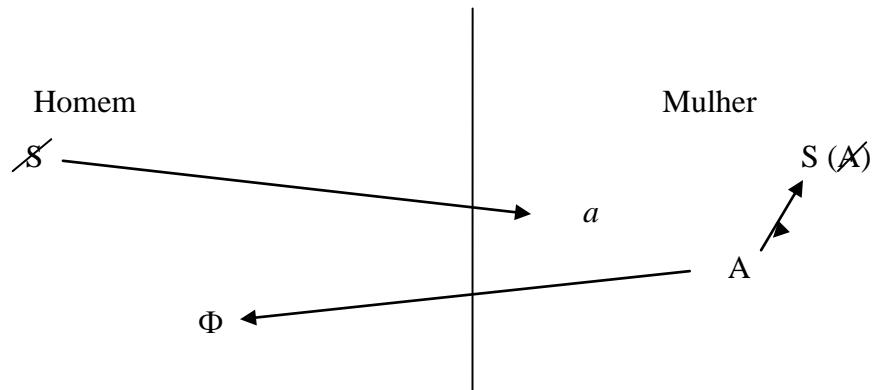
Lacan (1954-1955 [1985]) mostra que a paciente de Fairbairn entra na análise através de uma depressão causada pela maneira como ela era afetada pelos homens. Segundo ele, Fairbairn equivocou-se ao afirmar que o estado depressivo de sua paciente adviria da dificuldade que ela teria para com os homens: “Descobre-se que há uma relação entre o fato de que ela afeta determinados homens, que a aproximação de certos homens mexe com ela e as crises de depressão” (p. 340).

Neste ponto de sua discussão, Lacan interroga Fairbairn, pois percebe que este tentara mostrar para a sua paciente o quanto a sua depressão estava associada ao seu próprio eu masculinizado por sua anomalia. Enfim, Fairbairn parece querer associar o conceito de sexualidade às condições anatômicas.

Segundo Lacan, Fairbairn relaciona as crises de depressão dessa mulher obsessiva com a sua relação dual para com a sua própria sexualidade anômala. Sexualidade feminina e anatomia são os norteadores da direção do tratamento em Fairbairn.

“Não há melhor ilustração da função do *Penisneid*, é na medida em que nela existe identificação com o homem imaginário (...)” (LACAN, 1954-1955[1985], p. 341). Aqui vemos demarcado o erro conceitual de Fairbairn: pensar o desenvolvimento da sexualidade feminina a partir da sexualidade anatômica. Em “Diretrizes para um Congresso Sobre a Sexualidade Feminina”, Lacan (1960 [1998]) aborda a incidência do falo na estrutura subjetiva da mulher. Conforme Lacan a oposição freudiana entre o gozo clitoridiano e o gozo vaginal trouxe mais obscuridades do que luzes, “isso porque a natureza do orgasmo vaginal guarda invioladas suas trevas” (1960[1998], p. 737).

Para Lacan (1960[1998]), o que é analisável na sexualidade feminina carece de limites. Portanto, a partir do seminário “Mais, ainda”, Lacan (1972-73[1985]) esclarece que a sexualidade feminina se orienta não toda na ordem fálica. Logo, será através dos recursos da lógica, aí descritos, que Jacques Lacan apontará novos discernimentos teóricos para a compreensão da sexualidade feminina, o que se encontra sintetizado em sua seguinte fórmula:



Do lado esquerdo da fórmula da sexuação de Lacan (1972-73[1985]), observa-se que o sujeito (\mathcal{S}) visa buscar no lado mulher da fórmula $S(A)$, algo (a) que complete seu ser. Essa falta de ser está associado, ao registro da castração em que todos os seres falantes estão inscrito (Φ). Do lado feminino da fórmula (A), as mulheres buscam no parceiro (Φ), um significante (falo) para atenuar no seu ser, a falta de significação inerente a sua sexualidade. Nesse caso, o que a formulação da sexuação esclarece para pensarmos a neurose obsessiva em mulheres? Que a mulher histérica ou obsessiva encontre na posse fálica uma roupagem simbólica para ornamentar a sua feminilidade?

Na histeria, essa ornamentação se traduz a partir da insatisfação em ocupar um lugar de objeto ($\mathcal{S} \diamond a$) na fantasia de um homem. Para a mulher obsessiva, essa posição é multiplicada ($\mathcal{S} \diamond a, a' a' a' \dots$) pela oferta de objetos no qual ela se dispõe a produzir para o parceiro. Diferente da obsessiva, a mulher histérica dá a sua falta a ser por não acreditar no semblante fálico, enquanto a mulher obsessiva dá o seu ser objetal ($a, a' a' a'$), por acreditar que o falo é o recurso que a inscreverá como toda na ordenação fálica.

Lacan assegura que,

Primeiro, as quatro fórmulas proposicionais, em cima, duas à esquerda, duas à direita. Quem quer que seja ser falante se inscreve de um lado ou de outro. À esquerda, a linha inferior, indica que é pela função fálica que o homem como todo toma a inscrição, exceto que essa função encontra seu limite na existência de um (x) pelo qual a função fálica é negada. Aí está o que chamamos função do pai, onde procede pela negação à proposição, o que funda o exercício do que supre, pela castração, a relação sexual, no que esta não é de nenhum modo inscritível. Em frente vocês têm a inscrição da parte mulher dos seres falantes. A todo ser falante, como se formula expressamente na teoria freudiana, é permitido, qualquer que ele seja, quer ele seja ou não provido dos atributos da masculinidade, atributos que restam a determinar, inscrever-se nesta parte. Se ele se inscreve nela, não permitirá nenhuma

universalidade, será não-toda, no que tem a opção de se colocar na função fálica ou bem de não estar nela (1972-73[1985], p.107).

No Seminário “As Formações do Inconsciente” Lacan (1957-1958[1999]), aborda um fragmento de caso de neurose obsessiva feminina publicado por Maurice Bouvet. Nesse seminário, Lacan pronuncia que a paciente vai à análise a fim de se livrar de uma obsessão sacrílega, o que a impede de sair às ruas para comprar sapatos. A paciente informa que “toda manhã, a caminho do trabalho, passo em frente a uma loja funerária onde há quatro crucifixos expostos. Ao olhá-los, tenho a sensação de estar andando sobre o pênis deles. Experimento uma espécie de prazer agudo e angústia” (p.463).

Para Lacan (1957-1958[1999]), a proibição para comprar novos sapatos estaria associada ao valor fetichista que esta obsessiva dava ao acessório ortopédico. “O analista não pode deixar de reconhecer o valor fálico do sapato.” (p. 463). Em seus sonhos, essa mulher afirmará que “esmagava a cabeça de cristo a pontapés, e essa cabeça, acrescenta, parecia a sua” (p. 463). Lacan nos alerta que a paciente identifica a sua imagem à imagem de Cristo a qual ela encena pisotear.

Conforme Lacan (1957-1958[1999]), os objetos pisoteados representam, na fantasia, a posição de objeto que essa obsessiva é no desejo do Outro. Quanto à questão de sua sexualidade, Lacan informa que “o que ela demonstra, nessa ocasião, é que, ao querer apresentar-se como tendo aquilo que ela sabe perfeitamente não ter, trata-se de algo que tem para ela um valor diverso, que chamei de valor da mascarada. Ela faz de sua feminilidade, justamente, uma máscara” (p. 466).

No Seminário VIII, “A Transferência” (1960 [1992]), especificamente no capítulo XVIII, Lacan faz um comentário acerca da função da fantasia na neurose obsessiva. Abordando o tema da neurose obsessiva a partir desses dois operadores (fantasia e função fálica), o autor comunica que nessa neurose a função fálica empresta seu valor a série de objetos do obsessivo. A fórmula da fantasia obsessiva, $(A \diamond \Phi (a, a', a'', a'...))$, revela que a posição subjetiva da paciente de Bouvet se presta a todo tipo de disfarce.

Os quatro crucifixos são apenas uma referência à série de objetos falicizados pela paciente de Bouvet. A analisante de Bouvet narra um sonho em que afirma estar em um serviço hospitalar no qual a sua mãe faz uma denúncia contra ela para a supervisora do hospital. No sonho, a mãe fala muito mal dela, fato que a deixa furiosa. Ao sair do hospital, ela entra em uma loja e compra um par de sapatos. Logo em seguida, depois de comprar os sapatos, ela começa a injuriar a sua mãe e o supervisor do hospital. Em sua associação, a paciente de Bouvet relatara que o sapateiro era muito parecido com o analista, e que o chefe

do serviço hospitalar era bastante semelhante com o seu pai. Para Ribeiro (2001, p.92), “o chefe do serviço era ao mesmo tempo amado, porque era justo, como seu pai, e temido, por seu renome e por toda a importância que o cercava”.

Durante o relato do sonho para o analista (Bouvet), a paciente identifica o chefe do serviço hospitalar com o próprio pai. No sonho, a paciente dirige insultos ao chefe, no entanto, estas ofensas são injúrias endereçadas ao pai, que não soube proteger a filha do gozo materno.

Foi, a partir desse caso relatado por Bouvet, que Jacques Lacan abordou questões fundamentais sobre a neurose obsessiva feminina. Lacan o comentou em dois seminários (Seminários V, VIII). A paciente de Bouvet era uma mulher de cinquenta anos de idade, esposa e mãe de dois filhos. Essa mulher apresentava agressividade, compulsão ligada a temas religiosos, e, principalmente, um conflito moral com dimensões messiânicas. Sua hipermoralidade era cercada pelo pavor de contrair sífilis. Uma obsessão infanticida em relação ao filho a obsedava constantemente. A paciente relata que essas obsessões se iniciaram logo que se casou, o que a fez diminuir suas possibilidades de engravidar, pois temia colocar em ato sua obsessão infanticida.

A paciente comentava que aos sete anos já era neutralizada pela ideia de envenenar seus familiares. Para se ver livre dessas ideias, pulava três vezes. Durante a puberdade, afirmara que desenvolveu a obsessão de estrangular o próprio pai e, ao mesmo tempo, jogar alfinetes na cama dos pais para ferir a sua genitora. Durante a adolescência, sua mãe a submete a uma educação religiosa bastante rígida. Em suas obsessões, as frases escatológicas eram constantes. A injúria, a blasfêmia e as ideias sacrílegas contra Nossa Senhora, eram, segundo a paciente, direcionadas contra a sua mãe. Notadamente as hóstias consagradas eram identificadas aos órgãos genitais masculinos, o que faz Lacan (1957-58 [1999]) afirmar que as hóstias eram falicizadas.

O próprio pai dessa paciente era rebaixado pela figura materna. Para Lacan (1957-58[1999]), o relato da paciente de Bouvet mostra que o objeto fálico era objeto de rebaixamento.

Na discussão desse caso clínico, Lacan (1957-58[1999]) afirma que,

Não haverá nisso o bastante para demonstrar que o que está em pauta é o que lhes aponte ser a relação do sujeito com o desejo da mãe? O problema do desejo introduz-se precocemente na vida do sujeito, o que é particularmente manifesta na história do obcecado, e esse desejo leva a isto, que o sujeito vê perfilar-se para ele, como fim, não ter isto ou aquilo, mas, antes de mais nada, ser o objeto do desejo da mãe, com o que isso implica, a saber, subtrair aquilo que é, mas é desconhecido. O

objeto do desejo da mãe é precisamente aquilo do que depende tudo o que, para o sujeito, a partir daí, irá ligar a abordagem de seu próprio desejo a um efeito de destruição, e aquilo que, ao mesmo tempo, define a aproximação desse desejo como tal do falo, na medida em que ele é, por si só, o significante do efeito de desejo na vida do sujeito (p.464).

3.6. O Pai, sua Função e a Neurose Obsessiva

O bebê, bem antes de nascer já é um projeto subjetivo no desejo da mãe. A incidência do amor materno registra a criança num espaço imaginário que o lançará na lógica edipiana. A “sua majestade o bebê” (Freud. 1914[1996] chega à cena do mundo lançando um grito no espaço que logo receberá uma significação. É fome ou sede? Calor ou Frio? Pronto, o grito opaco torna-se apelo, logo, torna-se um significante. É no desdobrado da demanda materna que o inconsciente materno se torna um saber que vem dar conta de uma falta de saber sobre o instintual. Na medida em que a demanda faz barreira a necessidade, a pulsão dá a criança à sua garantia de vida. São esses elementos (necessidade, demanda e desejo) que se apresentam nos primórdios do Édipo.

Na cena edípica, o pai é uma função que baliza para a mãe o significante de seu desejo. O pai é, portanto, uma função tributária do desejo da mãe. A função paterna ressignifica tanto para o bebê quanto para a mãe os lugares estruturantes da humanização do sujeito. Consequentemente será através da mensagem materna que o discurso paterno mediará a presença do pai no simbólico.

Na neurose obsessiva, o pai não se significa para a mãe como aquele que pode suprir integralmente o desejo materno. Por isso, o pai, nessa neurose, claudica, ele está sempre em dificuldades, pois tem problemas em se sustentar como desejante para a sua mulher. Quando a lei do pai não cumpre a função de criar um interdito no desejo da mãe em relação ao filho, a criança é sitiada pelo desejo materno. Portanto, na neurose obsessiva, a mãe pode situar a criança como suplência da mancada paterna.

No seminário “As Formações do Inconsciente” Lacan (1957-58[1999]), afirma que,

A experiência analítica nos prova que o pai, como aquele que priva a mãe do objeto de seu desejo, a saber, o objeto fálico, desempenha um papel absolutamente essencial, não direi nas perversões, mas em qualquer neurose e em todo o desenrolar, por mais fácil e mais normal que seja do complexo de Édipo (p. 190).

Para que a estrutura edípica seja constituída para a criança é necessário que um significante venha ocupar esse lugar de substituição no desejo da mãe. O falo paterno, enquanto significante que une o desejo à lei, orienta o gozo materno e livra a criança de ser

devorada pela vontade de gozo da mãe. Quando o desejo da mãe não se dirige ao pai, o desejo da criança fica circunscrito ao desejo da mãe.

Deste modo, o neurótico obsessivo estará sempre tentando velar a depreciação da imagem paterna pela mensagem materna. Seu sintoma já é em si efeito da vacilação paterna. O sonho da mulher obsessiva analisado por Bouvet revela a estratégia de sua paciente para salvar o pai. No sonho, o pai surge identificado à figura fálica do chefe do serviço hospitalar no qual essa paciente trabalhava.

Situado como objeto coringa²⁷ do desejo materno, o futuro obsessivo é falicizado pelo amor materno. Assim, ele (criança) se tornará essa carta (coringa) que balizará para a mãe os impasses com esse pai imaginário. O pai do neurótico obsessivo é o imaginário do pai, ou seja, o neurótico é alguém que está sempre atrás de um pai no Outro. Enfim, Freud (1909) mostrara que essa figura imaginária se apresentava através da imagem poderosa e obscena que o Homem dos Ratos denominou de capitão cruel (Capitão Menezek).

3.7 A Mulher Obsessiva na Clínica Psicanalítica Contemporânea

Na atualidade, observa-se a presença de relatos clínicos que tratam o tema da neurose obsessiva feminina a partir de vários enfoques. Entre esses, encontramos um tema bastante pertinente que correlaciona os efeitos do discurso contemporâneo em relação ao dialeto obsessivo.

O que se vivia no âmbito privado agora é vivível no espaço público? Essa é uma das interrogações da psicanalista Ana Costa (1999). Pode haver modificações nas estruturas clínicas a partir das condições discursivas de cada época? Essa é uma questão que Chemama (1999) lança em seu texto. Para Cottet, (2008) a ordem discursiva não garante a estrutura, mas apenas dialoga com a estrutura. A partir dessas problemáticas pretendemos fazer dialogar os diversos pontos de vista sobre a neurose obsessiva feminina na contemporaneidade.

No artigo “A Obsessão e a Clínica Contemporânea”, Ana Costa (1999) comenta que Freud introduziu o conceito de “fixação da libido”, por conta da fixação anal do neurótico obsessivo. Em sua observação, a autora mostra que Freud manifestou-se surpreso ao encontrar algo denominado de bilinguismo nas manifestações obsessivas. Logo, Freud foi surpreendido mais pelo caráter acidental dessa neurose do que pela sua definição de escolha da neurose a partir da fixidez libidinal. Ana Costa (1999) expõe que, em Freud, a expressão “fixação da

²⁷ No jogo de cartas, o coringa funciona como uma carta que suplementa a ausência de outra carta, que possivelmente garantiria o sucesso do jogo.

libido” perde vigência, no entanto, a ideia de estrutura forjada por Jacques Lacan fundamenta-se em certa fixação.

O que interessa para a autora são as razões que explicam as manifestações, na clínica contemporânea, a evidência do trânsito das mulheres entre a histeria e a obsessão, juntamente com a incidência do bilinguismo entre essas duas neuroses. Apoiada no texto “A disposição à Neurose Obsessiva” (1913a), Ana Costa (1999) retoma o caminho em que Freud se vê surpreendido pela passagem entre uma expressão histórica e um dialeto obsessivo.

Em seu trabalho, Ana Costa (1999) revela que na contemporaneidade, “os destinos da significação feminina não se decidem mais exclusivamente pelo dom do filho, abre-se uma dupla vertente que muitas vezes opera de forma dissociada” (p. 13). A autora comenta que, em Freud, o apelo histórico advém da reivindicação de receber um filho do suposto parceiro. Portanto, se a mulher contemporânea não reivindica a sua feminilidade a partir da maternagem, supõe-se que a dissociação entre feminilidade e maternagem produziu giros discursivos que lançaram novas questões para a mulher contemporânea.

Aproveitando a expressão de Gerard Pommier (1992), Ana Costa (1999) afirma que com a dissociação entre “o pai do sexo e o pai do nome”, a mulher tende a fracassar na tarefa de produção tanto do sexo quanto do nome. Para Ana Costa (1999), na atualidade, a mulher está incumbida de produzir um sexo e um nome. Se o pai é aquele que nomeia a sexualidade é porque ele é o pai do sexo. Da mesma forma só haverá nome se houver um pai para o nome, pois o pai é aquele que nomeia tanto o sexo quanto o nome. Logo, se a maternagem não dá conta de nomear a feminilidade, a mulher terá que fabricar tanto um pai para o nome quanto um pai para o sexo.

Diante dessa problemática, Ana Costa afirma que,

Com o filho esperava-se resolver a conjunção entre o sexo e nome (ter um sexo e ter um nome - ser e ter). Com o fracasso cultural na definição da mulher como mãe, ou seja, de situar a natureza feminina como mãe, as mulheres precisaram incumbir-se de produzir tanto o sexo quanto o nome, do lado da atividade antes reservada aos homens. É ali que se situa o segundo tempo do fracasso, disparador da obsessão: o fracasso na representação da potência de satisfação, reduzindo a atividade sexual a elementos ritualísticos. Hoje talvez o templo obsessivo tenha encontrado seu lugar originário: o quarto do casal. (1999, p.13)

O saldo dessa operação fracassada retorna através da obsessivação da figura feminina por lugares idealizados na civilização. Conforme Costa (1999), o fracasso dos registros paternos (pai do nome - pai do sexo) resulta da imperícia da histórica em conjugar tanto o pai

do nome quanto o pai do sexo. Já o fracasso obsessivo resulta da não separação entre o “pai do sexo e o pai do nome”.

Para a pesquisadora (1999), a mulher atual se vê deslocada diante de uma civilização em que o ideal de feminilidade desdenha da maternagem. Logo, mostra que se a histérica fracassa na conjugação desses registros (pai-sexo), a obsessiva fracassa exatamente na separação desses significantes.

Apoiando-se no trabalho de Kehl (1998), Ana costa (1999) conclui que,

A mulher descrita por Freud vivia no âmbito privado a incidência da obsessão pela perda da função genital (procriação) como possibilidade de representação de identidade - as mulheres passaram hoje a viver no âmbito público com muito maior antecedência: hoje as obsessivas rejuvenesceram, tanto na idade, quanto na imagem (1999. p.14).

Resta saber se a maternagem decreta a falência da genitalidade. Se as mulheres do século XIX viveram, no espaço privado, a perda da função procriadora como um sintoma, as mulheres da atualidade vivenciam no âmbito público essa mesma questão. Para Ana Costa (1999), a incidência de neurose obsessiva em mulheres apenas ressalta a presença de uma entidade clínica que se impõe no interior da cultura individualista atual.

Para Costa (1999), o bilinguismo característico da neurose obsessiva evidencia que o endereço discursivo da obsessão faz uma passagem necessária pelo núcleo histórico. “No entanto, talvez essa condição bilíngüe seja mais evidente no caso de mulheres, na particularidade que assume seu sexo na função fálica” (COSTA, 1999, p. 14).

No artigo “A Neurose Obsessiva Feminina Hoje”, Chemama (1999) questiona se há uma atualização nas estruturas clínicas por conta das condições discursivas de cada época. As estruturas conservam os mesmos traços? O autor (1999) afirma de forma categórica a presença de mudanças estruturais por conta dos efeitos discursivos.

Para esse autor, os giros discursivos não são produtores de estruturas clínicas, mas o discurso de uma época pode modificar os traços estruturais na patologia. Será a partir desse ponto de vista que Chemama (1999) defenderá uma maior incidência do discurso obsessivo em mulheres na atualidade. Para o autor (1999), o falo tem deixado de ser o significante que orienta o desejo sexual.

Chemama (1999) mostra que não é metáfora paterna que deixou de ser o significante que orienta o desejo sexual, mas a imago paterna que vem deixando de orientar a posição do sujeito em sua relação com o fálico. Se o papel do pai e da mãe são relativizados na civilização contemporânea, cada vez mais tende a se anular a diferença entre os sexos. Para o

autor, se o falo deixa de cumprir, no discurso, o signo da diferença, tudo se relativizará ao mesmo. Para o autor (1999), se o falo deixar de cumprir no discurso o signo da diferença, tudo se relativizará na relação com o mesmo.

Chemama conclui que.

O que se passa, quando o significante declina, de um algum modo, no discurso social? Ele não desempenhará mais seu papel de corte. Para uma mulher, sobretudo, pode-se conceber que isso possa engajá-la de uma maneira muito diferente. Digamos que isso marcará seu próprio estilo. O discurso tenderá a se reduzir a cadeias de razões, em que nada vem substituir um ponto de parada. Ora, esta é a própria definição do estilo obsessivo. Concebe-se que haverá, senão forçosamente uma multiplicação das neuroses obsessivas femininas, mas pelo menos, uma espécie de obsessivação do discurso feminino. (1999, p. 24)

Esse discurso sem corte que reproduz o dialeto obsessivo tende a excluir o sujeito diante de seu desejo. O obsessivo se esvanece diante daquilo que o causa. Para esse autor (1999), a sociedade atual tende a foracluir o desejo a fim de engajar o sujeito em um discurso que beira a ritualização.

No trabalho intitulado “Neurose Obsessiva Feminina”, Serge Cottet (2008) lança uma questão de partida: existe uma especificidade da neurose obsessiva feminina que a atualidade faz reaparecer?

Para Cottet (2008), contemporaneamente há uma proliferação da sintomatologia obsessiva que pode ser observada em sujeitos femininos, mas que não comprova a estrutura. O autor comenta que “não basta a mania de arrumação, nem de arrumar a cama perfeitamente todas as manhãs, ou de organizar meticulosamente sua biblioteca para ser obsessivo” (2008, p.1). Para o autor, a ordem do discurso contemporâneo não garante a proliferação da estrutura. “Isto é, são o sentido e a função do sintoma que determinam sua estrutura e não a observação de um comportamento” (p.4).

Em Cottet (2008), o dispositivo discursivo da sociedade atual pode patrocinar a construção de um apelo discursivo que faz par com o dialeto obsessivo (próteses, corpos esculturais, ginásticas, compulsões por objetos). Portanto, o discurso é obsessivo, diferente da estrutura que se apoia em outros parâmetros diagnósticos. Logo, Cottet (2008) se apoia em variáveis estruturais, contudo não despreza os efeitos contemporâneos para se pensar a questão da neurose obsessiva.

Seja a estrutura, a discursividade da sociedade atual, a posição da mulher ante os novos apelos culturais, o que se presencia é tão somente a grande incidência de traços estruturais que dialogam com a estrutura obsessiva, mas isso, segundo Cottet (2008), não

garante a estrutura. Consequentemente, essa discussão entre os autores aqui citados revelam os efeitos do discurso sobre a estrutura, o que aponta para as consequências das mudanças da função simbólica (fálico) sobre a estrutura. Chemama (1999) mostra que a falência da ordem fálica atinge muito mais a figura feminina, pois as mulheres tendem a construir próteses simbólicas para se inscrever na ordem do discurso.

Se o discurso revela a estrutura, é porque a estrutura se apoia no discurso. Deste modo, o discurso como efeito de estrutura não apreende toda a estrutura, pois algo da estrutura escapa ao discurso. O dialeto obsessivo é um exercício linguageiro que visa encobrir a falta de simbolização (o furo na estrutura) na própria estrutura. Aqui o sintoma não garante a estrutura, mas a estrutura garante os traços sintomáticos.

No século XIX, a moral sexual civilizada serviu em parte para aprisionar a conduta feminina. Históricas ou obsessivas, as mulheres contemporâneas estão caminhando de mãos dadas em torno de um discurso que faz plágio com o dialeto obsessivo. Enfim é preciso advertir que não é o cultural que dá sustentação às estruturas clínicas, mas esse apenas interage com a discursividade contemporânea.

Estando incumbidas de produzir um lugar ideal para a mulher na cultura, elas são levadas a dissociar sexualidade e feminilidade pela via da separação do sexo pelo nome. Quanto a essa questão, Ana Costa (1999) chega a considerar que “o sinal dos tempos (dificuldades do mercado em acolher um ideal profissional pela falta de oportunidade), fortalece o sacrifício obsessivo” (1999. p.13). Enfim, se o ideal de feminilidade fracassa, o ritual obsessivo fortalece a busca obstinada pelo ideal cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em seu princípio, nossa pesquisa nos levou a demarcar as primeiras teses de Freud acerca da neurose obsessiva. Nelas, o ponto de partida diz respeito ao caráter opositor do “eu” em relação às representações que inibem as ações do neurótico. A partir de então, a neurose obsessiva passou a ser considerada uma patologia do “eu”. A discussão dos textos inaugurais de Freud (1893-1894[1996]) nos levou a constatar, também, que o desejo na neurose obsessiva é afetado pela presença de um “eu” forte que procura inibir sua expressão, fator que abre as portas para a teorização das relações entre o desejo na neurose obsessiva e a edificação de suas defesas. Esses trabalhos revelaram que a “eu-cracia” dessa neurose tem a função de deslocar grande soma de investimento libidinal para o pensamento.

Freud (1893-1894[1996]) nos deixou reflexões clínicas de mulheres obsessivas, por ele atendidas que inibiam seus desejos pela via obsessiva e compulsiva. Os textos de Freud são reveladores dessa particularidade quanto à neurose obsessiva em mulheres, o que abordamos no terceiro capítulo dessa dissertação.

O caráter compulsivo das obsessões é descrito por Freud em “Obsessões e Fobias”. Nesse trabalho, Freud (1894 [1996]) descobre que as compulsões se apresentam como recursos defensivos usados pelo “eu” para se proteger de representações que ultrapassaram a barreira do recalque. Portanto, havendo uma falha no sistema defensivo da neurose obsessiva, o “eu” fará uso dos dispositivos compulsivos para tentar se proteger das representações obsessivas que lograram o recalque. As problematizações freudianas descritas em “Neuropsicoses de Defesa” (1894) e “Obsessões e Fobias” (1895) expressaram que as compulsões obsessivas dialogam com a dimensão subjetiva do pensamento em toda a sua extensão.

Nesses dois trabalhos, Freud (1893-1894 [1996]) anuncia que a neurose obsessiva compulsiva deriva do encontro com algo que representa o desejo do neurótico. Fazendo referências teóricas às problematizações apontadas por nossa investigação, buscamos, a partir dessa pesquisa, fazer as correlações possíveis entre a neurose obsessiva em mulheres e os destinos da sexualidade feminina. Os textos “Neuropsicoses de Defesa” (1894) e “Obsessões e Fobias” (1895) ambos escritos por Freud, denotam que Freud iniciou a construção dessa entidade clínica (Neurose Obsessiva) a partir da análise de casos de neurose obsessiva em mulheres. Esse fato revelou que a incidência de neurose obsessiva jamais esteve associada por Freud aos homens. Logo, poderíamos desconsiderar a partir das nossas observações que a

histeria estaria aliada à dimensão da feminilidade, à medida que a neurose obsessiva se associaria mais ao elemento viril da masculinidade.

Não estamos afirmando que Freud realizou uma divisão entre obsessão (masculinidade) e compulsão (feminilidade). Esses achados nos autorizam (pelo menos em parte) a desmistificar a ideia de uma maior incidência de neurose obsessiva em homens.

Essa questão reavivou o ponto de partida de nossa problemática de pesquisa, que trata de compreender a estrutura da neurose obsessiva em mulheres e suas consequências para pensar os destinos da feminilidade. Se Freud vaticinou três destinos para a mulher (1931-33), em Lacan o mistério da sexualidade feminina não encontra uma representação para o enigmático gozo feminino.

A entrada no texto “Atos Obsessivos e Práticas Religiosas” (1907a [1996]) nos ajudou na fundamentação dessa conclusão de pesquisa. O caráter oculto dos rituais compulsivos da neurose obsessiva se apresenta para Freud como práticas privadas, diferente das atividades religiosas que aglutinam um maior número de fiéis pela via pública. Em Freud (1907a), a religião faz laço social com as deidades a fim de acessar o nível simbólico. Lacan (1957-1958 [1999]) comentou casos de neurose obsessiva publicados por Maurice Bovet e por Farbairn em 1950. Nessa ocasião, Lacan relatou que a paciente de Bouvet era envolvida pela fantasia sacrílega de pisotear a cabeça de cristo, e ao mesmo tempo, caminhar por cima do pênis do redentor com um salto pontiagudo. Esse fato é bastante revelador da aproximação entre religião e neurose obsessiva feminina, tanto em Freud quanto em Lacan.

Com Freud, aprendemos que o menino sai do Édipo pela incidência do complexo de castração, já a menina entra na lógica edípiana pelo complexo de castração. Se o primeiro se submete à lei do desejo edípiano através da identificação com a lei paterna, a segunda passa a aderir ao desejo edípiano através da relação amorosa com aquele que mostra deter a posse daquilo que a menina deseja obter. A temporalidade edípiana instala uma dissimetria entre o tempo de entrada e saída do Édipo para ambos os sexos. O menino instala sua temporalidade no simbólico, no fálico, portanto. Já a menina, por conta dos percalços com a construção da sexualidade feminina, passaria ao mais além do Édipo.

Esses apontamentos nos encaminham para o capítulo II (Neurose e Sexualidade) da pesquisa, que visou traçar as especificidades da constelação edípica da menina e as consequenciais dos seus percalços na neurose obsessiva em mulheres.

Em “Hereditariedade e a Etiologia das Neuroses” (1896a), Freud lança uma discussão que irá mudar de vez a leitura entre sexualidade e as condutas morais da sexualidade. Trata-se da relação entre a hereditariedade e os impasses para a construção da sexualidade humana.

Os textos de Freud (1905b [1996]) revelam que a discussão com as normas sexuais da visão biomédica abriu espaço para a ampliação do conceito de sexualidade, principalmente a partir do complexo de Édipo e do complexo de castração, o que traz como consequência a implicação do sujeito com aquilo que causa o seu desejo.

Esses achados freudianos particularizaram a relação do sujeito com o objeto sexual, sobretudo se tomarmos como referência o conceito de fantasia e pulsão. Foi a partir desses fundamentos que buscamos as respostas possíveis para as questões levantadas na pesquisa. Esses trabalhos iniciais de Freud (1897a, 1897b [1996]) tiveram a função de marcar a incidência das neuroses a partir das experiências vivenciadas na primeira infância. Sendo a partir da descoberta do complexo de Édipo (Carta 71) e da sexualidade infantil (Carta 75), que foi possível adentrarmos com Freud nas questões que envolvem essa pesquisa. A emergência dos fatores sexuais das neuroses nos ajudou a traçar relações entre a especificidade da sexualidade feminina e sua relação com a neurose obsessiva compulsiva, pela análise do Édipo feminino.

A aproximação entre neurose e sexualidade foi imprescindível para a pesquisa, pois permitiu visualizar que a sexualidade humana está articulada com a escolha da neurose, principalmente a partir do posicionamento do sujeito no complexo de Édipo. Será a partir das lembranças recalcadas na infância, juntamente com a produção de fantasias, que Freud tecerá novos discernimentos entre neurose e sexualidade.

Foi a partir do trabalho “Minhas Teses Sobre o Papel da Sexualidade na Etiologia das Neuroses” (1905a [1996]), que encontramos respostas para imbricada relação entre neurose obsessiva, sexualidade e Édipo feminino. Se Freud deixou de acreditar em suas neuróticas, pelo menos, foi a partir desse texto que ele se encaminhou para o agenciamento das fantasias sexuais à luz da sexualidade infantil e do complexo de Édipo. Logo, observamos que fantasia, neurose e sexualidade dialogam com o Édipo.

Nos “Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade” (1905b [1996]), Freud afina a sua discussão, afirmando que os sintomas correspondem às atividades sexuais dos neuróticos. A priori, o menino renuncia ao seu objeto sexual para se resguardar da castração simbólica. A menina usa o artifício da sexualidade clitoridiana para se manter no Édipo a fim de imaginariamente portar o órgão peniano. Esse alibi da mulher deixa de funcionar quando a menina recalca o erotismo clitoridiano e passa a construir a sua sexualidade feminina a partir da sexualidade genital.

No trabalho “A organização Genital infantil” (1923), Freud anunciou o acesso à feminilidade como consequência do Édipo feminino. Ao comentar que a vida erótica das

crianças “vai muito além e não se limita unicamente ao surgimento da escolha objetal” (p. 158), Freud situa a experiência edipiana como o núcleo central das neuroses. Se a dissimetria sexual entre meninas e meninos se especificava pela equivalência entre pênis/clitóris, agora será através da assimilação da falta de pênis na menina que a diferença sexual se estabelecerá para ambos os sexos. O conceito de falo, introduzido por Freud, vem marcar a representação psíquica da diferença sexual e, por consequência, o registro da castração para o menino. Logo, é o falo que opera a dissimetria entre masculino e feminino.

A problemática de Freud nos conduziu ao Édipo feminino, e dele retiramos as respostas possíveis para compreender os destinos da sexualidade feminina e sua relação com a neurose obsessiva. O texto de Freud “Algumas consequências Psíquicas da Distinção anatômicas entre os Sexos” (1925), vem marcar a complexa trama existente no Édipo feminino. Nesse opúsculo, Freud mostra que a falta de apêndice fálico no corpo da menina é compreendido como uma punição inerente a uma cicatriz no Édipo feminino. Portanto, foi a partir desse ponto de vista que procuramos correlacionar o texto “Algumas consequências Psíquicas da Distinção entre os Sexos” (1925), ao trabalho “Uma Criança é Espancada” (1919), pois a junção desses dois trabalhos nos levou a tecer novos achados entre a neurose obsessiva em mulheres, os destinos da sexualidade feminina e sua relação com o complexo de Édipo e o complexo de castração nas meninas.

No trabalho “Uma Criança é Espancada” (1919), Freud adentra na fantasia neurótica da menina, fato que garante a produção de questões relevantes para a nossa discussão. Dialogar com esse texto foi imprescindível para os nossos achados, principalmente a partir da posição subjetiva da menina nos tempos da fantasia. A posição desejante da menina na fantasia para se manter amada pelo genitor demarca um lugar subjetivo na cena. Ser o falo para o pai é um referência para assimilação do lugar edípico que a neurótica pretende ocupar.

Na exegese dos textos, com fins de darmos conta dos objetivos de nossa pesquisa, observamos, a partir de Freud (1919 [1996]), que a entrada no segundo tempo da fantasia de espancamento advém das consequências que a neurótica terá que assumir para sustentar a posição de amada e desejada na fantasia de espancamento. Diante da impossibilidade de se fazer desejante, a menina entra no segundo tempo da fantasia a fim de inviabilizar as consequências de seu desejo edipiano.

Consequentemente, o desejo está enlaçado ao nó edipiano e aos destinos da sexualidade feminina. A tortura subjetiva inerente ao desejo incestuoso da menina em relação ao pai dá o prognóstico edípico entre a saída obsessiva e a saída histórica. Nesse caso, a

pesquisa comunica que, em parte é a posição da menina na fantasia de espancamento (sedutor/seduzido) que produzirá a escolha da neurose.

Para Freud (1919 [1996]), o segundo e o terceiro tempo da fantasia conjugam os três tempos pulsionais implicados na fantasia de espancamento: “o meu pai espanca uma criança, que eu odeio em mim” (p. 201). Em decorrência da posição subjetiva assimilada pela menina na fantasia, ela construirá pela via fantasmática uma saída para marcar sua posição desejante na lógica edípica. Se, na histeria, tornar-se o objeto da própria fantasia é a saída usada para não se implicar com a condição de portadora de um desejo, na neurose obsessiva, esse desejo é impossível. Essa posição diante do desejo anuncia o destino da sexualidade feminina e a escolha da neurose.

No texto “A dissolução do Complexo de Édipo” (1924 [1996]), Freud relativiza a construção da sexualidade feminina a partir da equação simbólica (falo=filho). Porém, a pesquisa aponta que, em se tratando de neurose obsessiva em mulheres, haveria, por parte da neurótica, uma dificuldade em se postar como o falo.

Estariam elas mais atrapalhadas quanto a isso? Essa questão se coloca à medida que na fantasia de espancamento (1919), a menina recuará diante do desejo de se fazer o falo para o pai. Logo, o que a desloca para outra posição subjetiva na fantasia não é somente o sentimento de culpa, mas também a falta de implicação com seu desejo. Desejo, gozo e culpabilidade são os temperos subjetivos da fantasia de espancamento.

A conclusão mostra que no texto da “Sexualidade Feminina” (1932), Freud passa a tecer comentário sobre a intensidade da duração da relação da menina com a mãe. Reportando-se ao período pré-edípico das meninas para com suas mães, Freud (1932 [1996]) se empenha em compreender a força que fixa o Édipo feminino às insígnias da mãe. Esses elementos se mostraram reveladores para o avanço da pesquisa, principalmente por prenunciar os percalços que a mulher tornada obsessiva encontrará no caminho de construção de sua sexualidade feminina. Desse modo, conjecturamos que Freud parece querer associar o conceito de supereu feminino à fase pré-edípica da menina. Esse supereu primitivo, segundo Freud (1932 [1996]), encontra sua expressão através das “múltiplas restrições impostas no decorrer do treinamento e do cuidado corporal” (p.235) que uma mãe, na fase pré-edípica, destina para a criança.

Portanto, a neurose obsessiva resulta do dispositivo que coloca a menina como suplência para o desejo materno. Enfim, o dispositivo de suplência o qual a menina é chamada a ocupar, é revelador das condições subjetivas encontradas nessa neurose, aspecto esse que constitui o maior impasse para o acesso à feminilidade para as mulheres obsessivas, uma vez

que essa ligação problemática à mãe e a sua dificuldade em superá-la, bem como a ambivalência de sentimentos para com ela, a faz ficar à mercê da face primitiva do supereu, aquela que se acha relacionada ao Outro materno e que remonta à fase pré-edípica.

No Seminário V “As Formações do Inconsciente” (1957), Lacan chega a comentar que não se dispõe de tantas análises assim da neurose obsessiva em mulheres. Para este clínico, a problemática da neurose obsessiva incide na relação do sujeito com o seu desejo. Em Lacan (1957), a dialética do desejo na neurose obsessiva está marcada pela proibição do desejo.

Lacan discute no Seminário II “O eu na Teoria de Freud e da Psicanálise” (1954) o caso Fairbairn e revela que este último (Fairbairn) apoia a sua discussão clínica a partir dos parâmetros anatômicos da sexualidade humana. Diante do erro conceitual de Fairbairn, Lacan (1954) questiona o diagnóstico feito por esse clínico e diz se tratar de um caso de neurose obsessiva feminina.

No Seminário VIII “A Transferência” (1960), Lacan discute a lógica da fantasia na neurose obsessiva a fim de mostrar a posição subjetiva da paciente de Bovet. Para Lacan (1960), a paciente de Bovet prefere ofertar objetos em série a se posicionar como uma mulher que sustenta seu desejo. A tática defensiva da paciente de Bovet consistia em asfixiar o desejo do outro com a oferta de objetos para que ao outro nada falte.

Portanto concluímos, a partir da discussão de Lacan, que, na neurose obsessiva, a oferta de objetos é uma defesa contra o desejo. Se ao outro nada falta, não haverá por parte deste nenhuma solicitação desejante. Antecipar a demanda para inviabilizar o desejo é a estratégia usada pelos obsessivos. Nesse texto, Lacan (1960) comenta o erro diagnóstico de Bovet e afirma que se trata de neurose obsessiva feminina.

Enfim, finalizamos a conclusão desse trabalho de dissertação de mestrado, discutindo a Neurose Obsessiva em Mulheres na contemporaneidade. Associamos as conclusões dos clínicos contemporâneos, aqui discutido, a fim de extrairmos os diversos pontos de vistas pertinentes a nossa pesquisa. Ana Costa (1999) comenta que, na contemporaneidade, as manifestações sintomáticas da clínica atual evidenciam o bilinguismo comentado por Freud no texto “A disposição a Neurose Obsessiva” (1913). Dialogando com os apontamentos de Chemama (1999) sobre o tema da “neurose obsessiva feminina hoje”, mostramos que os giros discursivos não garantem as estruturas. Para Chemama (1999) o discurso de uma época pode apenas modificar os traços estruturais da patologia.

Será a partir desse ponto de vista que Chemama (1999) defenderá a incidência de neurose obsessiva em mulheres na contemporaneidade. Para Cottet (2008) não basta haver uma incidência de neurose obsessiva em mulheres para garantir a estrutura. Esse ponto de

vista de Serge Cottet (2008) não diverge de Chemama. Contudo Cottet (2008) não descarta o discurso da atualidade para se pensar a neurose obsessiva. Enfim, apoiado nas discussões dos clínicos contemporâneos, concluímos que os traços estruturais não garantem a estrutura, fato que depõe contra a maior incidência de neurose obsessiva em mulheres na atualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHEMAMA, Roland. A Neurose Obsessiva Feminina Hoje. In: **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre** / Associação Psicanalítica de Porto Alegre – n 17,1999. – Porto Alegre: APPOA, 1995.

COSTA, Ana. A Obsessão e a Clínica Contemporânea. In: **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre** / Associação Psicanalítica de Porto Alegre – n 17,1999. – Porto Alegre: APPOA, 1995

COTTET, Serge. **Neurose Obsessiva Feminina**. 2008. Disponível em: www.nucleosephora.com/...06/tradução-01.htm. Acesso em: 07/02/2010

DOR, Joel. **Estruturas e Clínica Psicanalítica**. Rio de Janeiro: Tauros Editora, 1994.

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. / Com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alix Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e do inglês sob direção geral de Jayme Salomão:

_____, (1894). **As neuropsicoses de defesa, volume III**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, (1895). **Obsessões e fobias, volume III**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, (1896a). **A hereditariedade e a etiologia das neuroses, volume III**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, (1896b) **Manuscrito K. As Neuroses de Defesa (Um Conto de Fadas Natalino), volume I**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, (1896c). **Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa, volume III**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, (1896d). **Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim, volume I.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, (1897a) **Carta 71, volume I.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, (1897b). **Carta 75, volume I.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, (1897c). **Carta 69, volume I.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, (1898a). **A sexualidade na etiologia das neuroses, volume III.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, (1898b). **O mecanismo psíquico do esquecimento, volume III.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, (1900). **A Interpretação dos Sonhos, volume IV.** Rio de Janeiro. 1996.

_____, (1905a). **Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses, volume VII.** Rio de janeiro. 1996.

_____, (1905b). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905) volume, VII.** Rio de Janeiro. 1996.

_____, (1905c). **Fragmentos da Análise de um Caso de Histeria, Volume VII.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, (1907a). **Atos Obsessivos e Práticas Religiosas, volume IX.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, (1907b). **O Esclarecimento Sexual das Crianças, Volume, IX.** Rio de Janeiro.

_____, (1908a). **Caráter e Erotismo anal, Volume, IX.** Rio de Janeiro. 1996.

_____, (1908b). **Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna, Volume IX.** Rio de Janeiro. 1996.

_____, (1909). **Notas Sobre um Caso de Neurose Obsessiva, Volume, X.** Rio de Janeiro. Imago 1996

_____, (1913a). **A Disposição à Neurose Obsessiva, Volume, XII.** Rio de Janeiro. Imago, 1996.

_____, (1913b). **Totem e Tabu, Volume, XIII.** Rio de Janeiro. Imago, 1996.

_____, (1914). **Sobre o Narcisismo: uma introdução, Volume XIV.** Rio de Janeiro, 1996.

_____, (1915). **As Pulsões e seus Destinos, Volume XIV.** Rio de Janeiro. Imago, 1996.

_____, (1919). **Uma Criança é Espancada, Volume XIX.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, (1920). **A Psicogênese de um Caso de Homossexualismo Numa Mulher, Volume XVIII.** Rio de Janeiro. Imago, 1996.

_____, (1922). **Alguns Mecanismos Neuróticos no Ciúme, na Paranóia e no Homossexualismo.** Volume XVII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, (1923). **A Organização Genital Infantil (Uma interpolação à teoria da sexualidade), Volume XIX.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, (1924). **A Dissolução do Complexo de Édipo, volume XIX.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, (1925). **Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos, volume XIX.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, (1924-5). **Inibição, Sintoma e Ansiedade, volume XX.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, (1929-30). **O Mal Estar na Civilização, volume XXI**, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, (1932). **A Sexualidade Feminina, volume XXI**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, (1933), **Feminilidade, volume XXIII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996

LACAN, Jacques. (1953-1954). **O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1953.

_____. (1954-1955). **O Seminário, livro 2: O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. (1956-1957). **O Seminário, livro 4: a relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

_____. (1957-1958). **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. (1960). Intervenção Sobre Transferência. In: LACAN, Jacques. In; **Escritos** Rio de Janeiro: Jorge Zahar., 1998.

_____. (1960). Diretrizes para um Congresso sobre a Sexualidade Feminina. In: LACAN, Jacques. In: **Escritos** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. (1960-1961) **O Seminário, livro 8: a transferência**_/ Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques Alain-Miller; versão brasileira de Dulce Duque Estrada; revisão do texto, Romildo do Rego Barros-Rio de Janeiro Ed. Jorge Zahar., 1992.

_____. (1961-1962). **O Seminário, livro 9: A identificação** Recife:Centro de Estudos Freudianos, 2003 Documento de circulação interna.

_____. (1972-1973). **O Seminário, livro 20: mais, ainda.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1985. 2 ed.

LACHAUD, Denise. **Ciúmes.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.

_____. **O inferno do Dever: o discurso do obsessivo.** Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007.

RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. **Um Certo Tipo de Mulher: Mulheres Obsessivas e Seus Rituais.** Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

ZALCBERG, Malvine. **A relação Mãe e Filha.** Rio de Janeiro: Elsevier 2003.

_____. **Amor, uma Paixão Feminina.** Rio de Janeiro: Elsevier 2007.